



Universidade de Brasília - UnB | Instituto de Psicologia - IP

Departamento de Psicologia Clínica - PCL

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG-PsiCC

Mapas Corporais Narrados em Homens em Situação de Rua

Leyland Galletti de Melo

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição

Brasília

2020

Universidade de Brasília - UnB | Instituto de Psicologia - IP
Departamento de Psicologia Clínica - PCL
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG-PsiCC

Mapas Corporais Narrados em Homens em Situação de Rua

Leyland Galletti de Melo

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília – IP/UnB

Brasília

2020

Universidade de Brasília - UnB | Instituto de Psicologia - IP
Departamento de Psicologia Clínica - PCL
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG-PsiCC

Mapas Corporais Narrados em Homens em Situação de Rua

Leyland Galletti de Melo

Banca examinadora

Brasília, 26 de março de 2020.

Profa. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição - PsiCC/PCL/IP/UnB (Presidente da Banca)

Profa. Dra. Larissa Polejack Brambatti - PsiCC/PCL/IP/UnB (Membro Titular)

Profa. Dra. Teresa Cristina Carreiro - ICHF/UFF (Membro Externo)

Profa. Dra. Sheila Giardini Murta. (Suplente) - PsiCC/PCL/IP/UnB

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente minha orientadora, Maria Inês Gandolfo Conceição, presente desde o início da minha trajetória no programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura na UnB, sendo a maior responsável por despertar meu interesse em pesquisa qualitativa e o método de mapas corporais narrados. Sou extremamente grata pelas orientações, leituras, comentários, críticas e sugestões durante todo o processo, porque as discussões proporcionaram a amplitude do meu objeto de estudo e aportes teóricos, inclusive desmistificando o meu papel como pesquisadora.

Agradeço também aos meus amigos do Centro Pop Taguatinga, que durante dois anos me deram apoio, motivação, em especial à gerência da Unidade (Thaís do Carmo Bento, Maria Elza Alexandre Campos e Geovane Santos de Moraes) pela flexibilização de horários e receptividade no desenvolvimento da pesquisa na Unidade. Destaco um carinho especial a Any Esther, auxiliar da pesquisa.

Aos participantes dessa pesquisa, pela disponibilidade de compartilhar comigo suas histórias por meio dos mapas corporais narrados. Aos membros da banca de defesa por terem aceitado ler este trabalho e contribuir para seu enriquecimento, Profa. Dra. Larissa Polejack e Profa. Dra. Teresa Carreteiro.

À minha família, minha mãe, meu irmão, minha cunhada, meus primos e meus filhos, que foram compreensivos durante todo o processo. Espero que a minha dedicação ao curso de pós-graduação *stricto sensu* seja inspiração para que a Dara e o Bernardo priorizem a busca pelo conhecimento assim como dizia Riley Bem King (BB King): o que é bonito sobre a aprendizagem é que ninguém pode tirá-la de você. Sendo assim, este é o maior legado que se pode deixar em vida.

Minhas queridas amigas, Adriana, Alice, Alzira, Carol, Danúbia, Mel, Thaís e Viviane que me deram amparo e amor durante o caminho, me fortaleceram com palavras, risadas, mensagens positivas para insistir e prosseguir, independente do contexto.

À Nalu, minha psicoterapeuta que me acompanhou em um momento difícil e doloroso, e à Luciana, atualmente, por estar comigo nessa jornada de crescimento pessoal.

Aos demais amigos, colegas e professores que me acompanharam nessa trajetória.

Por fim, transcrevo parte da música *My Way* do cantor Frank Sinatra que também fez parte do processo de realização.

My Way (1969)

*Regrets, I've had a few
But then again, too few to mention
I did what I had to do
And saw it through without exemption
I planned each chartered course
Each careful step along the by way
And more, much more than this
I did it my way*

*I've loved, I've laughed and cried
I've had my fill, my share of losing
And now, as tears subside
I find it all so amusing
To think I did all that
And may I say, not in a shy way
I did it my way*

Arrependimentos, tenho alguns
Mas então novamente, muito poucos a citar
Eu fiz o que eu tive que fazer
E vi por completo sem exceção

Planejei cada curso traçado
Cada passo cuidadoso ao longo do atalho
E mais, muito mais que isso
Eu fiz isto do meu jeito

Eu já amei, ri e chorei
Tive minhas conquistas, minha parte nas perdas
E agora, enquanto as lágrimas cessaram
Eu acho tudo isso tão divertido
E pensar que fiz tudo aquilo
E posso dizer, não de uma maneira tímida
Eu fiz isso do meu jeito

RESUMO

A discussão em torno da questão social da população em situação de rua vem ganhando destaque nos centros urbanos devido ao aumento de pessoas que passam a fazer da rua sua moradia. Este trabalho investiga a contribuição do método interventivo de mapa corporal narrado e história de vida em homens em situação de rua. Trata-se de um estudo exploratório na perspectiva da pesquisa qualitativa com seis homens, entre 25 a 50 anos, realizado no Centro de Referência para as Pessoas em Situação de Rua de Taguatinga-DF. Os mapas corporais narrados propiciam relatos não lineares, que buscam caminhos além da tradicionalidade das entrevistas estruturadas, com o pressuposto de procurar outros sentidos além da oralidade. As histórias pesquisadas possuem embasamento teórico na psicossociologia que busca a compreensão do fenômeno social e na psicanálise, com base nos princípios da teoria freudiana e kafkiana. Por este viés, realiza-se uma análise, um paralelo com a população em situação de rua, sobre a sua representatividade social, as relações de dominação na história. Por fim, o resultado do processo consiste em uma história composta por um mapa do corpo em tamanho real, o testemunho e a legenda dos símbolos, com foco na vivência em situação de rua. Por conseguinte, a análise dos dados identificou três temáticas principais no processo: (a) a rua, (b) drogas e (c) espiritualidade. (a) A desinserção social como processo de exclusão; (b) A população em situação de rua e aquelas que fazem uso de drogas estão nos grupos de “populações vulneráveis”; (c) Espiritualidade e fé na busca de um propósito. Os resultados mostraram que o mapa corporal com o auxílio do método história de vida foram ferramentas essenciais para compreender as representações dos participantes sobre a rua e seus significados.

Palavras-chave: Mapas corporais narrados. História de vida. População de rua.

ABSTRACT

The discussion around the social question of the population in street situation have been drawing attention in the urban centers due to the increasing of people that began to make the street their homes. This work investigates the contribution of the interventional method of body-map storytelling and life story in men in street situation. It is an exploratory study in the qualitative research perspective with six men, between 25 and 50 years old, carried out in the Centro de Referência para as Pessoas em Situação de Rua de Taguatinga-DF [Reference Center for People in Street Situation in Taguatinga-DF]. The body-map storytelling provided non-linear reports, which search for ways beyond the traditionality of the structured interviews, with the assumption of seeking for other senses besides the orality. The researched stories were based in psychosociology that seeks to understand the social phenomenon, and in psychoanalysis, based on the principles of Freudian and Kafkaesque theory. Through this bias, an analysis is carried out, a parallel with the population in street situation, about its social representativity, the relation of dominance in history. Finally, the result of the process consists in a story compounded by a life-size map of the body, the testimony and the caption of the symbols, focused on the perception in street situation. Consequently, the data analysis identified three main themes in the process: (a) the street, (b) drugs and (c) spirituality. (a) The social detachment as an exclusion process; (b) The population in street situation and those who use drugs are in the groups of “vulnerable population”; (c) Spirituality and faith in the search for a purpose. The results showed that the body-map, with the help of the life storytelling method were essential tools to comprehend the representations of the participants about the street and its meanings.

Keywords: Body-map storytelling; Life story; Street population.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	84
Figura 2.....	85
Figura 3.....	90
Figura 4.....	91
Figura 5.....	95
Figura 6.....	96
Figura 7.....	100
Figura 8.....	101
Figura 9.....	106
Figura 10.....	107
Figura 11.....	113
Figura 12.....	114
Figura 13.....	122
Figura 14.....	123
Figura 15.....	123
Figura 16.....	123
Figura 17.....	124
Figura18.....	124
Figura 19.....	124

LISTA DE SIGLAS

AA - Alcoólicos Anônimos

AT - Análise Temática

BPC - Benefícios de Prestação Continuada

CadÚnico - Cadastro Único para Programas Sociais do Governo

Centro POP - Centro de Referência Especializado para as Pessoas em Situação de Rua

CNAS - Conselho Nacional de Assistência Social

CNSS - Conselho Nacional Serviço Social

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CRFB - Constituição da República Federativa do Brasil

DF - Distrito Federal

EAS - Especialista em Assistência Social

FEDEM - Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LBA - Legião Brasileira de Assistência

LOAS - Lei Orgânica de Assistência Social

MCN - Mapa Corporal Narrado

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

NA – Narcóticos Anônimos

NOBRH - Norma Operacional Básica de Recursos Humanos

PBF – Programa Bolsa Família

PNAS - Política Nacional de Assistência Social

SEAS - Secretaria de Estado de Assistência Social

SENARC - Secretaria Nacional de Renda e Cidadania

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I - ASSISTÊNCIA SOCIAL E POPULAÇÃO DE RUA.....	06
2.1 História da Assistência Social – Do Assistencialismo à Política de Assistência Social	06
2.2 Pessoas em situação de rua.....	09
2.3 Vulnerabilidade e Condições Precárias.....	11
2.4 Centro de Referência para População em situação de Rua- Centro Pop.....	16
2.5 Normativas regem a atenção à população em situação de rua no âmbito do SUAS.....	17
CAPÍTULO II – HISTÓRIA DA PSICOSSOCIOLOGIA E DA SOCIOLOGIA CLÍNICA.....	19
3. Processo Histórico.....	19
3.1.1 Primeira Geração da Escola de Chicago.....	19
3.1.2 Segunda Geração da Escola de Chicago.....	22
3.2 Trajetória da Sociologia Clássica para Sociologia Clínica.....	24
3.2.1 Psicossociologia e Sociologia Clínica.....	30
3.2.2 Trajetória da Psicossociologia e Sociologia Clínica.....	31
3.2.3 Princípios da Sociologia Clínica na pesquisa.....	33
CAPÍTULO III – A ESQUINA EM NÓS: UM OLHAR QUE ANIQUILA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.....	38
4 O Estranho na Contemporaneidade.....	38
4.1 <i>Unheimliche</i> para Freud.....	39
4.2 O Estranho para Kafka.....	46
4.3 O que fazer com o Estranho? Uma análise do desconforto!.....	51
CAPÍTULO IV – OBJETIVOS.....	54
5.1 Objetivo Geral.....	54
5.2 Objetivos Específicos.....	54
CAPÍTULO V – MÉTODO: HISTÓRIA DE VIDA E MAPA CORPORAL.....	55
6. MÉTODO.....	55
6.1 Nomenclatura.....	55

6.2 História de Vida.....	56
6.3 Mapa Corporal Narrado - MCN.....	59
6.4 Contexto.....	61
6.4.1 Ações e Serviços ofertados no Centro Pop Taguatinga.....	62
6.4.2 Equipe.....	63
6.4.3 Infraestrutura Física da Unidade.....	64
6.4.4 Fluxo da Unidade.....	65
6.4.4.1 Acolhimento.....	65
6.4.4.2 Atendimento Psicossocial.....	65
6.5 Atuação da pesquisadora no Centro Pop – Taguatinga.....	67
6.6 Benefícios Socioassistenciais.....	69
6.6.1 Cadastro Único e Bolsa Família	69
6.6.2 DF Sem Miséria.....	70
6.6.3 Benefícios Eventuais.....	71
6.6.4 Auxílio Vulnerabilidade Temporária.....	71
6.6.5 Auxílio Excepcional.....	71
6.7 Participantes.....	72
6.8 Procedimento.....	73
6.9 Execução.....	75
6.9.1 Primeiro Encontro – <i>Slogan</i>	75
6.9.2 Segundo Encontro.....	75
6.9.2.1 Marcas/Cicatrizes.....	75
6.9.2.2 Auto-retrato.....	76
6.9.3 Terceiro Encontro.....	76
6.9.3.1 Resiliência e enfrentamento.....	76
6.9.3.2 Escaneamento corporal.....	76
6.9.3.3 Estruturas de apoio/suporte.....	77
6.9.3.4 Desenho do futuro.....	77
6.9.3.5 Narrativa do participante.....	77
6.9.3.6 Exercício final.....	77
7 ANÁLISE DOS DADOS.....	78

7.1 Análise Temática.....	78
7.2 A escolha do Tema.....	79
7.3 Fases da Análise Temática.....	80
7.3.1 Familiarização com os dados.....	80
7.3.2 Gerando códigos iniciais.....	80
7.3.3 Buscando temas.....	81
7.3.4 Revisando os temas.....	81
7.3.5 Definindo e nomeando os temas.....	82
7.3.6 Produzindo o relatório.....	82
CAPÍTULO VI – MAPAS CORPORAIS NARRADOS	83
8. RESULTADOS: MCN.....	83
8.1 Participante 1: Carlos Drumond.....	84
8.2 Participante 2: Graciliano Ramos.....	90
8.3 Participante 3: Belmonte.....	95
8.4 Participante 4: Augusto Cury.....	100
8.5 Participante 5: Bernardo Sayão.....	106
8.6 Participante 6: Tianguá.....	113
8.7 Contexto dos participantes após a pesquisa	119
CAPÍTULO VII – RUA, DROGAS E ESPIRITUALIDADE.....	122
9. ANÁLISE DOS TEMAS.....	122
9.1 A Rua.....	125
9.1.2 Ausência de pertencimento, desinserção, desafiliação e desqualificação social.....	125
9.1.3 Sentido Territorial da Rua.....	128
9.1.4 <i>Heimlich</i> -Casa x <i>Unheimlich</i> – Rua.....	133
9.1.5 A rua em Metamorfose.....	136
9.2 Drogas.....	142
9.3 Estruturas de Suporte.....	147
9.3.1 Espiritualidade, Religiosidade, Religião e Fé.....	147
9.3.2 Pentecostalismo em grupos vulnerabilizados.....	151
9.3.3 Alcoólicos Anônimos - AA e Narcóticos Anônimos – NA.....	155
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159

11. REFERÊNCIAS.....	164
12. ANEXOS.....	180
12.1 ANEXO A: TCLE.....	181
12.2 ANEXO B: Parecer consubstanciado do CEP.....	182
13 APÊNDICE A : Roteiro das Entrevistas.....	185

1 INTRODUÇÃO

A problemática que orienta este estudo encontra inspiração no trabalho que realizo como psicóloga e educadora social com pessoas em situação de rua desde 2013, quando fui nomeada no concurso público da Secretaria de Desenvolvimento Social (SEDES) do Distrito Federal (DF). Nesse período, muitas inquietudes foram suscitadas e o meu desejo pelo aprofundamento nelas tornou-se latente. São nítidos os espaços de anonimato dessa população na cidade, mas, por trabalhar no Centro de População para Pessoas em Situação de Rua (Centro Pop) em uma das maiores regiões administrativas do DF, Taguatinga, fui instigada a refletir sobre as identidades desses sujeitos, suas narrativas, suas histórias de vida, mesmo que apenas parte delas; enfim, a prática, a realidade do serviço público e da assistência social culminaram na minha busca por mais conhecimento.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como intenção compartilhar com o leitor o meu percurso nessa seara e despertar a valorização da narrativa, considerando que cada ser humano não só é diferente, mas também único. “O homem não se repete” e essa “não repetição” seria a “sacramentalidade da criação” (Negrão, 2015, p. 20). Assim, as histórias compartilhadas ressaltaram a subjetividade, a autenticidade de cada sujeito, desmistificando todas as hipóteses generalizadas que surgiram no início deste estudo.

Em consonância com essa perspectiva, ressalto que a escolha da metodologia qualitativa foi fundamental para compreender a trajetória de vida, sob o ponto de vista de quem as vivencia. Por conseguinte, tal metodologia é caracterizada por “possuir um caráter inovador, como pesquisa que se insere na busca de significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências sociais, a sua dimensão política como construção coletiva, parte da

realidade dos sujeitos e a eles retorna de forma crítica e criativa” (Gonçalves & Lisboa, 2007, p. 85).

De acordo com a asserção de que as pesquisas críticas deveriam incentivar todo o potencial criativo dos participantes, no caso, homens em situação de rua, é comum a dificuldade de eles de se expressarem apenas pela oralidade. Ao ser apresentada a técnica nomeada de mapa corporal narrado, *body map storytelling* (Gastaldo et al., 2012), pela minha orientadora, fiquei encantada e motivada a conhecê-la. A ferramenta propõe que uma análise “através da confecção criativa de coisas feitas por elas mesmas, e em seguida, refletir sobre o que elas fizeram” (Holzwath & Gaunlett, 2006, p. 82). Portanto, perceber que ela promoveria a expressão de sentimentos, pensamentos e reflexões, inclusive nos campos políticos e sociais (Gastaldo et al., 2012), permitiu sua aplicação como um excelente método para análise de fenômenos complexos, tais como a rua.

O desenvolvimento dessa dissertação foi estruturado em quatro partes. A primeira é constituída pela fundamentação teórica, a segunda é composta pelo método, a terceira apresenta os mapas corporais narrados, a análise dos dados, concomitante às categorias temáticas centrais na coleta e, por último, estão as considerações finais.

O primeiro capítulo desta pesquisa aborda a questão do sujeito em sua realidade social, no caso da população de rua, destacada pela vulnerabilidade social, da qual são subtraídos os laços sociais com o outro, fazendo com que os moradores se sintam exilados, sem lugar em relação ao seu semelhante. A autora Judith Butler (2016, p. 32) afirma que o nascimento é, por definição, marcado pela precariedade e pelo desamparo: “nós não nascemos primeiro e em seguida nos tornamos precários; a precariedade é coincidente com o próprio nascimento”. Sendo assim, apresenta-se no decorrer do capítulo a importância da “rede social de ajuda”, da

interdependência das pessoas, ou seja, essas relações estão imbricadas para além do outro, nas condições sociais e políticas (Butler, 2016, p. 40).

Tendo em vista que é essencial compreender o lugar de onde a pessoa fala, a narrativa se sustenta na história social e no universo subjetivo do sujeito, nos quais os fatos efetivamente se inscrevem. Nesse sentido, afim de compreender a configuração social do público pesquisado, homens em situação de rua, a pesquisa contempla conceitos, história, aportes teóricos sobre esta população vulnerável, os equipamentos de suporte da Assistência Social, as normativas e os avanços nas políticas públicas.

O segundo capítulo indica as bases epistemológicas e teóricas desta pesquisa, realizada por meio da metodologia de histórias de vida à luz da psicossociologia. Apresenta-se também os precursores e os estudos no campo da pesquisa qualitativa da Escola de Chicago, pois o método da história de vida fundamenta-se nos avanços nesse período.

Posteriormente, o texto aborda a trajetória da sociologia geral para a sociologia Clínica, pois compreender a sociologia clínica implica conhecer, mesmo que brevemente, os princípios basilares dos precursores da sociologia geral. Entre esses autores, destaca-se a importância de Durkheim, Marx, Weber e Simmel.

Nas considerações finais deste capítulo, pontuou-se sobre a importância da psicossociologia clínica e seus princípios na compreensão das noções do social e do psíquico em seu objeto de investigação. O estudo fundamentou-se também na perspectiva teórico-metodológica da psicossociologia, contribuindo para a análise dos mapas corporais narrados.

O terceiro capítulo estabelece um paralelo com as representações das pessoas em situação de rua à luz da teoria de Freud e Kafka, que abordam o sentimento de mal-estar, estranhamento, processo de estar sem se sentir nele. No livro *A metamorfose* (2009, p. 10), que inicia com a frase: “Quando Gregor Samsa uma manhã despertou de sonhos intranquilos,

encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso”, reverberou em mim o sentimento de estranheza, e ao mesmo tempo, o encontro do que sinto e compartilho com outras pessoas diante do sujeito em contexto de rua. No texto em alemão, há a presença do prefixo negativo que marca o homem que se sente desprotegido (jogado no mal-estar, *Unbehagen*), sem casa, sem família, que teve de ser mantido oculto por ser um inseto monstruoso e é motivo de vergonha. O personagem é o sinistro, *Unheimlich*, aparição daquilo que “deveria permanecer em segredo, escondido e que se manifestou”. O prefixo “un” que marca esses termos (“*Unbehagen*” e “*Unheimlich*”: mal-estar e sinistro) encontra-se também no centro de uma estética que busca apresentar o “puramente inumano”, representando, pela sua linguagem estética, o sentimento de desinserção social, no qual o realismo e o absurdo se misturam.

Freud, de forma semelhante a Kafka, na obra *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2010), aborda o sofrimento humano intrincado nas relações sociais. Segundo a teoria freudiana, uma das fontes do sofrer é o conflito entre a pulsão e a cultura, pois esta se estrutura e se edifica sobre a renúncia pulsional. Freud estabelece, portanto, um diagnóstico de um mal-estar estrutural, afirmando o paradoxo de que o homem, ao reprimir seus desejos, abre mão da sua liberdade em razão das regras sociais. Tal antagonismo, no meu ponto de vista, reflete a necessidade da compreensão do sujeito, seus conflitos, sofrimentos e impasses ligados à dimensão social e coletiva, pois dessa maneira permite-se o alcance da subjetividade entre o individual e o coletivo.

Na perspectiva metodológica, este estudo utilizou-se a técnica dos mapas corporais narrados, na coleta de dados, consonante à proposta da Psicossociologia Clínica, teoria que privilegia a compreensão de histórias coletivas por meio de histórias de vida, interessada nas interações entre os processos psíquicos e os processos sociais. As narrativas contadas por

meio dos mapas corporais narrados proporcionaram um processo reflexivo a respeito dos homens em situação de rua.

Ainda sobre a apresentação do método, descreveu-se o local da pesquisa, o Centro Pop de Taguatinga, bem como a infraestrutura, os serviços oferecidos, o fluxo da Unidade, a equipe, o acolhimento e o atendimento psicossocial, os benefícios socioassistenciais (CadÚnico, PBF, DF Sem miséria e os auxílios eventuais) às pessoas em vulnerabilidade social.

Outro aspecto importante destacado foi a discussão dos resultados, pois na análise dos mapas corporais emergiram três temas principais: a rua, as drogas e a espiritualidade. As reflexões sobre os significados da rua, e os demais elementos representativos proporcionaram à pesquisadora o aprofundamento da práxis na assistência social.

Por fim, cabe a proposta em instigar o leitor a conhecer as diversas faces da rua por meio de narrativas singulares. Um dos participantes ao revisitar todo o processo de construção do mapa corporal narrado (MCN), disse que contou “um pedaço” de cada etapa da sua vida: “bom, aqui fala quase tudo, teve pedaço da minha adolescência, teve pedaço do meu amadurecimento como ser humano, teve pedaço das minhas recaídas, teve um monte de coisa aí”.

CAPÍTULO I – ASSISTÊNCIA SOCIAL E POPULAÇÃO DE RUA

2. História da Assistência Social – do Assistencialismo à Política de Assistência Social

Propõe-se neste capítulo uma breve análise da trajetória da Assistência Social brasileira, destacando-se a construção de políticas públicas, garantias de direito e proteção social. Para compreender a Política de Assistência Social no Brasil, é necessário pontuar a história desde a sua gênese solidária e assistencialista, ao posterior reconhecimento como política pública (Oliveira, 2005). Sendo assim, apenas em 1993 foi aprovada a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), como política social pública e estratégia de superação do caráter emergencial e fragmentado das ações que marcam sua trajetória no país.

Apesar dos avanços regulamentares terem ocorrido na década de 1990, é válido ressaltar a primeira intervenção assistencial do Estado Brasileiro institucionalmente organizada, conduzida pela primeira dama Darcy Vargas, esposa do então Presidente Getúlio Vargas, quando assume a Legião Brasileira de Assistência (LBA), no período da Segunda Guerra Mundial (década de 1940). Por ser considerada uma grande mentora da Legião, o assistencialismo da época foi comumente chamado de primeiro-damismo. A LBA direcionava a assistência à maternidade e à infância, executava ações fundamentalmente paternalistas e prestação de auxílios emergenciais aos pobres, com incentivo da mobilização da sociedade civil e do trabalho feminino (Yazbek, 2008). Nesse mesmo período, o Conselho Nacional do Serviço Social (CNSS) foi criado com o objetivo de dar suporte às entidades filantrópicas e privadas que também promoviam assistência. No entanto, houve diversos desvios e transações ilícitas a estas instituições (Dantas, 2016).

No auge da ditadura militar, não houve muitos avanços na Assistência Social. A LBA foi transformada em Fundação e, a partir daí, foram criadas a Fundação do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM) e o Código de Menores. Em 1995, a LBA e o Ministério do Bem-Estar Social foram extintos e, em seus lugares, foram criados a Secretaria de Estado de Assistência Social (SEAS) e o programa Comunidade Solidária.

Na primeira década após sua aprovação, a Política de Assistência Social marcada por características assistencialistas, religiosas e clientelistas, com ações desarticuladas e segmentadas, sendo os projetos frágeis às necessidades regionais, materializados por meio de convênios. Essas práticas demonstraram insuficiência na implementação da assistência social como política, reconhecida como um direito de responsabilidade estatal.

A Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) surgiu para regulamentar os artigos 203 e 204 que tratam da Assistência Social, garantindo assim a execução efetiva da Constituição Federal (CF) de 1988, e a instituição de um modelo descentralizado e participativo nas três esferas do poder: federal, estadual e municipal. A efetivação do Sistema Único da Assistência Social (SUAS) e a oferta de direitos socioassistenciais por meio de serviços, programas, projetos, benefícios e transferência de renda demandaram o desenvolvimento de ações que romperam a dinâmica da filantropia, o que implica ações de profissionalização da área, construções coletivas e participativas, como as diretrizes dos conselhos e conferências da assistência social, pactos de aprimoramento da gestão e a participação conjunta do terceiro setor.

A partir de 2003, as deliberações da IV Conferência Nacional de Assistência Social, considerada um divisor de águas na história, implementaram um novo modelo de gestão para a área, o SUAS. A partir dessa direção nacional, o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) aprovou, por meio da Resolução CNAS nº 145/2004, um novo texto para a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que estabeleceu os eixos estruturantes para a implantação do SUAS no país.

A Norma Operacional Básica de Recursos Humanos (NOBRH) foi criada em 2006 para tratar dos recursos humanos e organizar os trabalhadores, sua gestão, suas formações e carreiras. As equipes de referência surgem nesse período e o Plano Decenal também apresenta um planejamento de longo prazo com o objetivo de profissionalizar o SUAS. Em 2009, são

criados os Centros de Referência: Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), bem como a organização da Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais. O SUAS divide-se essencialmente em dois eixos: 1) os benefícios eventuais, como o Programa Bolsa Família (PBF) e os Benefícios de Prestação Continuada (BPC), e 2) os serviços de caráter continuado ofertados pelos equipamentos da rede da AS.

As mudanças mais recentes na Assistência Social ocorreram em 2011, após a implantação da lei nº 12.435 com premissas que tornaram os recursos obrigatórios, além da inclusão dos sistemas de gestão e níveis de proteção. A atual fase dessa política exige o aperfeiçoamento dos processos de gestão pública, sob a diretriz da participação, das pactuações interfederativas com transparência pública e do controle democrático, de modo a materializar o trabalho social voltado ao provimento dos direitos socioassistenciais (MDS, 2013).

Diante do exposto, a história da assistência social no Brasil, em seu início, tinha uma característica de benesse para posteriormente atingir a regulamentação na garantia de direitos e proteção social. Ainda há muitos entraves na gestão, insuficiência de recursos e políticas específicas a grupos excluídos; mas, estudiosos, governantes e a sociedade têm assinalado a importância de se discutir o tema.

2.1 Pessoas em Situação de Rua

“A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência” (Mahatma Gandhi).

A Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNAS) adota a seguinte definição:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (Decreto nº 7053/2009, art. 1º, Parágrafo Único).

A configuração desse público em situação de rua pode ser identificada pela pobreza extrema, pelos vínculos familiares rompidos ou fragilizados e pela inexistência de moradia convencional. Esses aspectos elencados constituem a complexidade do fenômeno, já que apenas associar a pobreza a bens materiais não satisfaz todas as dimensões do contexto. Ao referenciar os riscos sociais ao tema, é importante refletir sobre situações como desemprego, violência, problemas de saúde, políticas públicas, dentre outros. Sendo assim, as soluções apenas de ordem econômica não alcançam o processo sócio-histórico e cultural da sociedade, que pode ter sido “colonizada” e sacrificada de maneira abrupta e díspar (Jannuzzi et al., 2014). Vignoli (2001) menciona os riscos sociais como a falta de oportunidade na inserção no mercado e na sociedade, caracterizando carência para adentrar nesse meio.

A população em situação de rua é um fenômeno multifacetado. Escorel (1999) ressalta que a precariedade da dimensão sociofamiliar é um elemento comum às pessoas com trajetória nas ruas. A precariedade de emprego, o isolamento e a solidão são situações que também caracterizam a vida dos sujeitos nesse contexto.

Esse grupo social enquadra-se normalmente em um estereótipo de vitimização e fragilidade, fundamentado na ideia de intervenção assistencialista e paternalista (Brasil, 2008), por isso, há necessidade de uma avaliação baseada na multiplicidade de condições. Em virtude do aumento contingencial das pessoas em situação de rua nas metrópoles e periferias, o Governo Federal disponibilizou um documento com as diretrizes da PNAS.

A Coordenação Geral dos Direitos das Pessoas em Situação de Rua menciona uma pesquisa nacional, feita entre 2007 e 2008, com o objetivo de retratar o perfil dessa população nas cidades brasileiras. Mesmo sendo uma leitura parcial, é fundamental a menção aos resultados para que se possa ampliar a compreensão dos fenômenos. Os dados da pesquisa sobre o perfil dessa população assinalaram que: 82% são homens, com idade entre 25 e 44 anos e 67% são negros. Os níveis de renda são baixos e a maioria recebe entre R\$20,00 e R\$80,00 semanais. Dos entrevistados, 74% sabem ler e escrever, 17,1% não sabem escrever e 8,3% apenas assinam o próprio nome. Os motivos que os levam ao contexto de rua são normalmente a dependência química (35,5%), o desemprego (30%), os conflitos familiares (29%), a perda de moradia (20,4%) e a decepção amorosa (16,1%) (Cunha & Rodrigues, 2009).

De acordo com a pesquisa, embora não seja o caso da maioria, existem pessoas que escolhem viver nas ruas, apesar dos motivos mencionados anteriormente estarem relacionados a problemas familiares. A explicação obtida na pesquisa é de que “essa escolha está relacionada a uma noção de liberdade, e acaba sendo um fator fundamental para explicar a saída de casa e a permanência na rua”.

Em situações temporárias, é comum que, em virtude de crises econômicas, desemprego e rupturas das relações interpessoais, algumas pessoas fiquem na rua como consequência. Com o passar do tempo e a convivência com outros que se encontram na mesma situação, o sujeito descobre formas de resistência e sobrevivência nas ruas, construindo vínculo e referências mais positivas do que em outros espaços (SUAS, 2011).

2.2 Vulnerabilidade e condições precárias

A partir do contexto abordado sobre a população em situação de rua, uma das propostas do manuscrito é aprofundar o conceito de vulnerabilidade e condições precárias como condição existencial e generalizada, que deve ser compreendida não apenas como um aspecto individual, mas que se constitui como construção social, a partir da relação dialética do sujeito e do social. Segundo Butler (2016), ao designar a condição precária a uma condição sociopoliticamente induzida, na qual certos segmentos sofrem com distribuição desigual dos suportes básicos, como dificuldades à garantia de direitos, as populações vulneráveis são expostas de maneira diferenciada a condições que colocam em perigo a possibilidade de sobreviver e prosperar.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o conceito de vulnerabilidade social analisa os aspectos multifatoriais da exclusão social, tanto na falta de recursos tangíveis como nas dimensões subjetivas. Para esclarecer tais dimensões, Leonetti (2007) menciona que o polo oposto ao da exclusão é o da integração e, entre esses dois extremos, os indivíduos ocupam vários lugares ao longo da vida. O autor caracteriza a dimensão econômica, a social e a simbólica sobre o lugar social do sujeito. A primeira geralmente é utilizada de maneira quantitativa, indicando a soma de recursos financeiros recebidos e as formas de consumo de

uma família, como renda, moradia, aspectos que indicam o nível de vida desse grupo familiar¹. A dimensão social menciona a fragilização das relações, da ajuda mútua e da identidade coletiva, na ruptura do sentimento de pertencimento do grupo. Por fim, a dimensão simbólica aborda os sistemas de normas e valores atribuídos como fundamentais pela sociedade. O não enquadramento de alguém aos ideais culturais leva à falta de reconhecimento e ao processo de desinserção social, no qual os sujeitos são isolados socialmente e invalidados psicologicamente.

Segundo Gaulejac e Taboada-Leonetti (1997), o conceito de desinserção social associa-se à ideia de desclassificação. A exclusão seria um processo de isolamento, de ruptura, de ausência das redes de suporte, que atingiria todos os indivíduos da sociedade, não somente as classes desfavorecidas. Os fatores que podem ser identificados como desencadeadores estão a nível individual, mas possuem um caráter multidimensional, como desemprego, dificuldades financeiras, rupturas familiares, expulsão da moradia, violência de gênero, raça, estigmatização social, dentre outros. Assim, há um processo de desintegração das pessoas no tecido social.

Por conseguinte, a desinserção social retoma reflexões da representação do trabalho, sendo incontestável o lugar central no processo de identidade social, principalmente como meio de sobrevivência e realização da identidade pessoal. O trabalho é considerado um dos principais instrumentos por meio do qual o homem dialoga com seu meio social e com seu tempo.

Essa relação homem-trabalho e a dimensão transformadora em relação à natureza e ao próprio homem, conferida ao sentido de dignidade, foi apreendida por Karl Marx, que afirmou ser:

¹ No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE classifica a população em classes sociais, conforme a renda familiar. Outro critério de classificação é dado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, que objetiva estimar o poder de compra da população na produção de bens e serviços em determinada região (ABEP, 2014).

[...] o trabalho, em primeiro lugar, um processo em que ambos, o homem e a natureza, participam, e no qual o homem, de sua livre vontade, inicia, regula e controla as relações materiais entre si próprio e a natureza [...] logo, ao atuar no mundo externo e ao modificá-lo, ele muda, ao mesmo tempo, a sua própria natureza. Desenvolve as suas forças adormecidas e compele-as a agir em obediência ao seu poder. (Marx, p. 372).

Sob esse prisma, o trabalho é caracterizado como processo criativo específico do ser humano, constituído como utilidade social, em razão da centralidade que ocupa na vida das pessoas e, por outro lado, a sua ausência causa consequências negativas. Quando há uma ruptura, como o desemprego, compreendido como exclusão do trabalhador do processo social de produção de serviços e riquezas, fragiliza abruptamente o sujeito, sentindo-se desvalorizado e “indigno” diante do outro. A desinserção social, segundo Gaulejac e Taboada-Léonetti (1997), é a manifestação desse fenômeno, visto pelo ângulo das vidas individuais; é um processo de descensão de classe de certos indivíduos e de rupturas dos laços sociais, no qual desempregados sentem-se marginalizados.

Diante do exposto, sobre a importância da representatividade do trabalho no processo de identidade de inclusão ou exclusão social, este estudo faz um recorte de um dos grupos considerados vulnerabilizados, no caso a população em situação de rua, que frequentemente é estigmatizada como inútil e improdutivo, evidenciada pela lógica capitalista, tornando-se (a)sujeitada pelo sistema.

Nessa perspectiva, é válido mencionar a concepção de Judith Butler (2016) sobre vulnerabilidade e condições precárias em grupos marginalizados. Além de propor um interessante paralelo em relação às pessoas em situação de rua, como uma população assimetricamente privada de recursos necessários, também ressalta os tipos de violência estrutural e ética presentes na realidade social.

Segundo Butler (2016), “afirmar que uma vida é precária exige não apenas que a vida seja apreendida como uma vida, mas também que a precariedade seja um aspecto do que é apreendido no que está vivo” (p. 30). A autora argumenta que há possibilidades inclusivas e igualitárias do reconhecimento da precariedade e que isso deveria se concretizar em políticas públicas, no que tange à habitação, alimentação, trabalho, assistência médica e jurídica. Em outras palavras, o reconhecimento da precariedade deveria ser compreendido como uma condição compartilhada da vida humana, num processo de identificação e união, distinta de processos imparciais ou anônimos. Entretanto, a precariedade não é a única forma de reconhecimento, mas a vida em sociedade implica a “interdependência das pessoas” (p. 38). Como seres sociais, existe o “nós” que sustenta intrinsecamente as relações.

“A precariedade tem de ser compreendida não apenas como um aspecto desta ou daquela vida, mas como uma condição generalizada cuja generalidade só pode ser negada negando-se a precariedade enquanto tal. E a obrigação de pensar a precariedade em termos de igualdade surge precisamente da irrefutável capacidade de generalização dessa condição” (Butler, 2016, p. 42).

Nesse sentido, o sujeito é um ser social desde o início, dependendo das instituições e de tudo que é externo, fato que o expõe à precariedade e às demais fragilidades humanas nesse contexto. Diante do exposto, é importante assimilar que o conceito de vida precária consiste em um processo condicionado e não em um aspecto interno de um indivíduo, ou seja, viver coletivamente gera responsabilidade ética, política e social.

De acordo com Butler (2016), ao considerar a precariedade da vida como ponto de partida, esta só faz sentido diante da necessidade de abrigo e alimento, de trabalho e de convívio social. Tanto a precariedade quanto a condição precária são conceitos que se entrelaçam. “Vidas são, por definição, precárias: podem ser eliminadas de maneira proposital ou acidental; sua persistência não está, de modo algum, garantida” (p. 46). Nesse sentido, a

autora ressalta que as vidas consideradas isentas de lamento estão privadas de consideração social.

[...] são obrigados a suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e à morte. Seria difícil, se não impossível, decidir se essa “consideração” – ou a sua ausência – conduz à “realidade material” ou se a “realidade material” conduz à ausência de consideração, já que pareceria que ambas acontecem a um só tempo e que essas categorias perceptuais são essenciais para a produção da realidade material. (Butler, 2016, p. 45).

A condição precária designa a condição politicamente induzida na qual parte da população à margem sofre com a falta de apoio material e social. Essa parcela fica mais propensa a violações de direitos e ao tentar recorrer ao Estado em busca de suporte se frustra com frequência, pela ausência de políticas públicas efetivas. Por isso, a intenção de abarcar o assunto consiste no entendimento de que a precariedade propõe ações compartilhadas, com fortes compromissos normativos de igualdade e, de maneira prática, pode suprir as necessidades humanas (alimento, emprego, saúde, segurança e demais assistências).

Diante dos argumentos apresentados por Butler (2016) sobre a vulnerabilidade e as condições precárias, nota-se que as disparidades entre as classes sociais se refletem na dificuldade de ascensão dos desprivilegiados, perpetuando uma realidade de fracasso, precariedade e marginalização. No mesmo sentido, a autora Di Flora (1987) relata que as contradições de vida no ideal capitalista responsabilizam exclusivamente o indivíduo, que se torna alvo de um reducionismo que o descontextualiza da sociedade e transfere a culpa por sua condição, mecanismo denominado “culpabilização”. Portanto, ocorre uma dinâmica de abandono social que perpetua o grau de invisibilidade dos marginalizados.

Ao considerar os aspectos multifatoriais da exclusão social, tanto na falta de recursos tangíveis como nas dimensões subjetivas, deve-se considerar que, para a superação do

contexto de vulnerabilidade, é necessário desenvolver estratégias junto à sociedade no processo de enfrentamento da desigualdade. Transformar esse cenário requer, além de estrutura de oportunidades, atenção à qualidade das relações sociais, às condutas e às ações de grupos, indivíduos, famílias e comunidades, que implicam o fortalecimento de repertório, reflexão sobre paradigmas. Repensar esse processo faz parte de se tornar protagonista de sua vida (Bronzo, 2009).

2.3 Centro de Referência para População em situação de Rua – Centro Pop

A Proteção Social Especial de Média Complexidade organiza projetos especializados destinados ao atendimento às famílias e aos indivíduos em situação de risco pessoal e social, por violação de direitos. Em virtude dos agravamentos dos riscos, pessoal e social, a oferta requer acompanhamento especializado, individualizado, continuado e articulado com a rede.

A Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais define o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS e o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro Pop como unidades que compõem o serviço da Média Complexidade.

O Distrito Federal foi a primeira unidade da federação a aderir à Política Nacional para População em Situação de Rua, instituída pelo Decreto nº 7053 de 23 de dezembro de 2009 e instalar o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política para Inclusão de Pessoas em Situação de Rua (Brasil, 2009).

O Centro Pop é uma unidade pública que, além de ofertar serviço especializado às pessoas em situação de rua, promove ações que incentivam o protagonismo por meio de oficinas, atividades de convívio e socialização (Brasil, 2011). É um equipamento que funciona como ponto de apoio para pessoas que moram e/ou sobrevivem nas ruas. Deve promover o

acesso a espaços de guarda de pertences, de higiene pessoal, de alimentação e provisão de documentação. O endereço do Centro Pop pode ser usado como referência do usuário. Entretanto, a característica fundamental do espaço é a promoção do convívio social e o desenvolvimento de relações de solidariedade, afetividade e respeito.

2.4 Normativas regem a atenção à população em situação de rua no âmbito do SUAS

A construção de políticas públicas da Assistência Social é recente na história do país. A Constituição de 1988, chamada de Constituição Cidadã, preconizou, ao mesmo nível da saúde e previdência social, o tripé da seguridade social. A partir da Constituição, em 1993, foi promulgada a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), nº 8.742, que regulamenta as normas e os critérios para organização da assistência social.

Os aspectos legais da Assistência Social, desde a elaboração da Constituição, estão em processo de aprimoramento. Ao se estabelecer políticas públicas que almejam a construção de uma rede de proteção e a promoção social, é necessário destacar diretrizes, leis e decretos da Política Nacional de Assistência Social.

A Política Nacional de Assistência Social reconheceu a atenção à população em situação de rua no âmbito do SUAS. De acordo com a PNAS (2004, p. 37), “a população em situação de rua possui serviços prioritários, enquanto sujeitos de direitos”.

A Lei Orgânica de Assistência Social (nº 11.258, 2005) tem como prerrogativa programas direcionados para as pessoas em situação de rua na organização dos serviços da Assistência Social. A Portaria nº 381 de 12 de dezembro de 2006, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS assegurou recursos do cofinanciamento federal para municípios com mais de 300.000 habitantes com população em situação de rua. O Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, instituiu a Política Nacional para a

População em Situação de Rua e o seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento.

A Instrução Operacional conjunta da Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS e Secretaria Nacional de Renda e Cidadania – SENARC nº 07, de 22 de novembro de 2010, objetiva disseminar orientações para a inclusão de pessoas em situação de rua no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), oportunizando aos usuários acesso à rede e políticas públicas. A Resolução CNAS nº 109, de 11 de novembro de 2009, tipifica os serviços socioassistenciais em âmbito nacional, dentre os quais os serviços destinados ao atendimento à população em situação de rua na proteção social especial, serviço especializado em abordagem social, serviço especializado para pessoas em situação de rua; serviço de Acolhimento Institucional (que inclui adultos e famílias em situação de rua) e serviço de Acolhimento em República (que inclui adultos em processo de saída das ruas). A Resolução da Comissão Intergestores Tripartite em 2010 pactua os critérios de partilha de recursos do cofinanciamento federal para a Expansão dos Serviços Socioassistenciais, incluindo o serviço especializado para pessoas em situação de rua.

Por fim, a Portaria nº 843, de 28 de dezembro de 2010, dispõe sobre o cofinanciamento federal, por meio do Piso Fixo de Média Complexidade – PFMC, dos serviços socioassistenciais ofertados pelos Centros de Referência Especializados de Assistência Social – CREAS e pelos Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua e dá outras providências.

CAPÍTULO II – HISTÓRIA DA PSICOSSOCIOLOGIA E DA SOCIOLOGIA CLÍNICA

3 Processo Histórico:

3.1 Primeira Geração da Escola de Chicago

As contribuições do método história de vida para a pesquisa qualitativa são fundamentais para o aprofundamento dos estudos das ciências humanas. A expressão Escola de Chicago retrata um movimento importante para a Psicologia Social e para a Sociologia na Universidade de Chicago, ocorrido entre 1915 a 1940, com trabalhos em pesquisas qualitativas. Cabe pontuar que os estudos abrangiam os cenários de exclusão da cidade e da realidade social (Goldenberg, 2000).

No intuito de contextualizar o momento histórico dessa corrente sociológica, cabe brevemente elencar as mudanças ocorridas na cidade de Chicago, no início do século XX. Havia uma grande tensão sobre questões territoriais e financeiras na Europa, que mais tarde acarretariam na Primeira Guerra Mundial. Ante esses motivos, houve grande fluxo de imigrantes para toda a América (italianos, alemães, poloneses, irlandeses). Influenciado pelas correntes migratórias, o crescimento das cidades americanas foi vertiginoso, Chicago, como era um *hub comercial*², cresceu muito devido às pessoas que migravam do campo para a cidade, além dos imigrantes que buscavam nos EUA melhores condições de vida. No entanto, alguns problemas nesse processo surgiram, como o crescimento do índice de criminalidade, tema que ganhou destaque na sociedade (Shaw & Mckay, 1928).

² Ponto estratégico para empresas e para logística, pois a maioria das ferrovias para o oeste americano passava por Chicago (Thomas & Thomas, 1928).

A Universidade de Chicago foi fundada em 1895, a partir de uma grande doação feita por John D. Rockefeller, o milionário americano que fez fortuna na indústria do petróleo ao fundar a Standard. Na construção do corpo docente destaca-se Albion Small³, o primeiro professor de sociologia e chefe do primeiro Departamento da disciplina nos Estados Unidos com a intenção de formar alunos segundo o modelo alemão, criando um grupo de professores que divulgassem essa ciência. Small, como muitos dos primeiros sociólogos, interessava-se pela reforma social, em virtude dos grandes desafios que eram a pobreza e a imigração dos Estados Unidos naquela época. Ele implementou a primeira revista de sociologia dos Estados Unidos, a *American Journal of Sociology*⁴, considerada uma das três maiores dos Estados Unidos, provavelmente do mundo, na publicação de ideias e pesquisas sociológicas, retratando a realidade social de diferentes culturas (Becker, 1996).

Ainda sobre o processo histórico, o sociólogo americano William Thomas (1928), um dos primeiros a ingressar no corpo de professores do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, ficou conhecido por sua formulação do que seria posteriormente denominado o “teorema de Thomas”, um princípio elementar da sociologia: “Se os homens definem situações como reais, elas são reais em suas consequências” (William & Swaine, 1928, p. 572). Essa primeira elaboração conceitual traz a reflexão sobre a compreensão da sociedade e da ação social. Thomas, Small e Florian Znaniecki iniciaram um estudo que se tornou um dos primeiros grandes trabalhos de campo publicados: *The Polish Peasant in Europe and America*⁵ (1918-1920) que abordou o processo de integração dos poloneses à

³ A primeira geração de sociólogos da Escola de Chicago foi composta por Albion W. Small, Robert Ezra Park (1864-1944), Ernest Watson Burgess (1886-1966), Roderick Duncan McKenzie (1885-1940) e William Thomas (1863-1947). Esses pesquisadores elaboraram o primeiro programa de estudos de sociologia urbana.

⁴ O *American Journal of Sociology* é uma revista acadêmica bimensal revisada por pares, que publica pesquisas originais e resenhas de livros no campo da sociologia e das ciências sociais. Fundada em 1895 como o primeiro periódico em sua disciplina na Universidade de Chicago e publicada pela University of Chicago Press (Abbott, 1999).

⁵ *The Polish Peasant in Europe and America* é um livro de Znaniecki e Thomas, considerado um dos clássicos da sociologia. O livro aborda um estudo sobre imigrantes poloneses e suas famílias, com base em documentos

cultura americana, baseado em estudos de campo, relatos biográficos e análise de documentos. Essa metodologia foi importante, pois a partir dessa pesquisa, a história de vida e os aspectos socioculturais passaram a se tornar relevantes (Silva et al.,2007).

A Escola de Chicago, desde a sua criação, tinha interesse nas relações inter-étnicas, bem como nas diversas comunidades minoritárias nas cidades grandes dos Estados Unidos, tornando-se um grande laboratório social para melhor conhecimento das transformações dos espaços urbanos. Um dos aspectos estudados pelos pesquisadores, no início do século XX, explorava como os imigrantes se relacionavam na cidade. Destaca-se que, entre o grupo de imigrantes, a rede de solidariedade era marcante no processo de adaptação e na inserção no mercado de trabalho (Durand, 2019).

Robert Park⁶, em 1915, começa a incentivar, de maneira continuada e sistemática, a observação participante e outros métodos, mais usados pela antropologia. O autor produziu com Florian Znaniecki⁷, *The Polish Peasant in Europe and América*, considerada uma obra monumental publicada em 1918, pioneira pelo seu caráter plurimetodológico e pela utilização de materiais biográficos (Park, 1994). Park escreveu um ensaio sobre a cidade de Chicago, considerada como um laboratório para a investigação da vida social. Ele tinha uma ideia central sobre aquela época, que resumiu ao dizer: “hoje, o mundo inteiro ou vive na cidade ou está a caminho da cidade; então, se estudarmos as cidades, poderemos compreender o que se passa no mundo” (Becker, 1996, p. 180). Assim, organizou seus estudos no âmbito da pesquisa sociológica (Tinoco, 2004).

peçoais (cartas, folhetos, artigos em jornais) publicada em cinco volumes nos anos de 1918 a 1920 (William & Swaine, 1928).

⁶ Robert Ezra Park (1864-1940) foi um sociólogo norte-americano, professor e pesquisador na Escola de Chicago. O trabalho de Park se destacou por seus estudos em relações de raça, migração, movimentos sociais e desorganização social no espaço urbano (Park, 1994).

⁷ Florian W. Znaniecki foi considerado um fundador da sociologia acadêmica polonesa e de uma nova escola de pensamento em sociologia. Coautor de William I. Thomas, do estudo, *Polish Peasant in Europe and América* (1918-1920), considerada a base da sociologia empírica moderna (Becker, 1996).

Em decorrência da obra *Polish Peasant in Europe and América*, Shaw e McKay desenvolveram análises de pormenores da ecologia criminal e procuraram entender a delinquência juvenil nas grandes cidades. Segundo os autores, nenhuma redução contra a criminalidade seria possível se não houvesse uma verdadeira mudança nas condições sociais e econômicas na vida das crianças e dos adolescentes (Becker, 1996).

Diante dos estudos apresentados com grupos vulneráveis, nota-se que a Primeira Geração da Escola de Chicago contribuiu com novos direcionamentos metodológicos para a sociologia americana. Como mencionado, os problemas sociais se converteram nos principais objetos de pesquisa para os sociólogos da Universidade de Chicago, estimulando a elaboração de novas teorias e conceitos sociológicos, além de novos procedimentos e métodos.

3.1.2 Segunda Geração da Escola de Chicago

Uma segunda geração de sociólogos de Chicago direcionou a sociologia humanista para uma orientação mais científica. Essa geração tem como destaque o antropólogo Oscar Lewis, (1914–1970), que trouxe grande contribuição em seu livro *The Children of Sanches* (1961), que traz uma visão múltipla entre o “interior” do indivíduo e o social, ou seja, a realidade que está inserido (Silva et al., 2007). A análise do contexto nessa abordagem favorece a narrativa articulada ao social, tornando-se uma maneira singular de olhar para suas experiências.

Oscar Lewis⁸, em uma de suas maiores contribuições antropológicas, pesquisou a metodologia de observação participante pela ótica etnológica, na cidade mexicana de Tepoztlan. A partir dessa experiência surge a ideia de pesquisar sobre a questão das migrações

⁸ Oscar Lewis (1914-1970) criou um novo gênero de análise e de literatura antropológica, baseado nas biografias dos membros de uma mesma família (Lewis, 1959).

na inserção social. O autor orientou pesquisas de populações migrantes em direção ao meio urbano. Em seus estudos delimitou um número de famílias migrantes, de diferentes etnias e pertencentes ao que nomeou de “cultura da pobreza” (Durand, 2019).

O termo “cultura da pobreza” faz referência aos códigos, modos de vida, que são transmitidos de geração em geração, em termos de religião, comportamentos, crenças, ideologias, maneiras de falar, dentre outros aspectos do sistema familiar. A crítica de Lewin à época consistiu em que os migrantes faziam parte de uma parcela da população que era invisível, sem política pública, saúde, educação, assistência social e que, a partir de resultados de suas pesquisas, começaram a trilhar a visibilidade (Durand, 2019).

Em *Five Families*, Lewis investiga três famílias, uma família pobre, uma de classe média-baixa e uma de novos ricos. As famílias ocupavam lugares distintos à vida urbana, pois eram de diferentes classes sociais. As narrativas se basearam na perspectiva do próprio informante, o que permitiu insights extremamente ricos e “realistas” – o autor chamou essa abordagem de “realismo etnográfico” (Lewis, 1959, p. 5). Por este viés percebeu como era importante a capacidade de expressão, independente das condições econômicas e “desfavorecidas”, a narrativa exprimia a realidade subjetiva.

No livro *The Children of Sanches*, Lewin organiza as entrevistas em um documento que oscila entre romance e ciência. O material gravado se torna a narração de vida. Ao analisar os membros da mesma família foi possível compreender a história por diferentes ângulos, conforme as versões de cada um a respeito da mesma circunstância e do próprio sistema cultural.

Barros (2000) aponta que os trabalhos desenvolvidos por Franco Ferraroti⁹ na Itália (1970) e por Daniel Bertaux¹⁰ (1976) na França, apresentaram um novo olhar ao método de

⁹ Franco Ferrarotti (1926) sociólogo italiano, reconhecido pela obra: Grande Greve dos Cavaleiros da Ordem do Mérito da República Italiana, em 2005. (Peppoloni, 2012).

história de vida. Tais pesquisas se aproximaram da construção de identidade do sujeito a partir dos relatos biográficos, da apropriação do social e da imbricação entre o individual e o coletivo.

As pesquisas que se utilizam de histórias de vida retornam com mais força na década de 70 com a publicação da obra intitulada *Histoire de vie: ou récits de pratiques*, do sociólogo francês Daniel Bertaux (1980), na qual ele apresenta um panorama e uma avaliação sobre pesquisas que se utilizaram do método biográfico. A partir desse texto, o interesse pelas histórias de vida como método de investigação científica voltou a crescer no meio acadêmico, perdurando até os dias atuais (Legrand, 1993).

3.2 Trajetória da Sociologia Clássica para Sociologia Clínica

Se existe uma ciência das sociedades, é de desejar que ela não consista simplesmente numa paráfrase dos preconceitos tradicionais, mas nos faça ver as coisas de maneira diferente da sua aparência vulgar. De fato, o objeto de qualquer ciência é fazer descobertas, e toda descoberta desconcerta mais ou menos as opiniões herdadas. (Durkheim, 1973, p. 73).

Os primeiros e mais importantes sociólogos possuíam uma ideia clara sobre a importância do estudo da sociedade, tema ainda basilar para muitas investigações e discussões. Karl Marx enfatizava a importância de recursos físicos e do mundo material, acreditava que os conflitos estão no centro da vida social. Por outro lado, Émile Durkheim avaliava a cooperação em vez do conflito, se interessava por normas e valores compartilhados. Max Weber, no entanto, compreendia que há tanto o conflito quanto a coesão

¹⁰ Daniel Bertaux (1939), sociólogo francês, um dos precursores do método histórias de vida no estudo da sociologia. Editou *Biography and Society* (1981), textos apresentados no Congresso Mundial de Sociologia em Uppsala 1978.

no desenvolvimento da coletividade. Apesar dessas multiplicidades de correntes, é inegável que o conjunto dos estudos foi essencial para a construção da sociologia (Gabler, 2015).

Refletir a respeito da sociologia geral implica conhecer, mesmo que brevemente, os seguintes influentes sociólogos, precursores no campo das ciências sociais: Durkheim, Marx, Weber e Simmel. Para Durkheim (1858-1882) a teoria do fato social definiria finalmente o objeto da sociologia, tendo se consolidado, a partir de então, como disciplina científica. A primeira grande contribuição de Durkheim para a sociologia é a proposição de um método científico autônomo, capaz de alcançar o mesmo nível de confiabilidade e prestígio das outras ciências já consolidadas no século XIX. Em “As Regras do Método Sociológico”, ele relata que o princípio mais importante da sociologia é “a de considerar os fatos sociais como coisas”. Ao estabelecer este princípio, afirma que o mundo social pode ser estudado da mesma maneira que o mundo natural, com objetividade (Durkheim, 2008).

Conquanto sua importância para a consolidação da sociologia como ciência seja inegável e reconhecida nos meios acadêmicos, suas ideias implicam uma "deificação" do social e a consequente redução da ação do indivíduo, haja vista que o todo não se reduz à soma das partes e, nesse sentido, “a” sociedade, por sua anterioridade e exterioridade em relação aos membros que a compõem, se coloca naturalmente numa posição de superioridade quase ontológica. Dessa proposição decorre a tese de que:

(...) a sociedade é superior aos indivíduos, pois está investida de uma autoridade moral que sempre se afigurou aos homens e da qual eles não podem se separar sem correr o risco de perder a melhor parte de si mesmos: sua condição humana. (Durkheim, 1978, p. 45)

Em outras palavras, Durkheim propôs o desenvolvimento da sociedade em que as dinâmicas sociais e seus construtos norteiam a vida dos indivíduos, modelando suas formas de agir, pensar e sentir, ou seja, uma “força social”.

A teoria Durkeimiana aborda também a consciência coletiva marcada por representações que transcendem a esfera individual. O autor a considera como um fator concernente aos novos desígnios morais da sociedade moderna, pois "a unidade do organismo é tanto maior quanto mais acentuada a individuação das partes" (Durkheim, 2008, p.108-109).

As leituras da obra de Durkheim são polêmicas, pois, de um lado, estudiosos enfatizam a ausência do indivíduo, por outro lado, há a tendência a dirimir o peso do social sobre este, apontando a racionalidade como aquilo que certifica ao indivíduo ações diante do meio, conferindo-lhe uma maior autonomia, principalmente no que concerne à capacidade de modificar valores sociais. Entretanto, este estudo não opta por esta ou aquela interpretação, pois as ambiguidades fazem parte de sua teoria e o essencial é a apresentação do autor como precursor dos estudos nas ciências sociais e o seu papel na compreensão da história da sociologia.

Enquanto Durkheim atentou-se ao estudo dos fatos sociais, com a sociedade determinando as ações do indivíduo, Marx compreendia as relações sociais baseadas na “luta de classes”. Ao elaborar uma teoria sobre as desigualdades sociais e propor uma maneira em superá-las, criou o socialismo científico contra o sistema capitalista. Karl Marx compreende o trabalho como atividade essencial da humanidade, sendo o centro de todas as dimensões das relações inter-humanas, porque é desenvolvido socialmente.. Essa concepção do homem é transformadora, pois é a partir dela que Marx identifica a alienação do trabalho como base perante as demais. O objetivo dessa doutrina consistia na transformação da sociedade, a partir de uma análise profunda de suas relações econômicas, políticas e sociais (Marx, 2011).

Marx apresentou diversas teorias que contribuíram tanto com a ideia de um socialismo científico quanto com reflexões acerca do capitalismo. Algumas das teorias de Marx foram: alienação, mais-valia e o materialismo histórico.

A alienação, segundo Karl Marx, fala sobre o desencontro existente no capitalismo entre o trabalhador e o produto final do seu trabalho. Para o autor, o trabalho é um privilégio para a exteriorização do ser. Por ser a objetificação da essência humana, o esforço material da transformação do mundo gera a satisfação das necessidades. Dessa forma, o homem perde sua essência no trabalho, pois, no fim do processo, o produto realizado se transforma em algo estranho, independente do ser que o produziu. Esse estranhamento, essa “diferença de natureza” entre produtor e produto, no capitalismo, é inferida, pois o produto final não é de ninguém (Marx, 2011).

Já o termo mais-valia, criado por Karl Marx, é uma teoria que considera o esforço de trabalho e como ele é desvalorizado no sistema capitalista. Faz alusão ao processo de exploração da mão de obra assalariada, que é utilizada em produções em massa. Trata-se de um processo de extorsão por meio da apropriação do trabalho excedente na produção de produtos com valor de troca (Marx, 2013).

Por fim, o termo materialismo histórico sugere que os homens produzem as condições de suas vidas e, sendo assim, a base da história está ancorada no mundo material. Com isso, Marx defende que as relações de produção devem ser responsáveis pela relação entre as classes sociais (Marx, 2013).

Max Weber (1864-1920) alinhava-se à visão de Marx em relação ao desenvolvimento do capitalismo no mundo moderno. O autor constituiu-se em um dos grandes expoentes da sociologia moderna. Sua obra percorreu as áreas do pensamento político, do direito, da história e da economia. Weber também tentou compreender as mudanças sociais que se desenvolviam no cerne das grandes cidades que viviam a Revolução Industrial. O conceito

mais importante da teoria weberiana é o de “ação social”. O autor se preocupava com os aspectos mais próximos da vida cotidiana, principalmente por acreditar que não era apenas a estrutura das instituições ou a situação econômica do sujeito que motivaria suas ações. Na teoria Weberiana, as ideias, as crenças e os valores eram os principais catalizadores das mudanças sociais. Ele acreditava que os indivíduos dispunham de liberdade para agir e modificar a sua realidade (Weber, 1997).

De acordo com Weber (1979), a sociologia deve ser compreensiva, porque seu objeto de estudo é a ação humana, e esta é dotada de um significado subjetivo dado por quem a executa e que orienta a ação. A explicação sociológica busca compreender e interpretar o sentido da ação social. Portanto, a explicação sociológica consiste nas elaborações e conexões de sentido. Assim, somente a ação com sentido pode ser objeto de análise. Isto é, a ação humana é dotada de sentido e cabe ao cientista social metodizar sua compreensão por meio da elaboração e do estabelecimento de conexões causais (esquemas), que possibilitem a decifração do sentido imaginado e subjetivo do sujeito da ação (Weber, 1997).

Por fim, a proposta da teoria de Georg Simmel (1858-1918) perpassa o significado histórico-cultural e psicológico da generalização das relações monetárias na modernidade. A sociedade se constitui da trama dos direitos e obrigações e evolui do plano interativo interpessoal até formas associativas e relações, cada vez mais amplas. A categoria sociedade, para o autor, é compreendida como a interação psíquica entre os indivíduos; a definição “social” não abrange apenas as interações duradouras já estabelecidas. Assim, a sociedade significa que os indivíduos estão constantemente ligados uns aos outros, influenciando e sendo influenciados. Sendo assim, nas relações intersubjetivas, o autor extrai proposições teóricas mais amplas, como as relações entre a ética, a moral e a sociedade, na construção da dádiva e da caridade; das relações entre o indivíduo (pobre) e as coletividades; da parte e do todo, da noção de pobreza e sua objetivação da ação social. Portanto, ele busca contribuir para

uma *teoria geral da sociedade*, por meio de um objeto aparentemente "marginal", como o estatuto do pobre frente à sociedade em geral, num contexto de constituição do Estado moderno no início do século XX (Simmel, 1970).

Para Simmel (1970), é na assistência que alguém recebe publicamente da coletividade que determina a sua condição sociocultural de "ser pobre". A condição de "ser assistido", deste modo, constitui a marca identitária da condição do "pobre", definida pela desigualdade e dependência dos demais. Essa condição significa receber dos "outros", ou da coletividade, sem poder definir-se por meio de uma relação de complementaridade e de reciprocidade frente aos demais. Entretanto, ao reconhecer a condição política da cidadania, Simmel ultrapassa, na análise, essa condição estigmatizada do "assistido". Desse modo, é no âmbito da política e da cidadania que ele concebe as saídas para os aspectos socioculturais da dependência de assistência (Anete, 2008).

Os estudos de Durkheim, Marx, Weber e Simmel a respeito das inter-relações do indivíduo e o social propiciaram um marco para a ciência social e, sobretudo, para os intelectuais que influenciaram a sociologia clínica. A proposta ao citar estes autores e suas teorias é propiciar ao leitor uma perspectiva geral da história da sociologia para compreender sua inserção na psicologia.

3.2.1 Psicossociologia e Sociologia Clínica

Se cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o cerca, poderemos conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de uma prática individual. (Ferraroti, 1983, p. 51)

A psicossociologia clínica é considerada uma disciplina inscrita no campo das ciências humanas, que se caracteriza pela compreensão das noções de social e psíquico em seu objeto de investigação, ou seja, uma perspectiva psíquica no campo da sociologia. O presente estudo fundamenta-se na perspectiva teórico-metodológica da psicossociologia, na qual as narrativas de vida interpelam o sujeito a se apresentar, reconstruir e ressignificar sua história de vida.

A metodologia analisa as dimensões - subjetiva e social - nas relações e vínculos estabelecidos entre as pessoas, com relevância para os aspectos subjetivos, familiares, sociais, organizacionais e históricos (Pinto et al., 2015). Assim, o sujeito acessa a subjetividade individual e a social no processo histórico ao narrar o presente. É importante lembrar que a história não se resume apenas à junção de fatos vividos pelo indivíduo, mas ao reconhecimento dos significados na sua trajetória.

A psicossociologia clínica enfatiza a concretude em estudos de sujeitos reais, em situações cotidianas, em grupos, organizações e comunidades, empregando inicialmente a pesquisa-ação. A partir dos anos 1950, os psicossociólogos criaram a intervenção psicossociológica, na qual valorizavam os problemas acima dos métodos, ignorando unicamente os desejos do pesquisador para avaliar a realidade em questão. O pesquisador torna-se um interventor, apresentando um novo tipo de proposta, pois passou a atuar diretamente nos grupos.

A Psicossociologia Clínica compreende as noções de social e psíquico em seu objeto de investigação. Não há possibilidade de pensar o psíquico sem o social, e, igualmente, o

social sem uma definição de sujeito psíquico. Nesse sentido, a análise propicia um lugar privilegiado à subjetividade na compreensão da realidade social do sujeito. A perspectiva clínica no campo da sociologia possibilita compreender o objeto de estudo por meios de diferentes ângulos, ou seja, de maneira pluridisciplinar. Portanto, há uma imbricação “complexa e permanente” nas esferas psíquicas e sociais de uma pesquisa (Gaulejac, 2009).

Dessa forma, considerando que a Psicossociologia Clínica aborda, em sua análise, o sofrimento humano interligado a contextos sociais, a pesquisa por meio de histórias de vida é um campo privilegiado de compreensão de fenômenos sociais e subjetivos inter-relacionados.

3.2.2 Trajetória da Psicossociologia e Sociologia Clínica

Diante do exposto, é nítido que muitos teóricos favoreceram a organização da Sociologia Clínica como uma epistemologia pluralista. No entanto, a Sociologia Clínica se concretiza a partir do envolvimento de sociólogos com o grupo de psicossociólogos que fazem parte da *Association de Recherche et d’Intervention Psychosociologiques (ARIP)*. Em 1969, o psicossociologista Max Pagès apresenta um viés clínico no processo de compreensão de um fenômeno social. Além disso, defende a abordagem dialógica, isto é, a associação entre biológico, psiquê e social para identificar um indivíduo (Anete, 2008).

Em 1988, em Genebra, sob a iniciativa de Robert Sévigny, Gilles Houle, Eugène Enriquez e Vincent de Gaulejac, um grupo de trabalho é constituído dentro da Associação Internacional de Sociólogos de Língua Francesa e, em 1992, é criado um comitê de pesquisa permanente de sociologia clínica na Associação Internacional de Sociologia.

Vincent de Gaulejac em 1993 é responsável por realizar o primeiro colóquio de Sociologia Clínica, realizado na Universidade de Paris VII, que resulta na obra *Sociologies Cliniques*, que mostra que a diversidade da sociologia naquele evento promovia espaço para

perspectivas diferenciadas, tendo como objeto a mesma preocupação. Esse colóquio também gera a articulação entre pesquisadores de diversos países. Posteriormente a criação do *Institute International de Sociologie Clinique* (IISC), com sede em Paris. A rede de pesquisadores passa a contar, então, com representantes de diversos países naquele período. Recentemente, novos intelectuais se integraram aos estudos do campo, ampliando o número de países e de universidades com grupos atuantes na Sociologia Clínica. Ressalta-se que grande parte dos pesquisadores participa de ambos e se veem tanto como psicossociólogos quanto como sociólogos clínicos. As abordagens compartilham um projeto investigativo comum, ou seja, articular, de maneira inovadora, aspectos individuais, grupais e sociais dos fenômenos estudados, a partir da inserção, em sua análise, dos processos inconscientes (Enriquez, 1993).

A Sociologia Clínica aborda os fenômenos sociais a partir de uma perspectiva compreensiva, buscando apreender a relação entre o “ser do homem” e o “ser da sociedade” (Gaulejac, 2005). Também enfatiza que os indivíduos se situam na intersecção entre opostos, articulando as contradições entre objetividade e subjetividade, racionalidade e irracionalidade, estrutura e ação, determinismo e capacidade de criação. Esse método acessa o conhecimento a partir da escuta do sujeito, estando atento ao que está em jogo inconscientemente, procurando desvelar as dimensões: imaginária, pulsional e simbólica (Girard, 2018).

3.2.3 Princípios da Sociologia Clínica na pesquisa

A Psicossociologia e a Sociologia Clínica podem ser consideradas divisões disciplinares inscritas no campo das ciências humanas, principalmente, pela compreensão das noções de social e psíquico em seu objeto de investigação. Não há possibilidade de pensar o psíquico sem o social, e, igualmente, o social sem uma definição de sujeito psíquico. Nesse sentido, ambas as teorias são definidas a princípio por sua abordagem estabelece-se num lugar privilegiado à subjetividade na compreensão da realidade social do sujeito. A perspectiva clínica no campo da sociologia possibilita compreender o objeto de estudo por meios de diferentes ângulos, ou seja, de maneira pluridisciplinar. Portanto, há uma imbricação “complexa e permanente” nas esferas psíquicas e sociais de uma pesquisa. (Gaulejac, 2009).

A presente pesquisa pretende discutir a noção de implicação do pesquisador a partir da contextualização epistemológica dos campos científicos da Sociologia Clínica. Com base nessa teoria, o sujeito se apropria da sua história pessoal e coletiva em busca de sentido, no processo de ressignificação e rememoração. Dito de outra forma, a tarefa consiste na dialética entre a historicidade, entre o indivíduo que é a história e o indivíduo que faz história (Gaulejac, 1987).

Nesse contexto, a postura clínica na pesquisa caracteriza um determinado tipo de aproximação ao objeto de estudos. Barbier (1985) explica que a origem da palavra clínica provém do grego, *kliné*, que significa “procedimento de observação direta e minuciosa” (p. 45). Esse autor também aponta que a clínica inclui a exploração e a compreensão dos significados presentes nas ações do sujeito, a fim de compreender o sentido que leva a determinadas direções de relacionamentos, conflitos e decisões.

Segundo Fabienne Hanique, *clinique* tem o sentido de estar ao pé da cama, designando, assim, “o momento em que o médico não se interessa mais apenas pelo corpo, ou

por um órgão defeituoso, senão pelo próprio paciente e tudo o que ele tem a dizer sobre sua própria doença” (2009, p. 17). Assim, no campo da pesquisa científica, podemos considerar essa noção como uma postura de aproximação do pesquisador em relação ao objeto, “o mais próximo da vivência dos atores” (Gaulejac, 2007, p. 101).

Desse modo, as pesquisas que envolvem a clínica pressupõem uma posição de escuta dos elementos subjetivos, contextualizados socialmente. Na perspectiva deste estudo, o “leito” representa o sujeito, a família e a comunidade. Essa proposta de uma abordagem clínica mais ampliada nas ciências humanas privilegia o processo de escuta, acolhimento e de transformação. Assim, o olhar clínico busca a compreensão da experiência social entre o sujeito e o coletivo (Gaulejac, 2007).

A perspectiva da sociologia clínica é ressaltar os fatores sócio-psíquicos, que são essenciais para a estrutura do sujeito, e que se baseia em princípios dos estudos sociais da própria sociologia. Para que se possam compreender as relações propostas por esta ciência e a psicologia, apresentam-se cinco princípios:

O primeiro princípio se refere à importância da subjetividade na dimensão existencial, como um elemento incontornável para compreender as condutas, os comportamentos, as atitudes e as relações sociais (Gaulejac, 2000). A partir do momento em que as questões identitárias se apoiam em processos sociais, simbólicos e psíquicos, só é possível apreender a complexidade desses fenômenos articulados por meio de um olhar pluridisciplinar.

O segundo princípio menciona a relação entre sujeito e objeto, pois a existência está intrinsecamente ligada à existência do outro, ou seja, é na existência primária do outro que o sujeito toma consciência de sua própria existência (Gaulejac, 1983).

O terceiro princípio fundamenta-se na não racionalidade do comportamento do sujeito. A sociedade é permeada por pulsões, emoções, condutas imbricadas afetivamente. Então, para compreender esse social, é necessário integrar os fenômenos passionais do vivido, individual

e coletivo, ou seja, a existência está imbricada na complexidade das relações em que aproxima as fronteiras dos fenômenos sociais e psicológicos. Trata-se, por exemplo, como descrito na obra freudiana *Eros e Tânatos*¹¹, integrar as pulsões de vida e de morte nas inconstâncias do ser humano. O Eros promove a ligação entre o sujeito com os elementos necessários a sua preservação, possibilita a criação de sentidos entre os indivíduos com o mundo. Entretanto, a pulsão de vida não atua de forma isolada, há uma ambivalência no ser humano em tudo que ele pensa, faz e sente. Portanto, a pulsão de morte age de forma silenciosa, oculta, destrutiva, como o contrário de Eros. Freud (1930) define como o mal-estar intrínseco à cultura: a destrutividade do ser humano, voltada para si mesmo ou para os outros – esse algo que existe e que foge à norma e à criação de sentidos do homem. O psicanalista aponta, no livro *O mal-estar da civilização*, a ideia de que a sociedade é inimiga da satisfação dos instintos humanos. Para viver em sociedade, o homem tem que abdicar de sua natureza individual. Assim, ele passa a ser um indivíduo parte de um meio social, renunciando parte do seu próprio ser, no sacrifício de alguns instintos, agressão e sexualidade.

Freud, em suas análises, proporcionou uma nova perspectiva científica ao concatenar o interesse nas disciplinas psicológicas e sociais desde o início. Assim, a obra *O interesse científico da psicanálise* (1913/1996) sublinhava a originalidade da abordagem psicanalítica (a exploração dos processos inconscientes e individuais com a finalidade de tratamento das neuroses) e as contribuições para as ciências sociais. Portanto, a psicanálise não é unicamente um procedimento terapêutico, ela é, também, uma ciência que avalia grupos, instituições e as relações do indivíduo com a sociedade (Enriquez, 2005).

O quarto princípio está associado à teoria de causalidade recursiva e na epistemologia da complexidade de Morin (1974). Nesse pressuposto, o homem é biopsicossocial,

¹¹ O Amor e o ódio, a sexualidade e agressividade, vida e morte, são forças que habitam o ser humano e estão presentes no cotidiano. Tais pares de opostos estão amalgamados em tudo que o ser humano faz, pensa e sente. Por exemplo, onde há amor deve haver ódio, toda sexualidade necessita de um grau de agressividade, em proporções variadas. Em psicanálise, elas podem ser nomeadas pelos conceitos de *pulsão de vida* (Eros) e *pulsão de morte* (Tânatos) (Freud, 1930).

contemplando os aspectos biológicos, psíquicos e sociais. Assim, a epistemologia da complexidade sugere o diálogo entre os conhecimentos e se trata mais de um desafio, amplitude de pensamento e ruptura de paradigmas, do que uma resposta. Segundo Morin (2003), há uma causalidade recursiva quando o produto torna-se produtor daquilo que produziu. Em outras palavras, o individual molda o social de maneira recíproca:

a ideia de circuito recursivo é mais complexa e rica que a de circuito retroativo, é uma ideia primordial para se conceber a autoprodução e a auto-organização. É um processo no qual os efeitos ou produtos são, simultaneamente, causadores e produtores do próprio processo, no qual os estados finais são necessários para a geração dos estados iniciais. Desse modo, o processo recursivo produz-se/reproduz-se a si mesmo, evidentemente com a condição de ser alimentado por uma fonte, reserva ou fluxo exterior. A ideia de circuito recursivo não é uma noção anódina que se limitará a descrever um circuito. Muito mais do que uma noção cibernética que designa uma retroação reguladora, revela-nos um processo organizador fundamental e múltiplo no universo físico, que se manifesta no universo biológico, assim como nas sociedades humanas. (Morin et al., 2003, p. 35)

Para Morin, a recursividade é “uma ideia em ruptura com a ideia linear de causa/efeito, de produto/produtor, já que tudo o que é produzido volta-se sobre o que o produz num ciclo (...) autoconstitutivo, auto-organizador e autoprodutor” (2011, p. 74).

O último princípio se constitui na produção do conhecimento, na qual não existe neutralidade, pois todas as pesquisas, de alguma forma, são interventivas, ou seja, toda produção de conhecimento é uma forma de ação. Portanto, todo conhecimento implica certa reação ao objeto de estudo, o pesquisador está implicado de intencionalidade em sua investigação. Segundo Kohn (1998, p. 210), a “‘neutralidade científica’, ilusória, oculta as posições tomadas e obstrui o exame de seus fundamentos”.

Para a sociologia clínica, a subjetividade é considerada não como um risco para o pesquisador de se manter à margem, mas, sim, como a grande potencialidade de seu trabalho, integrando o fato de que o investigador é também incluído como “sujeito-objeto” da investigação. O desafio será, portanto, o de trabalhar com uma conceitualização de sujeito que considere a consciência como importante e essencial para compreender a complexidade do objeto psicossocial.

CAPÍTULO III – A ESQUINA EM NÓS: UM OLHAR QUE ANIQUILA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

4 O Estranho na Contemporaneidade

Até aqui vimos alguns motivos que levam os sujeitos ao contexto de rua. Agora, cabe tecer algumas reflexões sobre o incômodo da sociedade ao olhar este outro, considerado um ser “bizarro”, “estranho”, ou “coitado”, condenado ao ostracismo. A população em situação de rua, “esquecida”, desprovida de recursos materiais, consequência da pobreza e exclusão social resultante do modelo econômico neoliberal, neste trabalho, não é vista como “resto”, mas como um sujeito desejante, capaz de narrar sua história, com expressão e participação na estrutura social (Debieux, 2018). A discussão sobre o assunto consiste justamente no contraponto, pois o sujeito emudecido é capaz de falar e se fazer presente, independente dos estigmas e da lógica do capital na contemporaneidade.

Para situar o leitor na reflexão da indiferença social na atualidade, é válido compreender o fenômeno da hipermodernidade, sendo assim, é importante citar Gilles Lipovetsky (1983). O autor discute a Era do Vazio, denominada “indiferença pura”, um processo social com tendências à personalização e à desafeção. Esses termos indicam a intensificação dos interesses privados e um desinvestimento da esfera pública, ou seja, a sociedade organiza-se para o triunfo do individualismo e do narcisismo, indiferente ao outro (Garcia, 2005).

Segundo Lipovetsky (1983), a hipermodernidade reflete um período histórico caracterizado pelo aprofundamento da economia de mercado, revolução tecnológica e uma cobrança exacerbada da autonomia individual. As sociedades contemporâneas são governadas por uma relação de sedução associada ao consumo desenfreado, confirmando um estilo de

vida frívolo, esquecendo frequentemente de investir no “sentir”. Portanto, as consequências negativas nesse processo consistem na desinstitucionalização do público, na presença marcante da concepção individualista da existência que resultam numa mudança no modo de ser e sentir a apatia, uma reação desinteressada ao espaço social.

Por que citar a indiferença pós-moderna nesta pesquisa? E ainda, por que associar a indiferença ao estranho, àquele que se encontra em situação de rua? Ao falar de pessoas consideradas à margem, conforme as premissas do capitalismo que as exclui verazmente, e ao compará-las às convenções atuais de vida da sociedade, a pessoa em situação de rua é vista como “esquisita” e “bizarra”. O outro se esquia, mas é obrigado a cruzar os mesmos espaços o que causa estranhamento.

Apesar das dificuldades e dos desafios do contexto é essencial incluir a população vulnerável em espaços de participação social, por meio de ações e políticas públicas, assim como na oferta de serviços e equipamentos para as pessoas que vivenciam situações de exclusão. É necessário dinamizar as propostas inclusivas, como coparticipação da sociedade, como um exercício de alteridade.

4.1 *Unheimlich* para Freud

Este tópico abordará alguns aspectos da teoria freudiana e kafkiana acerca da formação da sociedade e suas consequências sobre o psiquismo humano. Esses autores, considerados visionários, ainda são referência na contemporaneidade ao refletirem sobre o sentimento de mal-estar, estranhamento, angústia na humanidade. Por este viés, realiza-se uma análise, um paralelo com a população em situação de rua sobre a sua representatividade social, as relações de dominação na história, e principalmente as consequências no modelo capitalista.

A psicanalista Claudia Garcia (2005) propõe pensar que o sujeito contemporâneo está mais suscetível ao mal-estar que o atravessa, comparado ao argumento central da tese freudiana de 1930, que atribuía os sofrimentos à repressão que a civilização exercia sobre os impulsos sexuais. De forma geral, o contexto sociocultural no qual Freud elaborou sua análise mudou consideravelmente. Atualmente, o mal-estar proposto pelo autor se apresenta em forma de fracasso, o que traz como efeito atenuante a capacidade de simbolização, a tendência do esvaziamento social e afetivo, na qual a existência do individualismo é marcante no processo de dissociação com o coletivo.

O mal-estar na civilização é a condição existencial do indivíduo na teoria freudiana. Pode-se inferir que o simples fato de o indivíduo viver no mundo contemporâneo já é requisito para se viver ansioso e frustrado. A sociedade industrial, a competitividade, o consumo desenfreado, o desemprego, a violência, a dinâmica das transformações sociais e dos valores, a adaptação do indivíduo às exigências da vida são os principais fatores que produzem sofrimento (Silva, 2012).

Por conseguinte, o conceito de “mal-estar” pode ser aprofundado, conforme a citação de Dunker (2015, p. 196), como a “experiência real de estar fora de lugar”, como um processo de estar em um lugar sem se sentir nele. Para Freud, no texto “Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada neurose de angústia”, a noção de desconforto e de mal-estar relacionada às neuroses atuais é mencionada:

Em sua forma mais branda, é mais bem descrita como “tonteira”. Consiste em um estado específico de desconforto (*Unbehagen*), acompanhado das sensações de que o solo oscila, de que as pernas cedem e de que é impossível manter-se de pé por mais tempo; enquanto isso as pernas pesam como chumbo e tremem, ou os joelhos se dobram. Essa vertigem nunca provoca uma queda. (1976, p. 113).

Portanto, tal definição retrata um modo de estar no mundo, permeado pelas inconstâncias, renúncias, angústias, insatisfações dos homens perante a sociedade. O resultado disso é o conflito constante entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização.

A fim de compreender esse paradoxo para a psicanálise, é imprescindível ainda o destaque a outros conceitos da obra Freudiana, como *Kultur*, pulsão de vida e morte, *Unbewusste*, *Behagen*, *Unbehagen*, *Heimlich*, *Unheimlich* detalhados a seguir:

Inicia-se com o termo *kultur* (civilização/cultura). Em “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), ele escreve:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização –, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, em especial, a distribuição da riqueza disponível. (Freud, 1927/1996, p. 15-16).

O autor, ao elencar a palavra alemã *Kultur*, não distingue os termos cultura e civilização, tornando-se desnecessária qualquer discussão etimológica, já que são considerados sinônimos. Entretanto, um ponto fundamental é a ideia da distinção do homem e a natureza/animalidade que, por sua vez, se liga à conquista de riquezas, assim como a necessidade de convívio social (Freud, 1910/1939). A definição Freudiana é bastante ampla, englobando as construções simbólicas e materiais que direcionam a vida dos homens, uma vez que esses não são animais orientados apenas por instintos, mas também pela estrutura social.

No livro *O mal-estar na civilização*, em alemão *Das Unbehagen in der Kultur*, escrito por Freud, em 1929-1930, é apresentada a tese de que a cultura gera sofrimento ao indivíduo, visto que existe um antagonismo entre as exigências da pulsão e as da sociedade. Assim, o homem reprime seus desejos, sacrificando-se, abrindo mão da sua liberdade em razão do outro e das regras sociais.

Ainda sobre paradoxos psíquicos, a teoria pulsional propõe o dualismo entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Toda pulsão é “situada na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam de dentro do organismo e alcançam a mente” (Freud, 1987, p. 142). A pulsão de vida refere-se ao investimento e à unificação, em favor da coletividade; já a pulsão de morte é caracterizada como descategorização, inanição, diminuição da excitação.

Assim, para encaminhar as reflexões aqui propostas, é essencial para o leitor que o cerne de todos os princípios psicanalíticos ocorra a nível inconsciente, ao fazer da consciência um mero efeito de superfície do inconsciente. A subjetividade deixa de ser entendida como um todo, sinônimo de consciência e sob o domínio da razão, para tornar-se uma realidade composta por dois grandes sistemas – o inconsciente e o consciente (Flecha, 2017).

Para Freud, o inconsciente encontra grande resistência à intelectualidade e ciência da época, cujo momento histórico advém de uma concepção racionalista do homem como um ser unitário identificado com a consciência e dominado pela razão. A psicanálise opera uma clivagem na subjetividade, não colocando a questão do sujeito da verdade, mas da verdade do sujeito (Garcia-Roza, 2009).

No texto metapsicológico *O Inconsciente* (1980/1915a), Freud defende a existência de processos psíquicos inconscientes. Ao afirmar que o inconsciente pensa, Freud desaloja a consciência de seu lugar de centro, alterando assim o privilégio conferido aos pensamentos conscientes. A base de sua descoberta vem demonstrar que os processos de pensamentos

inconscientes se produzem à margem da consciência e dela independem; é uma concepção de um sujeito dividido, não centrado em torno da consciência. O que ele descobre é a ausência de um eixo à volta do qual os processos psíquicos se ordenam. O sujeito é descentrado, isto é, carente de um centro ordenador. As elaborações efetuadas na primeira tópica colocam em cena a ideia de um sujeito caracterizado pela ruptura, pelo estiramento.

O conceito de inconsciente (*Unbewusste*) é um ponto basilar da teoria psicanalítica, na qual se concentra toda a descoberta freudiana. Por meio da sua experiência clínica, ele afirma que o psiquismo não se reduz ao consciente e que certos conteúdos só são possíveis à consciência após serem superadas algumas resistências. Revela que a vida psíquica é permeada por pensamentos eficientes, embora inconscientes, de onde se originavam os sintomas. Freud localiza o inconsciente não como um lugar anatômico, mas um lugar psíquico, com conteúdos, mecanismos e uma energia específica. Os conteúdos do inconsciente são os representantes da pulsão em que estão fixadas as fantasias, as histórias imaginárias, concebidas como manifestações do desejo, que é um dos pólos do conflito defensivo. Os desejos inconscientes tendem a uma realização (Laplanche & Pontalis, 2001). As representações contidas no inconsciente são chamadas de representações de coisa, constituídas de percepções, como uma sucessão de inscrições, como um arquivo sensorial: um conjunto de elementos despidos de palavras, na primeira infância do sujeito (Kusnetzoff, 1982).

Os elementos conceituais da psicanálise freudiana fundamentam-se em paradigmas e, como exposto, o inconsciente é a base para o funcionamento e os conflitos psíquicos. Conforme as marcas impressas no indivíduo, o inconsciente pode gerar a sensação de desconforto, num lugar inóspito que vive no mal-estar da cultura (*Unbehagen*) que carrega dentro de si o estranho (*Unheimlich*). Márcio Selligmann (2010) relata a ideia de deserto, a presença marcante do inconsciente na humanidade.

Sobre o aparato etimológico dos termos psicanalíticos, a palavra *Unheimlich*, na perspectiva psicanalítica, centra na sensação de estranhamento, tema complexo, que possibilita diversas definições e interpretações. Entretanto, nesta pesquisa, o recorte consiste na ideia do desconhecido. O conceito de *Heimlich* tem diversos significados, em especial, o que se refere ao familiar, pertencente à casa, ao lar, algo da ordem do familiar, remetendo à história de cada sujeito e aos segredos. Já o oposto *Unheimlich* aborda o que é velado, escondido, estranho e segredo. A partícula “*Un*” é utilizada por Freud no sentido de delimitar o recalçamento; para o psicanalista, as duas expressões estão interconectadas, porque o *Heimlich* vem a ser *Unheimlich* em algum momento (Paim Filho, 2019). De acordo com Freud, o “*Unheimlich* é tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz” (Schelling, citado por Freud, 1919, p. 282). Existe uma ambiguidade na essência do indivíduo, pois o que está recalçado quando emerge gera incômodo e angústia, porque ressalta os paradoxos inconscientes.

Assim, outros conceitos como o “*Behagen*” (sentir-se protegido) e “*Unbehagen*” (mal-estar), apontados por Freud (1919), esclarecem melhor a compreensão desse “estranho” presente no social. *Behagen* remete ao sentimento de proteção e está relacionado com o anseio ao amparo absoluto; o bebê é puro *behagen*, como se fosse um estágio de completude, sem conflito com o mundo. Ao acrescentar o prefixo *Un* – *Unbehagen*, nega-se a condição anterior e o indivíduo sente-se desprotegido, como uma falta de abrigo.

Sob a ótica psicanalítica, pode-se inferir que o encontro do sujeito com a sua própria estranheza causa inquietude e angústia, principalmente diante da vulnerabilidade do sujeito desde o nascimento, em desamparo. Entretanto, mesmo diante desse sentimento dicotômico, é possível refletir sobre as diferenças e não temê-las, pois as

oposições – eu ou outro, estranho ou familiar – possibilitam a integração, mesmo que seja por caminhos tortuosos.

Nesse sentido, relacionar os conceitos psicanalíticos apresentados com o contexto das pessoas que vivem em situação de rua demonstra que, além dos conflitos inconscientes inerentes a qualquer ser humano, a vivência nas ruas pode se referir a um momento de desalojamento, do sentimento de angústia diante do mal-estar. Freud aborda a irrupção de um afeto incomum em determinadas experiências, referindo-se a algo que traz à tona sentimentos opostos, repulsa, aflição, em que se impõe a ideia do fatídico (Freud, 1919).

Conforme o exposto, ressalta-se que o encontro com o “estranho” pode despertar, além de inquietude e angústia, sentimentos agressivos, diante desse outro julgado inferior. De acordo com Freud, o ódio ao estranho muitas vezes implica uma projeção, na qual a estranheza é fixada numa exterioridade, o que pode ser seguido de uma tentativa de eliminar a diferença. Trata-se de uma reflexão fundamental ao discutir sobre populações vulneráveis e excluídas, já que abolir as diferenças impossibilita a alteridade.

Na perspectiva psicanalítica, a população em situação de rua se aproxima de um “ser estranho”, trazendo à tona o que deveria permanecer oculto. Esses sujeitos, que estão circunscritos em espaços visíveis e ao mesmo tempo invisíveis, incomodam com sua presença, denunciando uma lacuna no ato de governar e regular a sociedade. Retomando à lógica neoliberalista, que induz o “calar”, como se fossem anônimos, inexistentes, este trabalho visa o caminho oposto, ou seja, uma crítica ao processo político de desumanização e, conseqüentemente, aposta para que se retomem espaços de fala e participação social.

Sendo assim, nesse processo de estreitamento do sujeito ao sistema econômico vigente, marcado pela coisificação em suas relações, a ideia é que se reflita sobre as

tendências reducionistas perante o social, pois todos estão sujeitos ao desamparo em algum momento de sua história de vida. Ressalta-se que a proposta é abordar o “*Unheimlich*” e a exclusão social de maneira dinâmica, não como um estado fixo e imutável. Por fim, é fundamental, para a compreensão do indivíduo como parte do coletivo, repensar as propostas inclusivas e de proteção social.

4.2 O Estranho para Kafka

Kafka descreve a realidade, a nossa realidade, mas com o olhar de quem esteve se despertando. (Rosenfeld, citado por Kafka, 2008).

Franz Kafka é considerado um dos grandes nomes da literatura contemporânea. Quase desconhecido em vida, atualmente é considerado um renomado escritor. Entre suas principais obras destacam-se *Amerika* ou *O Desaparecido* (1912), *A Metamorfose* (1912), *O Processo* (1914), *Carta ao Pai* (1919) e *O Castelo* (1922). Neste capítulo, a análise transcorrerá sobre o livro *A Metamorfose*, partindo de uma crítica à modernidade, por meio de um enredo surrealista, mas que propõe conexões entre o mundo ficcional e a realidade. O realismo de Kafka é mágico, entretanto, sóbrio ao mesmo tempo; seu humor às vezes é grotesco, outras vezes irônico, mas no fundo é sempre carregado de seriedade. O que Kafka escreve é ele mesmo, o ser em si.

No livro *A Metamorfose* (2009), uma das obras mais importantes e populares de Kafka, o autor destaca o sentimento de inquietude do personagem e a abordagem de sentimentos por meio do animismo:

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregor Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como

couraça e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido em segmentos arqueados, sobre o qual a coberta, prestes a deslizar de vez, apenas se mantinha com dificuldade. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o volume do resto de seu corpo, vibravam desamparadas ante seus olhos. (Kafka, 2009, p.10).

A obra de Kafka aborda o mal-estar do sujeito contemporâneo na cultura através de uma narrativa labiríntica. A crítica literária aproxima a narrativa kafkiana do estilo grotesco, no qual o realismo e o absurdo se misturam. No entanto, o adjetivo “kafkiano” tem sido empregado, comumente, para designar situações “estranhas” ou “surreais”. As leituras entrelaçam aspectos oníricos com a realidade, característica marcante do absurdo do autor (Thomson, 1979).

Assim, a respeito desse assunto, Kafka descreve o sujeito massacrado diante da opressão do outro, da burocracia do Estado, da Lei suprema e da insignificância do indivíduo. Para sair desse aniquilamento, acredita que a principal estratégia é a escrita, a propagação da literatura, porque apenas com o despertar de sentimentos e reflexões é possível enxergar a humanidade no homem.

Kafka acrescenta ainda a importância do diálogo, realizando o desejo expresso de que o texto literário “quebre o mar congelado em nós” (Kafka, 2009, p. 18), sobretudo no mundo globalizado e indiferente, no qual a alteridade não é prioridade, a passividade e a alienação permeiam a vida das pessoas. Então, esta dissertação clama para o despertar da impassibilidade do “anormal”, daquele sujeito que está “vivo” diante de nós nas esquinas, marquises, nos centros comerciais, nos arredores, que precisa ser visto e engajado na estrutura social.

As narrativas tratadas neste estudo compreendem que contar a história de vida transcende a ideia apenas de uma autobiografia, porque consiste num processo de resignificar

o passado. A pessoa em situação de rua, ao recorrer à narração, faz dela uma ferramenta de elaboração de sentido a sua existência, principalmente diante da sociedade, que os desmerece constantemente. As obras Kafkianas elegem personagens enigmáticos, animalísticos, reclusos, à beira de sentimentos claustrofóbicos, como maneira de emergir os sofrimentos e os conflitos internos. A análise de Piglia (2006, p. 52) sobre Kafka esclarece que, por meio da narração, é possível compreender uma ação não-refletida, um “nexo invisível entre os fatos”.

Em *A Metamorfose* (2009), Kafka narra a história do personagem Gregor Samsa que, desde a falência do pai, fica responsável por manter os típicos valores de uma família de classe burguesa. A vida de Gregor era dirigida no cumprimento das normas sociais; ele se mostrava leal tanto à família quanto às responsabilidades no trabalho. Entretanto, repentinamente numa manhã, se vê transformado em um inseto, o que o impede de continuar sustentando a família. Diante disso, ele é rejeitado pelos familiares e passa a se sentir um antissujeito, entregando-se, de maneira consecutiva, à morte (Silva, 2018). A transformação de Gregor, de homem para inseto, revela a falta de interesse do personagem pelo mundo, demonstrando a impotência do homem, em alusão às fraquezas humanas diante das pressões sociais. Segundo Sartre (1997), nos momentos de crise existencial, o homem para, percebe que existe algo errado e passa a questionar suas limitações. Consequentemente, ele é tomado pela consciência do nada. Diante desse lapso, do vazio, surgem os questionamentos e a escolha, apesar da angústia: o que fazer?

A obra Kafkiana é apresentada por meio de alegorias, como o conflito de Gregor ao se transformar num inseto, causando estranheza entre ele e o mundo exterior. Propõe uma analogia ao sujeito que não pode ou não quer executar tarefas sociais, logo, torna-se um objeto estranho e indesejado. Trata-se de uma estranheza diante das convenções idealizadas pela sociedade, ou seja, o que não se encontra dentro do padrão é desvalorizado. É diante

desse contexto que a obra de Kafka (2009) poderia ser classificada com uma trama de cunho social, denunciando a valorização do homem por aquilo que ele faz ou aquilo que ele pode oferecer. Segundo Adorno (1998), “*a gênese social do indivíduo revela-se no final como o poder que o aniquila. A obra de Kafka é uma tentativa de absorver isso*” (p. 249). Ou seja, entre ambos, o conflito se estabelece por ele – ou eu – e os elementos do mundo exterior. Isso mostra a desconcertante situação em que Gregor estava envolvido.

A alegoria da metamorfose, como recurso estético, explicita a desumanização do indivíduo e as relações humanas dentro do sistema econômico. Segundo Coutinho (2005), ao se converter a força de trabalho em mercadoria, o capitalismo transforma o homem num objeto desumanizado. O caráter essencialmente contraditório do capitalismo faz repensar a falsa liberdade desse modelo, pois, fundado na lei do mercado, existe um aprisionamento nas estruturas de classe e nas relações de dominação. Dessa forma, o personagem Gregor Samsa pode ser aferido apenas como uma força de trabalho e não como um homem dotado de sua individualidade e subjetividade própria.

No mundo descrito por Kafka, existem duas classes: aquelas que oprimem e as que são oprimidas. Gregor podia ser identificado concomitantemente como oprimido e opressor, lidando ao mesmo tempo com fatos naturais e absurdos da vida, na qual o opressor se beneficia em seu domínio e o oprimido se realiza em ser dominado. A transformação de Samsa num inseto representa a desumanização do homem no processo de fabricação do lucro; o indivíduo torna-se uma simples engrenagem no processo que pode simplesmente trocar algumas dessas engrenagens quando for conveniente (Wey, 2012). Em outras palavras, os extremos nas lutas de classes podem gerar consequências nefastas às pessoas tanto ao desqualificá-las quanto aliená-las.

Dessa forma, a reflexão sob a luz da teoria de Kafka a respeito da população de rua esclarece as dificuldades do sujeito diante de um Estado que o aniquila. Sobre o assunto, cabe

uma analogia com o sofrimento do personagem, Gregor, que não se motiva pela transformação em um inseto, mas por não continuar sendo o provedor da família. Nessa perspectiva, Anders (1969) relata que o homem é valorizado ou reconhecido apenas por sua profissão; sem esse papel social, torna-se nada. Os sujeitos que se encontram morando na rua são estigmatizados como “vagabundos”, uma representação social pejorativa, pois o modelo de trabalho entendido na produção vem da força de trabalho e da extração da mais-valia (Enriquez, 1999). Desprovidas dessa referência, as pessoas em situação de rua são consideradas improdutivas e preguiçosas.

Segundo Di Flora (1987), o estigma atribuído à população de rua revela as contradições do modo capitalista de produção: a falácia de que todos possuem iguais oportunidades e a evidência de que, embora a produção seja social, a apropriação dos ganhos é sempre individual, sendo as pessoas em situação de rua testemunhas vivas de que a exploração e a desigualdade estão no cerne desse modo de produção.

Retomando a análise de Anders (1969), o autor constata que “o estranho” especial que existe nos contos de Kafka foi uma maneira de romper com a alienação imposta pela família e pelo trabalho. O despertar de Gregor transformando-se em inseto representa o despertar do homem para a realidade da vida, o que o transformaria em um completo estranho não pertencente ao mundo.

Associar a história de Gregor àqueles que estão em estado de extrema vulnerabilidade é possível, visto que há estreitas semelhanças entre eles, em especial, no sentimento de desvalia, angústia, desesperança frente à sociedade totalitária.

Diversos personagens apresentam-se como homens passivos, às vezes até mesmo apáticos, como maneira de instigar o leitor a se inquietar diante do sofrimento. Em outras palavras, Kafka contradiz os contos heroicos e narra a realidade e a angústia do mal-estar na civilização.

O estranhamento nos moldes Kafkianos remeteria à falta de compatibilidade do homem frente aos procedimentos sociais. O homem será sempre um estranho no mundo, ele não é pertencente a esse lugar. O estranho para Kafka parece seguir da necessidade de achar um sentido da vida, da mesma forma que significaria um incômodo e desconforto. Observa-se a coisificação do homem moderno, a perda de sua individualidade e o desperdício da potencialidade humana mediante a mecanização da vida pela pressão do progresso.

4.3 O que fazer com o Estranho? Uma análise do desconforto!

A proposta ao analisar o desconforto, o sentimento de mal-estar na civilização, é que se compreenda o homem assim como os processos inconscientes, ou seja, refletir sobre o “não-lugar” ao reconhecimento. A análise Kafkiana, ao trabalhar com os elementos recalcados na cultura, destaca o “deslucamento”, que faz o mundo louco e de exceção ser normalizado não apenas na literatura, mas, ainda, na realidade,

[...] deslucou a aparência aparentemente normal do nosso mundo louco, para tornar visível sua loucura. Manipula, contudo, essa aparência louca como algo muito normal e, com isso, descreve até mesmo o fato louco de que o mundo louco seja considerado normal. (Anders, 2007, p. 15).

Kafka e, posteriormente, José J. Veiga¹² elaboram narrativas que podem ser descritas como “laboratórios da ficção” pela técnica do “deslucamento” (os neologismos “deslucado”, “deslucamento”, “deslucado”). *Verrücken*, que significa deslocar, e *ver-rücket*, participio do verbo que, como adjetivo, significa louco, foram usados por Günter Anders, 1993, nas obras Kafkianas. Pelo deslocamento e enlouquecimento da aparência normal do mundo, são transcendidos os limites do cognoscível, do pré-estabelecido, para estabelecer

¹² José. J. Veiga, romancista, é considerado um dos pioneiros da literatura fantástica no Brasil (Campedelli, S. Y. José J. Veiga. São Paulo: Abril Cultural, 1982).

novos significados. O impossível é vivido, ainda que no revés do absurdo, como meio de mostrar que os fatos inusitados são contraditoriamente os mais comuns. O autor salienta o absurdo e a hipérbole para incomodar, entretanto, a presença do estranho materializa a relação entre indivíduo e realidade (Anders, 1993). Dessa forma, nota-se uma crítica do dever-ser, da aparência, de ser apenas um objeto no mundo contemporâneo. A loucura, vista aqui como questionamento da alienação social, permite que as pessoas não se sintam e permitam ser impotentes; pelo contrário, que se reconheçam em todo processo individual e coletivo. Sobre o tema, a autora, De Paula (2009, p. 13), afirma que: “O ato de ‘desloulcar’ oferece um olhar inédito e original sobre o lado obscuro e indefinível do universo humano”.

Ao elencar a teoria Freudiana e Kafkiana sobre o mal-estar na cultura, propõe-se um diálogo na vida cotidiana imbuída das pressões sociais e relações de dominação. A partir dessa propositura, é possível compreender a importância do tema, porque o *unheimlich* encontra-se além das histórias fictícias, porque marca também a vida das pessoas que procuram uma saída, uma resposta diante do sofrimento. Em outras palavras, neste processo de “desloulamento”, almeja-se a transcendência da pulsão de morte a da pulsão de vida.

Os autores citados organizam suas ideias numa visão transfiguradora diante de situações decadentes e em crise. Os textos apresentam um lado amargo e profundo da vida que precisa emergir, para que conseqüentemente sejam elaborados e ressignificados os paradigmas do “estranho” ao caminho da “luz”. Dito de outra forma, os sofrimentos individuais e as fragilidades sociopolíticas precisam ser expostos, além da simples crítica, aprofundar estratégias para o encontro do “bem-estar” (*behagen*).

Diante disso, esta pesquisa parte de uma perspectiva crítica, ao adotar uma metodologia que valoriza os participantes, principalmente, em relação ao público estudado, que são pessoas em extrema vulnerabilidade social, com vivência no contexto de rua. Por isso, a proposta é lutar contra o emudecimento dos sujeitos, a invisibilidade, a desumanização e a

exclusão por meio do testemunho pessoal, no intuito de despertar crítica aos imperativos sociais. As pessoas, ao narrarem suas frustrações, dores, rupturas e “vazios afetivos”, também identificam ideais, perspectivas, afetos, ou seja, sentem-se sujeitos de desejo, assim como coprodutores de sentido para si e para o coletivo.

CAPÍTULO IV – OBJETIVOS

5 Objetivo Geral: Conhecer a história de vida de homens em situação de rua por meio do mapeamento corporal.

5.1 Objetivos Específicos:

- Explorar a narrativa do participante pela história de vida e MCN.
- Identificar os elementos e símbolos apresentados no MCN e sua relação com o contexto social e cultural.
- Proporcionar aos participantes ressignificação ao narrar sua história de vida via mapa corporal.
- Explorar a aplicação de metodologias visuais e narrativas como recurso de acesso à subjetividade de pessoas em situação de rua.
- Refletir sobre a representação da rua do conceito de: *Unheimliche* para Freud e estranho para Kafka.

CAPÍTULO V – MÉTODO: HISTÓRIA DE VIDA E MAPA CORPORAL

6 MÉTODO

6.1 Nomenclatura

Emolduradas na metodologia qualitativa, as abordagens biográficas identificam-se no processo de lembrar a história do indivíduo. Nesse sentido, dentro dessas perspectivas teóricas (história oral, biografia e autobiografia), ao revisitar a sua trajetória, a presente pesquisa utilizou a história de vida como referencial.

Esse método se constitui por um relato do informante sobre sua existência, por meio do qual ele tenta reconstituir os acontecimentos que vivenciou, sendo o sujeito quem decide o conteúdo da narrativa, possuindo a liberdade de expressão ao contar a sua história.

Um aspecto importante a ser esclarecido, quanto à análise da terminologia da história de vida, consiste em que, originalmente, em francês é escrita como, *récit de vie*, que se traduz em português em história de vida (Rhéaume, 2013). Entretanto, há uma conotação em francês fundamental a ser pontuada quanto ao sentido da palavra *histoire* que está mais ligada à exposição de fatos históricos. Já a palavra *récit* possui outro significado que está relacionado à narração subjetiva da própria história de vida.

Sob outro ponto de vista, a expressão na língua inglesa menciona duas palavras para traduzir do francês *histoire*, que são *story* e *history*. Denzin (1970) propõe a distinção entre “*life history*” e “*life story*”. O primeiro termo propõe reservá-lo aos estudos de caso sobre uma pessoa determinada, compreendendo não apenas seu próprio *récit de vie*, mas também os recursos documentais. Quanto à *life story*, a expressão é a história ou o relato das vivências de cada pessoa (Bertaux, 1980).

Por fim, a palavra *histaur*, em grego, significa aquele que sabe, conhece e que pode, então, contar, produzir um relato. Portanto, o sujeito, ao contar sua história, reconhece a importância da experiência subjetiva do seu próprio relato e a relevância do outro, que a escuta. Essa ligação, por meio do relato, constrói a alteridade (Ferraroti, 1990).

Considerando que o pesquisador não busca a autenticidade dos fatos, e sim o ponto de vista do entrevistado, as investigações refletem sobre a verdade das narrativas sem julgamentos, construindo a pesquisa como uma parceria e aprofundando das narrativas com o objetivo de avaliação da temática pesquisada, considerando os aspectos individuais e socioculturais (Santos & Santos, 2008). Portanto, neste estudo, a expressão “relato de vida” ou “história de vida” serão tomadas como a versão do próprio sujeito que a vivenciou.

6.2 História de Vida

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foram utilizados métodos de história de vida e mapa corporal narrado. A narrativa permite conhecer a singularidade de cada sujeito. Portanto, obter as informações por meio da voz da própria pessoa propicia a liberdade de dissertar sobre sua experiência particular (Santos & Santos, 2008). Do ponto de vista metodológico, as abordagens se complementam ao acessar, além o momento de vida da pessoa, a vivência sobre alguns temas de sua vida, como no caso, a situação de rua.

Sobre a história de vida como método de investigação, o autor Vincent de Gaulejac (2012) analisa a subjetividade individual juntamente com a realidade social, ou seja, tratar das narrativas de vida é uma maneira de se apropriar da trajetória pessoal e coletiva, e das suas possibilidades de enunciação (Gaulejac, 2012).

Para a Psicossociologia Clínica, no intuito de compreender a relação que o indivíduo possui com sua narrativa, é essencial que se analise o sistema social em que está inserido, o

tempo em que se encontra e o espaço que ocupa, condicionando-o como ser histórico-social (Castro, 2015). Ao contar sua vida, a pessoa fala do seu contexto e da conjuntura social da sua realidade. Assim, a perspectiva da Sociologia Clínica é compreendida a partir das consonâncias entre o social e o psíquico, uma realidade que “atravessa” a outra de maneira inseparável na história de vida. Conforme apontado por Gaulejac (2009), o relato é um instrumento de historicidade, pois permite que o sujeito ‘trabalhe’ sua vida. Contar sua história é um meio de jogar com o tempo da vida, de reconstruir o passado, de suportar o presente e de embelezar o futuro (Gaulejac, 2009, p. 65).

O sujeito, ao rememorar sua trajetória, torna-se capaz de ressignificar suas experiências. Sob o mesmo ponto de vista, Pineau e Le Grand (2013) relatam que a história de vida é uma pesquisa e uma construção de sentido, a partir de fatos temporais pessoais, ela engaja um processo de expressão da experiência.

Mediante as referências teóricas apresentadas, a afirmação de Meneghel (2007, p.119) contempla a profundidade do método em questão:

A História de Vida devolve a palavra aos silenciosos e aos esquecidos da história, e projeta uma iluminação particular ao social; elas tiram a palavra dos lugares de silêncio e rechaçam um ponto de vista enquadrado em sistemas de pensamento exclusivos, redutores e totalitários.

Sob esse prisma, esse método permite abordar temas do ponto de vista de quem os vivencia, pois possibilita apreender a cultura “do lado de dentro” (Paulilo, 1999). Constitui-se como uma ferramenta privilegiada na compreensão das interseções entre o que é exterior à pessoa, e aquilo que traz dentro de si. Paulilo (1999, p. 137) afirma que o processo narrativo é “o elemento precioso que nenhuma outra fonte possui em medida igual”. Por isso, ao contar a própria história, permite ao sujeito novas elaborações de sentido da realidade.

Além do conhecimento da própria biografia, essa metodologia proporciona um processo de transformação. Segundo Josso (2004, p. 9), o sujeito pode “transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir”. Essa transformação acontece com a consciência de si mesmo, encarando sentimentos, frustrações, atitudes, e as relações com o outro. Então, é nesses “encontros” e “desencontros” que a existência se torna compreensível.

Em pesquisas dessa natureza, o pesquisador propicia aos participantes que, além de narradores, sejam também co-produtores de sentido da sua história, pois o processo de conhecimento da trajetória de vida implica a importância no papel como sujeito social (Takeuti, 2009). Similarmente, Ferrarotti (2000) menciona que, ao se apropriar do social, o indivíduo inscreve sua marca, e faz em sua subjetividade uma re-tradução desse social, reinventando-o a cada instante. Essa concepção reflete a representação singular de leitura de cada sujeito, conhecendo o social por meio da sua história. Nesse sentido, os estudos buscam uma aproximação da construção identitária a partir das narrativas articuladas entre psicológico e o social.

Ressalta-se que as pesquisas que envolvem histórias de vida são caracterizadas por uma relação de confiança entre o pesquisador e pesquisado, pois o método pressupõe a existência de vínculo. Conforme descrito por Lima (2014), o entrevistador tem um papel essencial, pois não é apenas um simples expectador da história, é uma testemunha do sofrimento, alguém que se relaciona com o entrevistado de maneira ética e responsável. Em consonância a essa proposta, a autora Takeuti (2009) afirma que o processo de análise das informações decorre sempre do encontro entre os pesquisadores e os sujeitos da pesquisa, no sentido que um afeta o outro mutuamente.

Sobre o assunto, no que concerne ao procedimento do método, é primordial que o papel do pesquisador não se limite apenas à descrição e a escrita. É importante que ele

mantenha perante o entrevistado uma escuta sensível com o objetivo de compreendê-lo melhor. Portanto, o sujeito e o pesquisador encontram-se no mesmo nível, numa interlocução, o que permite juntos reesignificar a história de vida: “[...] um encontro único entre um pesquisador e uma pessoa que aceita se confiar a ele – encontro que, também ele, tem sua história própria” (Lévy, 2001, p. 93).

As histórias investigadas nesta pesquisa possuem embasamento teórico na Psicossociologia Clínica e no método do mapeamento corporal, pois possibilitam a compreensão do fenômeno social e da própria identidade, conforme as experiências subjetivas que perpassam um e outro (Houle, 1986). A experiência de vida singular, inscrita num universo de relações sociais, cria uma narrativa subjetiva e única para cada sujeito.

6.3 Mapa Corporal Narrado - MCN

De acordo com Gastaldo, Carrasco, Magalhães e Davy (2012), o propósito de usar o mapeamento corporal é o envolvimento dos participantes em um exame crítico do significado de suas experiências únicas, que não podem ser simplesmente alcançadas por meio de conversas. Em nosso estudo, desenhar símbolos e selecionar imagens os ajudam a procurar significados no processo de vivência nas ruas. Os autores adaptaram essa metodologia de mapa corporal, de um modelo de arteterapia, usado em pessoas que viviam com vírus da imunodeficiência humana HIV/aids na África do Sul.

A técnica do mapeamento corporal foi primeiramente utilizada como ferramenta terapêutica com grupo de mulheres diagnosticadas com HIV/aids na África do Sul como processo de elaboração do luto. Posteriormente, a prática foi direcionada para a compreensão das histórias daqueles que participavam do tratamento com antirretrovirais, o que resultou no livro *Long Life, Positive HIV Stories* (Solomon, 2007).

Os mapas corporais podem ser definidos como uma representação gráfica do corpo em tamanho real do participante, utilizando-se de desenhos, colagens, pinturas, dentre outras maneiras artísticas de criação (Gastaldo et al., 2012). Esse método propõe narrativas de experiências pessoais, além da oralidade, por meio de ferramentas lúdicas para contar sua história de vida repleta de significados e simbolismos.

Essa abordagem propicia reflexões profundas na forma de contar sua história, pois o aspecto dinâmico do instrumento utilizado suscita na pesquisa de geração de dados a compreensão das verdades pessoais, sociais, políticas e econômicas atribuídas às experiências relatadas. Os mapas corporais estimulam relatos não lineares, que superam a tradicionalidade das pesquisas baseadas em entrevistas estruturadas, com o pressuposto de explorar outros sentidos da linguagem biográfica, de maneira artística.

A técnica, como outras metodologias criativas, facilita a expressão de ideias, experiências, além das entrevistas convencionais. As pessoas refletem sobre a vida por um outro viés, usando o corpo, sob uma perspectiva mais profunda, a partir da criação do próprio trabalho (Gaunlett & Holzwarth, 2006). Concomitante à ideia desses autores, Cskszentmihalyi (1990) menciona que as pessoas apreendem melhor quando são criativamente desafiadas. Os trabalhos realizados pelas mãos propiciam o lúdico e a imaginação, favorecendo os pensamentos críticos que são facilitadores da aprendizagem. A técnica concede superações no campo da linguagem, pois a criação do mapa corporal é livre na maneira de expressão, não impondo escritas e ferramentas padronizadas, sendo possível utilizar materiais e usufruir das habilidades singulares de cada participante, como recortes de revistas, desenhos, símbolos, papéis, conforme a construção e etapas do mapeamento (Gastaldo et al., 2012).

A construção do mapa corporal relata uma história composta por três elementos: 1) a criação de um símbolo pessoal com um *slogan*; 2) a construção das marcas/cicatrices sob a pele; 3) escaneamento corporal das figuras de suporte e perspectivas de futuro.

Essa técnica de narração corporal de mapas é considerada um método ativo nas ciências sociais e da saúde, pois desenvolve nos participantes um senso crítico de percepções do meio e de si próprio. O instrumento permite o fluir de experiências e indagações pessoais, como novas maneiras de pensar, hábitos, sentimentos e como promover a saúde compreendendo os determinantes específicos e suas intersectorialidades (Cskszentmihalyi (1990). O mapa corporal, como metodologia de descrição narrativa das experiências, engrandece os espectros da auto-avaliação e identificações sociais pela maneira criativa e dinâmica processual. Ressalta-se que, além desses aspectos apresentados, a técnica pode alcançar o ambiente laborativo, a coletividade, além de transformação identitária (Keith & Brophy, 2004).

6.4 Contexto

A presente pesquisa foi realizada no Centro de Referência para População em Situação de Rua (Taguatinga), que se caracteriza por ser uma Unidade Pública Estatal prevista no Decreto nº 7.053/09, o qual institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, e na Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais. Em virtude de maior incidência dessa população na Região de Taguatinga e Ceilândia, em 2013, o Governo do Distrito Federal inaugurou esse Centro Pop com o objetivo de reduzir violações dos direitos socioassistenciais, seus agravamentos, proteção social às famílias e indivíduos, como também reduzir danos provocados por situações violadoras de direitos, e a construção de novos projetos de vida (Brasil, 2011).

A PNPR (Decreto nº 7.053/2009) garante os processos de participação e controle social, igualdade, respeito à dignidade da pessoa humana; o direito à convivência familiar e comunitária; a valorização e respeito à vida e à cidadania; o atendimento humanizado e

universalizado; e o respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência. Esses são princípios preconizados pelas Unidades da Assistência Social, como considerados nesta pesquisa, pois além do conhecimento, o respeito às pessoas e as suas histórias de vida são prioritários.

6.4.1 Ações e Serviços ofertados no Centro Pop Taguatinga

O Centro Pop é a unidade de referência para famílias e indivíduos em situação de rua e oferta os serviços de alimentação (lanche matutino, almoço e lanche vespertino), higiene pessoal (espaço para banho, lavanderia e kit de higiene), guarda de pertences e documentação, atendimento individual, familiar ou de grupo com equipe técnica especializada, inserção das pessoas em situação de rua no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, articulação e encaminhamento para a rede de serviços.

O atendimento ao público é das 09:00 às 17:00 h, de segunda a sexta-feira, durante 8 (oito) horas, garantida a presença, nesse período, de equipe profissional essencial. A Unidade atende em média 150 pessoas diariamente, sendo a maioria homens adultos. As crianças e adolescentes só poderão acessar os serviços da unidade quando acompanhados pelos responsáveis legais.

6.4.2 Equipe

Conforme a NOB/RH/2006, e, ainda, na Resolução do CNAS nº 17/2011, recomenda-se como equipe de referência para uma capacidade de acompanhamento no Centro POP a 80 (oitenta) casos (famílias ou indivíduos/mês) a seguinte composição:

- 01 coordenador(a) ;
- 02 assistentes sociais;
- 02 Psicólogos (as);
- 01 Técnico de nível superior, preferencialmente com formação em direito, pedagogia, antropologia, sociologia ou terapia ocupacional;
- 04 profissionais de nível superior ou médio para a realização do Serviço Especializado em Abordagem Social (quando ofertada pelo Centro POP), e/ou para o desenvolvimento de oficinas socioeducativas; e 02 Auxiliares Administrativos

Partindo da equipe de referência proposta, atualmente o Centro Pop de Taguatinga dispõe:

- 01 coordenadora/gerente;
- 02 Auxiliares em Assistência Social;
- 02 Técnicos em Assistência Social (TAS- Agente Social)
- 02 Técnicos em Assistência Social (TAS- Administrativo)
- Especialista em Assistência Social (EAS):
- 04 Educadores Sociais;
- 01 Assistente Social;
- 01 Psicóloga.

6.4.3 Infraestrutura Física da Unidade

Segundo as Orientações Técnicas para o Centro Pop, os espaços devem ser compatíveis com os serviços ofertados, representando para os usuários um local de bem-estar, cooperação, construção de vínculos e concretização de direitos, ou seja, um lugar de referência para o exercício da cidadania e o fortalecimento do protagonismo por parte da população em situação de rua (Brasil, 2011).

Então, este Centro de Referência deverá dispor de espaços para:

- 1 Recepção e acolhida inicial;
- 1 Sala para atividades referentes à coordenação, reunião de equipe e/ou atividades administrativas;
- 4 Salas de atendimento individualizado, familiar;
- 1 Sala para atividades coletivas com os usuários, socialização e convívio;
- 1 Copa/cozinha para os funcionários;
- 1 Banheiro masculino: com 3 chuveiros e 3 vasos sanitários, 1 pia;
- 1 Banheiro feminino: com 3 chuveiros e 3 vasos sanitários, 1 pia;
- 1 Banheiro com adaptação para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida;
- 1 Lavanderia com 4 tanques ;
- 1 Refeitório, atualmente em reforma;
- 1 Guarda de pertences, com armários individualizados;
- 1 Almoxarifado para guarda de materiais de escritório.

6.4.4 Fluxo da Unidade:

6.4.4.1 Acolhimento

O acesso ao serviço poderá ser feito por meio demanda espontânea, encaminhamento realizado pelo Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS), ou outros equipamentos, programas e projetos da rede socioassistencial das demais políticas públicas setoriais ou órgãos de defesa de direitos da localidade (SUAS, 2011).

O acolhimento inicial é realizado pelos auxiliares e técnicos em assistência social, responsáveis pela distribuição dos lanches (1 suco, salgado, pão ou bolo, e uma fruta) e almoços (carboidrato, proteína, verdura, fruta e suco); guarda documentos/pertences; e encaminhamento ao atendimento psicossocial, registro e cadastro diário dos usuários; participação nos projetos e orientações sobre o Cadastro Único – CadÚnico.

6.4.4.2 Atendimento Psicossocial

Posteriormente a acolhida, conforme a avaliação dos técnicos, o usuário é encaminhado para o atendimento psicossocial, no qual o especialista faz diagnóstico e levantamento de demandas, e estabelece a pactuação do plano individualizado de intervenção, ou seja, o planejamento de ações e encaminhamentos para viabilizar a superação da condição de rua (Brasil, 2011).

Seguem outras atribuições importantes dos EAS:

- Realização de acompanhamento, por meio de metodologias e técnicas individuais e coletivas que contemplem as demandas identificadas.
- Encaminhamentos diversos: (documentação civil, cursos profissionalizantes, tratamentos especializados de saúde em hospitais, clínicas e comunidades

terapêuticas, unidades de acolhimento e convivência, inclusão na rede de apoio para a pessoa em situação de rua, CREAS, CRAS).

- Articulações, discussões, planejamento e desenvolvimento de atividades com outros profissionais da rede, visando ao atendimento integral dos usuários atendidos e qualificação das intervenções.
- Contatos com familiares e sensibilização para o resgate de vínculos que favoreçam o retorno familiar.
- Consulta e encaminhamentos monitorados para a rede socioassistencial, das demais políticas públicas e órgão de defesa de direito.
- Participação nas reuniões para avaliação das ações e resultados atingidos no (s) Serviço (s) e planejamento das ações a serem desenvolvidas; na definição de fluxos de articulação; no estabelecimento de rotina de atendimento e acolhida dos usuários; na organização dos encaminhamentos, fluxos de informações e procedimentos, estímulo à participação dos usuários na definição das ações desenvolvidas ao longo do acompanhamento;
- Acompanhamento e transporte até a instituição como parte do atendimento (Caps, Consultório na Rua, Agência do Trabalhador, Fóruns e Núcleos de Assistência Jurídica – Defensoria Pública, etc). Relacionamento cotidiano com a rede, tendo em vista o melhor acompanhamento dos casos.
- Visita domiciliar e institucional (em casos de retorno familiar, saída de serviço de acolhimento para pensão ou residência e encaminhamentos para acolhimento e/ou tratamento especializado de saúde).
- Realização de Oficinas e grupos, com objetivo de propor reflexões sobre a história de vida e projetos pessoais, autoconhecimento, fortalecimento vínculos, assim como trabalhar também na perspectiva na geração de renda.

- Estímulo à participação dos usuários na definição das ações desenvolvidas ao longo do acompanhamento e alimentação de sistema de informação, registro das ações e planejamento das atividades a serem desenvolvidas.

6.5 Atuação da pesquisadora no Centro Pop - Taguatinga

É essencial pontuar a atuação como Especialista em Assistência Social no Centro Pop, bem como a atuação como pesquisadora, pois essa trajetória ressoa nas motivações do estudo, da mesma maneira que os resultados transpõem reflexões na prática.

O primeiro contato, como servidora pública na Assistência Social, surgiu com o SEAS que tinha como objetivo assegurar o trabalho na busca ativa que pudesse identificar nos territórios e acompanhar casos com a incidência de situações de risco pessoal e social, por violação de direitos, como: trabalho infantil, exploração sexual de crianças e adolescentes e pessoas em situação de rua.

Durante oito meses em diversas regiões do DF realizei atendimentos em marquises, pontes, centros comerciais, espaços improvisados de moradia, zonas rurais o que me proporcionou melhor compreensão da vivência nas ruas. Os relatos, as histórias de vida dos sujeitos fizeram com que eu repensasse a possibilidade de viver de outras maneiras, consideradas “não convencionais”. Observei muitas disparidades sociais, situações de precariedade, vulnerabilidade e exclusão; entretanto, a rua apresenta outras representações, inclusive a vertente positiva, como o vínculo comunitário e engajamento social.

Posteriormente trabalhei como assessora técnica em uma Unidade de Acolhimento para Crianças e Adolescentes – UNAC, com as seguintes atribuições: triagem e acolhimento institucional para Casas Lares, acompanhamento juntamente com a equipe psicossocial de

casos, em que a trajetória nas ruas começava ainda na infância, tanto pela ausência dos pais ou pelo contexto de risco social.

No Centro Pop de Taguatinga, como exposto no tópico anterior a atuação consiste principalmente em atendimentos e acompanhamentos aos indivíduos e famílias. É possível prestar o serviço individualmente ou em grupo, ambos permitem a solicitação de benefícios socioassistenciais, documentações pessoais, orientações e encaminhamentos as demais políticas públicas, articulações com outros profissionais da rede, fortalecimento de vínculos, contatos com familiares e rede de apoio.

No caso da intervenção grupal destaco como uma estratégia capaz de potencializar a “participação” na luta pelos direitos sociais e políticos no fortalecimento da construção da cidadania. As oficinas se caracterizam como uma ferramenta que instiga a problematização da trajetória e perspectiva de vida. A participação dos usuários da Assistência Social é essencial para o incentivo ao auto-cuidado e reconhecimento de direitos.

Há cinco anos realizo oficinas e projetos com os usuários do serviço, com vistas a reflexões sobre autoestima, motivação, promoção da saúde, construção de novos projetos de vida, redução de danos como estratégia de prevenção para usuários de álcool e outras drogas. Por fim, as propostas incentivam além de espaços de convivência, recursos para emancipação dos sujeitos.

6.6 Benefícios Socioassistenciais

Os benefícios socioassistenciais são contingências que afetam mais os pobres, com maior dificuldade de enfrentá-las por seus próprios meios (Potyara, 2009), por isso a distribuição pública de provisões financeiras a grupos específicos que não podem, com recursos próprios, satisfazerem suas necessidades básicas e providências mais urgentes. São incertezas que implicam riscos (ameaças de padecimentos), danos (ofensas à integridade) e perdas (privações), que devem ser enfrentadas pelo Estado na perspectiva da proteção social. Nesta pesquisa, alguns benefícios são repassados às pessoas em situação de rua, caso haja interesse em superação do contexto, como apoio ao aluguel, reintegração familiar, provimento de alimentos, mobilidade na rede e garantia de direitos, proteção à segurança física e emocional, dentre outras circunstâncias previstas previstos no art. 22 da Lei nº 8.742 de 1993.

Portanto, explicita-se os seguintes auxílios do Governo Federal e do DF: CadÚnico, Bolsa família, DF Sem Miséria e os benefícios eventuais.

6.6.1 Cadastro Único e Bolsa Família

O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal - CadÚnico é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda. Constitui-se em ferramenta de apoio a implementação de políticas públicas, na medida em que reúne informações que permite aos gestores o conhecimento dos riscos e das vulnerabilidades da população de baixa renda (Portarias: nº 246, de 20 de maio de 2005, nº 350, de 3 de outubro de 2007 e nº 256, de 19 de março de 2010).

Desde 2003, o CadÚnico se tornou o principal instrumento do Estado brasileiro para a seleção e a inclusão de indivíduos e famílias em vulnerabilidade social, usado

obrigatoriamente para a concessão dos benefícios do PBF, Tarifa Social de Energia Elétrica, do Programa Minha Casa Minha Vida, da Bolsa Verde, dentre outros. Portanto, é uma maneira de acesso as outras políticas públicas e atuação conjunta com municípios e Estados (MDS, 2019).

O Programa Bolsa Família (PBF) do Governo Federal, faz parte do CadÚnico, caracterizado por ser um programa de transferência direta de renda que beneficia indivíduos e famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. O serviço da SEDES consiste em administrar as ações realizadas que podem interromper ou restabelecer o pagamento de benefícios à família, executadas no Sistema de Benefícios ao Cidadão - SIBEC. Todas as famílias com renda por pessoa de até R\$ 89,00 mensais (famílias em situação de extrema pobreza).

6.6.2 DF Sem Miséria

O Governo do Distrito Federal, como prerrogativa à garantia de direitos, implementou o DF Sem Miséria que consiste em valores da suplementação que variam de acordo com a situação de pobreza de cada família, proporcionando aos que mais precisam maior quantia. Os recursos a serem suplementados diferenciam entre de R\$ 20,00 a R\$ 960,00 conforme composição e renda de cada família, até que a renda somada aos valores recebidos pelo PBF alcance \$140,00 per capita (Plano Pela Superação da Extrema Pobreza – DF Sem Miséria, foi criado pela Lei nº 4.601, de 14 de julho de 2011, regulamentado pelo Decreto nº 33.329 e suas alterações).

6.6.3 Benefícios Eventuais

Os benefícios assistenciais são direitos do cidadão e dever do Estado, se caracterizam por terem provisões suplementares que integram organicamente as garantias do SUAS. Neste trabalho serão esclarecidas as seguintes modalidades: Auxílio de vulnerabilidade temporária e o auxílio excepcional, disposto no artigo 22, parágrafo 1º, Lei nº 8.742, de 07 de dezembro de 1.993, relacionado à Lei nº 5.165, de 04 de setembro de 2013, no Decreto n. 35.191, de 21 de fevereiro de 2014, descrito na Portaria nº 39, de 07 de julho de 2014.

6.6.4 Auxílio Vulnerabilidade Temporária

Benefício concedido ao indivíduo ou família que esteja passando por uma situação temporária que a coloque em risco ou que esteja passando por perdas ou danos. É um benefício provisório, pago em no máximo 06 (seis) parcelas por ano, sendo o valor máximo de cada parcela de até R\$408,00 (quatrocentos e oito reais).

6.6.5 Auxílio Excepcional

Auxílio em razão de desabrigo temporário, de prestação excepcional no âmbito da assistência social e subsidiária à Política de Habitação, concedido aos indivíduos e famílias que vivenciam situações de vulnerabilidade temporária ocasionadas pela falta ou pela inadequação da moradia em virtude de: catástrofe, desastre ou calamidade pública; situações de risco geológico ou à salubridade; desocupação de áreas de interesse ambiental; processos de realocação, remoção ou reassentamento; risco pessoal e eventos de risco, em casos excepcionais e situações de rua. O Benefício Excepcional se destina exclusivamente ao

pagamento de aluguel de imóvel residencial, e é concedido em prestações mensais no valor de até R\$ 600,00 (seiscentos reais), por até seis meses, podendo ser prorrogado por igual período, se o beneficiário estiver na condição de “habilitado” na política habitacional do Distrito Federal.

6.7 Participantes

A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2019 com seis participantes, homens, adultos que estavam ou viveram em situação de rua e recorreram aos serviços prestados pelo Centro Pop de Taguatinga para auxílio diante do contexto de vulnerabilidade/ risco social, inclusive para inclusão do CadÚnico, bolsa família, DF Sem Miséria e os benefícios eventuais.

Destaca-se que a Política Nacional para a População em Situação de Rua - PNPR define esse público como um grupo heterogêneo, muitas vezes em condição de pobreza absoluta. Utilizam os espaços públicos para moradia e sustento, seja pela inexistência de uma moradia convencional ou por ruptura dos vínculos familiares e comunitários (Decreto nº 7.053/2009). É essencial pontuar que a análise deste estudo considerou tais definições para a compreensão da complexidade dessa população.

A escolha desses participantes deu-se por conveniência e se baseou em usuários do serviço acompanhados pela pesquisadora e outros especialistas em assistência social da Unidade, já que o processo de vinculação facilitaria o compartilhamento da sua história de vida, e propiciaria a aceitação do uso da técnica do mapeamento corporal. Como critério de exclusão, definiu-se que não seria adequada a participação de pessoas com mobilidade reduzida em consequência da idade ou de deficiência física que pudessem dificultar na construção do MCN.

A participação em uma pesquisa com mapa corporal narrado requer habilidade e empatia por parte dos pesquisadores na condução dos processos, pois ao contar sua história, é possível que se evoquem lembranças que podem acessar traumas, sentimentos de abandono, rejeição e demais emoções que emergem ao entrar em contato com suas histórias. Sendo assim, ao final da aplicação, caso o participante apresentasse interesse, eram sugeridas instituições que ofertam atendimento psicológico, como faculdades e instituições públicas que oferecessem o serviço gratuitamente, visto a falta de recursos financeiros do público.

6.8 Procedimento

Na coleta de dados, os participantes convidados contaram suas histórias utilizando o método de mapeamento corporal, realizado no espaço do Centro Pop de Taguatinga entre março e setembro de 2019. Os entrevistados foram informados de que seriam necessários dois a três encontros individuais com aproximadamente uma hora e trinta minutos de duração.

As construções dos mapas corporais foram realizadas pela pesquisadora e estudante de psicologia da Universidade de Brasília (UnB). A aluna participou como observadora do método dos dois primeiros participantes.

A execução dos mapas corporais ocorreu em uma sala de atendimento da Unidade do Centro Pop, com o espaço adequado para que o participante pudesse se movimentar ao elaborar o MCN. Ressalta-se que foram preservados o sigilo e interferência de ruídos/agentes externos, para não comprometer a execução do estudo.

Na construção do MCN utilizou-se um roteiro para as entrevistas, descrito no (apêndice A). As narrativas foram gravadas em áudio e transcritas para análise dos dados.

O primeiro encontro consistiu na apresentação dos objetivos da pesquisa, a concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A); como também, a construção do mapa do corpo em tamanho real. O segundo e/ou terceiro encontro continuam o processo de confecção do mapa, contendo primordialmente o testemunho (breve história narrada na primeira pessoa), a legenda dos símbolos e demais elementos representativos.

Ressalta-se que o projeto de pesquisa relacionado à realização desses estudos no âmbito desta dissertação foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP-IH) da Universidade de Brasília (CAAE 01610818.3.0000.5540). Os participantes confirmam o consentimento por escrito na pesquisa, e foram adotadas todas as recomendações da Resolução 446/2012 do Conselho Nacional de Saúde em pesquisas que envolvem seres humanos, incluindo as explicações dos processos, como as considerações éticas das identidades.

O mapa corporal é considerado uma metodologia criativa por propiciar representações visuais da história de vida. Por conseguinte, o pesquisador incentiva o participante a contar suas experiências por meio da criação de desenhos, pinturas e outras artes gráficas. Assim, o estudo requer a disponibilização dos seguintes materiais: canetas, gravuras, giz, tinta, recorte e colagem de revistas/papéis. De todo modo, pontua-se que não é necessário ter preocupações com a estilística artística, porque o importante é a representação e os significados dos desenhos.

Segundo o manual *Mapa Corporal – Histórias Narradas* descrito pelas autoras: Gastaldo et al. (2012), seguem seguintes etapas e instruções para o mapeamento:

6.9 Execução

6.9.1 Primeiro Encontro : *Slogan*

Solicita-se ao participante para deitar em uma folha de papel de tamanho maior do que o seu corpo e que se posicione em uma postura que o represente como ele gostaria de ser representado naquele momento. Nesse momento, o ideal é que o participante fique confortável, sem adereços, ou objetos que interfiram no delineamento de seu contorno corporal. Posteriormente, a vivência nas ruas são abordadas para as representações no mapa corporal. Concomitante ao tema, a representação por meio de desenhos sobre sua origem, identidade, família, estilo de vida, sentimentos, dentre outros assuntos, são elencados nesta primeira etapa. Após refletir e escolher o símbolo, sob o viés do contexto de rua, pede-se a criação de um *slogan*, o qual é escrito em uma frase ou uma imagem que tenha significado para ele.

6.9.2 Segundo encontro

6.9.2.1 Marcas/ cicatrizes

Nessa etapa há uma reflexão sobre os impactos da vivência nas ruas no seu corpo, como também os efeitos emocionais dessa vivência. Solicita-se que ele forneça informações sobre as relações familiares, sociais, pessoais e de trabalho antes e após a trajetória nas ruas. Diante dessas perguntas, é explorada a representação das experiências em seu corpo, descrição de como elas aconteceram e o que significaram.

As “marcas” podem ser compreendidas de maneira ampla, sendo sob ou sobre a pele, áreas que experimentam dor, problemas físicos ou emocionais.

6.9.2.2 Auto-retrato

Nessa fase o participante faz uma descrição de si mesmo para o mundo. Como representa seu rosto (olhos, nariz, boca, etc). Quais características únicas da sua face e a mensagem para a sociedade. Por fim, pede-se a reflexão da seguinte pergunta: você é o que o rosto te diz?

6.9.3 Terceiro encontro

6.9.3.1 Resiliência e Enfrentamento

Solicita-se que o participante elabore uma mensagem para o mundo diante das suas experiências no mapa corporal.

6.9.3.2 Escaneamento corporal

Durante essa atividade, pede-se que o participante relate seus sentimentos diante da sociedade e do outro, quais símbolos usaria para representá-los. Caso tenha havido algum tipo de preconceito/exclusão, que mencione também sentimentos, sensações. Quais são os recursos para conviver com os problemas e as dificuldades?

6.9.3.3 Estruturas de apoio/suporte

Pede-se que o participante identifique pessoas, instituições, coisas que dão suporte.

Para isso, o participante pode escolher um símbolo para representar essas estruturas.

6.9.3.4 Desenho do Futuro

Aqui o participante é convidado a pensar sobre seu futuro, perspectivas, sonhos. Nessa etapa solicita-se que reflita sobre símbolos, desenhos, colagens para demonstrar os objetivos no campo material, emocional e espiritual.

6.9.3.5 Narrativa do Participante

Encoraja-se o participante a olhar para o seu mapa e, como um guia da sua história de vida, relate uma síntese. Por fim, pede-se para que conte como gostaria de ser lembrado pelas outras pessoas.

6.9.3.6 Exercício Final (Acabamento)

Por fim, procura-se proporcionar ao participante a análise de seu mapa corporal para que identifique lacunas e elementos ausentes sobre os contextos abordados na pesquisa, e caso deseje complementar, é o momento para realizar os demais desenhos e retoques.

7 ANÁLISE DOS DADOS

7.1 Análise Temática

Utilizou-se a Análise Temática (AT) proposta por Braun e Clarke (2006), que é amplamente utilizada na psicologia e em disciplinas correlatas, para a análise de dados qualitativos. A AT é considerada uma metodologia de análise qualitativa para identificação, análise, interpretação dos temas. Os dados podem ser elencados em detalhes, sendo uma fonte densa de informações, flexível e dinâmica, ferramentas importantes para o pesquisador no aprofundamento da análise dialógica. Essa metodologia está difundida atualmente em dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso em graduação e pós-graduação e em diversos temas na psicologia (Souza, Prestes, & Freitas, 2017).

A AT possui aspectos similares aos procedimentos adotados na análise qualitativa, tais como o interesse por padrões, recursividade, homogeneidade das categorias e heterogeneidade externa entre os temas apresentados. A AT é indicada para abordagens indutivas, que não se baseiam em temas ou categorias, e dedutivas da qual os temas são definidos desde o início (Souza, 2018).

Clarke (2017) delinea três grupos de AT: 1) o tipo *Coding Reability* (codificação para confiabilidade, tradução livre), caracterizado pela redução dos dados, pois a lógica é quantitativa, sendo estruturada, com cálculos para garantir a confiabilidade, equipe de analistas independentes para confirmação dos resultados; 2) o tipo *Codebook* (grade de códigos) que se sustenta em códigos previamente caracterizados, mas é possível alterar no decurso da pesquisa; 3) a abordagem do tipo *Reflexive* (reflexiva) que tem como aspecto primordial a codificação fluida e flexível, não pretendendo ser completamente precisa, mas que o foco seja a imersão nos dados. Esse é o tipo mais utilizado nas pesquisas sociais e com

agenda de justiça social. Diante do exposto, visto que a pesquisa permeou o campo social, definiu-se tal abordagem de análise no presente estudo.

7.2 A escolha do tema

Pontua-se que as investigações dos dados vão além de recipientes de múltiplos significados. Para compreender a complexidade que envolve a análise, os autores Vaismoradi et al. (2016) mencionam que os temas são os principais produtos nas práticas de estudos, daí sua relevância. Estes podem ser utilizados como atributos, descritores, elementos e conceitos na obtenção de respostas aos problemas de pesquisa.

No processo preparatório e no decorrer do estudo, o registro de ideias, *insights*, esquemas, anotações, reflexões são importantes em todas as etapas, valorizando o papel participativo do pesquisador, ressaltando que o material pode ser constantemente transformado nas releituras, o que proporciona o aprofundamento do conteúdo.

Um tema representa um nível de resposta padrão ou significado dos dados relacionados a alguma hipótese da pesquisa. Para escolher um tema, uma das estratégias é a observação da sua prevalência, ou seja, o ideal é que o tema seja mencionado diversas vezes em todo o conjunto de dados. No entanto, lembra-se que uma frequência mais elevada não significa que o tema é mais importante do que outros para a compreensão, sendo necessário avaliar os significados e a representação diante da fala do participante (Souza, 2018). Para Braun e Clarke (2006), o tema é a compreensão das ideias que obtém relevância para os pesquisadores sobre os dados.

Cabe ressaltar que os temas podem ser divididos em dois campos, o semântico e o latente. O primeiro relaciona-se aos dados explícitos, atendo-se apenas ao descrito pelo participante. Já o segundo, trabalha com a interpretação, e os pesquisadores vão além, numa

busca de perspectivas, significados implícitos e explícitos dos temas (Clarke, 2006). Diante dos objetivos da pesquisa, optou-se pela análise latente por associar a flexibilidade, criatividade e os processos simbólicos no conhecimento da história de vida dos participantes.

7.3 Fases da Análise Temática

Os dados são tratados pela análise temática, conforme os procedimentos descritos a seguir: (1) familiarização com os dados; (2) geração códigos iniciais; (3) busca de temas; (4) revisão dos temas; (5) definição e nomeação os temas; (6) produção do relatório (Braun e Clarke, 2006).

1) Familiarização com os dados

No primeiro momento, o contato com os dados foi essencial, pois a familiarização mobilizou a profundidade e a amplitude dos conteúdos. A imersão no processo de transcrição, anotações, leitura e releituras foram fundamentais para o restante da análise, porque permitiram a formação das ideias preliminares da codificação.

2) Gerando códigos iniciais

Essa fase envolveu a produção dos códigos iniciais, a partir da análise dos dados com enfoque no conteúdo latente. Segundo Boyatzis (1998), o código é considerado um dado bruto que pode ser avaliado de maneira significativa em relação ao fenômeno. O processo de codificação é parte da análise, porque os dados se organizam em grupos de significados que devem ser cuidadosamente interpretados (Tuckett, 2005). Ressalta-se também que a

codificação considerada nesta pesquisa foi a derivada dos dados (*data-driven*), ou seja, baseada nos relatos dos entrevistados. A segunda fase finalizou quando os dados foram codificados e combinados, resultando em listas de códigos e mapas temáticos.

3) Buscando temas

A ideia principal dessa etapa foi trabalhar os temas, com um novo olhar, elaborando relações possíveis em diferentes arranjos e *insights*. Nessa fase foi válido elaborar representações visuais dos códigos nos temas, como tabelas, mapas, desenhos, para relacionar os temas abrangentes e subtemas. Alguns códigos transitaram entre a formação de temas principais, subtemas e até mesmo na possibilidade de serem descartados. Nessa fase, a descrição e a interpretação tornaram-se mais ricas, emergindo novos temas a partir das reflexões ao revisitar o conteúdo.

4) Revisando os temas

A principal característica dessa fase foi o refinamento no processo de análise. Nessa etapa houve a identificação dos temas e/ou subtemas que eram homogêneos, heterogêneos, que podiam ser confirmados, repensados e até rejeitados. Também ocorreu a junção e/ou divisão dos temas por meio de mapas conceituais. Nesse momento, utilizou-se de citações diretas dos participantes para aprofundar os assuntos das perguntas e hipóteses da pesquisa.

5) Definindo e nomeando os temas

Nessa etapa, “definir” e “redefinir” significou a identificação da essência de cada tema. Foi necessário observar a coerência e a consistência dos temas, demonstrando a importância de cada um. Para cada tema, foi necessário uma análise detalhada, identificando a história relacionada com as perguntas de pesquisa, para garantir que não ocorresse sobreposição de temas. Nesse processo, foi útil também a compreensão dos subtemas ao principal, confirmando a consistência nas narrativas.

6) Produzindo o relatório

A fase final da análise constituiu num relato conciso, contendo provas suficientes dos relatos para a compreensão de todo o contexto. Os dados objetivaram capturar exemplos vívidos das essências do argumento, demonstrando de maneira clara, evitando elaborações complexas e desnecessárias. Foi imprescindível para a construção do relatório, a contemplação dos significados, as premissas que o sustentaram e suas implicações na construção dos mapas temáticos.

CAPÍTULO VI - MAPAS CORPORAIS NARRADOS

8 RESULTADOS: MCN

Apresentam-se a seguir os resultados finais dos mapas corporais narrados dos seis participantes, usados neste estudo como método para geração de dados, que narram momentos da história de vida deles. De acordo com Gastaldo et al. (2012, p. 88): “as narrativas através dos mapas corporais [narrados] têm o potencial para conectar tempos e espaços na vida das pessoas”. O resultado final do processo é uma história composta por um mapa do corpo em tamanho real, o testemunho e a legenda dos símbolos, com a ressalva de que neste estudo abordou-se a vivência em situação de rua e o uso de drogas.

Ressalta-se que na leitura, as menções no decorrer da análise, com referências à circunstâncias anteriores e posteriores estão relacionadas situação de rua e a mudança de contexto, como a moradia em residência fixa, concomitante ao recebimento dos benefícios eventuais, tais como o Programa Bolsa Família e o DF Sem Miséria, ou seja, com a intervenção de programas socioassistenciais do Estado.

Acrescenta-se ainda que os verdadeiros nomes dos participantes, bem como outros dados que pudessem identificá-los, foram alterados para resguardar o sigilo ético das suas informações. Assim, as escolhas dos nomes fazem referência aos escritores brasileiros: Carlos Drummond, Graciliano Ramos, Belmonte e Augusto Cury e ao engenheiro e desbravador de Brasília Bernardo Sayão. Por último, ao artista plástico brasiliense Tianguá.

Esses profissionais com grande prestígio social foram escolhidos para representar os entrevistados, pois, de alguma maneira, suas biografias repercutiram significado para a pesquisadora na análise de suas histórias de vida.

Testemunho:

Carlos Drummond

“Me chamo Carlos Drummond, tenho 33 anos. A situação de rua é como uma escola é um aprendizado, a pessoa tem que aprender de novo, mas tem que ir no caminho certo. A sociedade pensa três coisas da pessoa que está em situação de rua, que é cachaceiro, drogado ou ladrão, só coisas ruins. É como se a pessoa tivesse fora da sociedade, me sentia excluído, mas penso que tenho que seguir pra frente, não pode voltar pra trás. Minha mensagem é que as pessoas tem que ter um objetivo, progredir na sua vida, fé em Deus primeiramente, e o resto tudo Deus vai crescendo conforme o tempo. É uma mensagem boa da pessoa crescer, ter seu objetivo, crescer, ir pá frente, progredir. Pedir Deus em oração para que dê todas as coisas boas para que nele crê e as pessoas vencerão”.

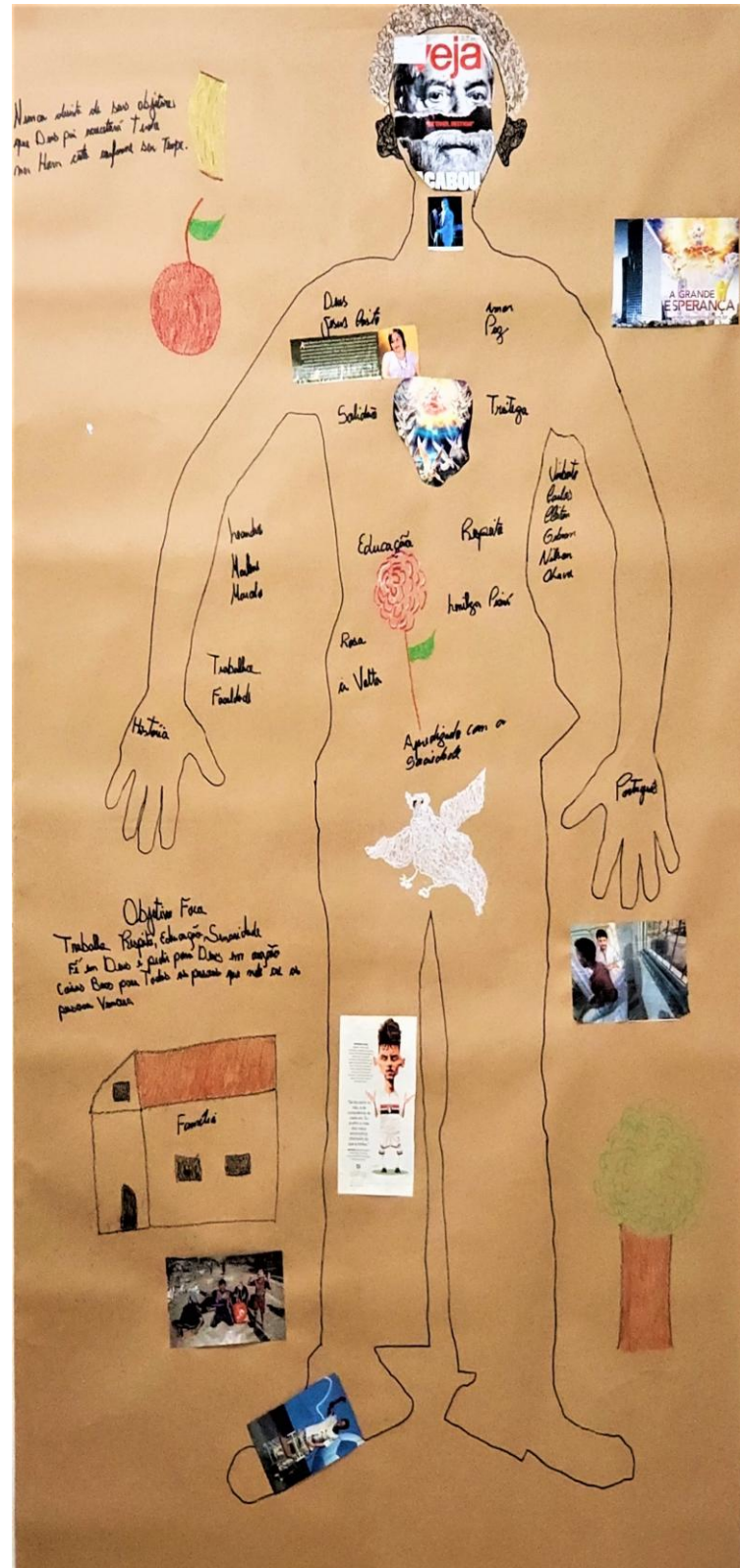
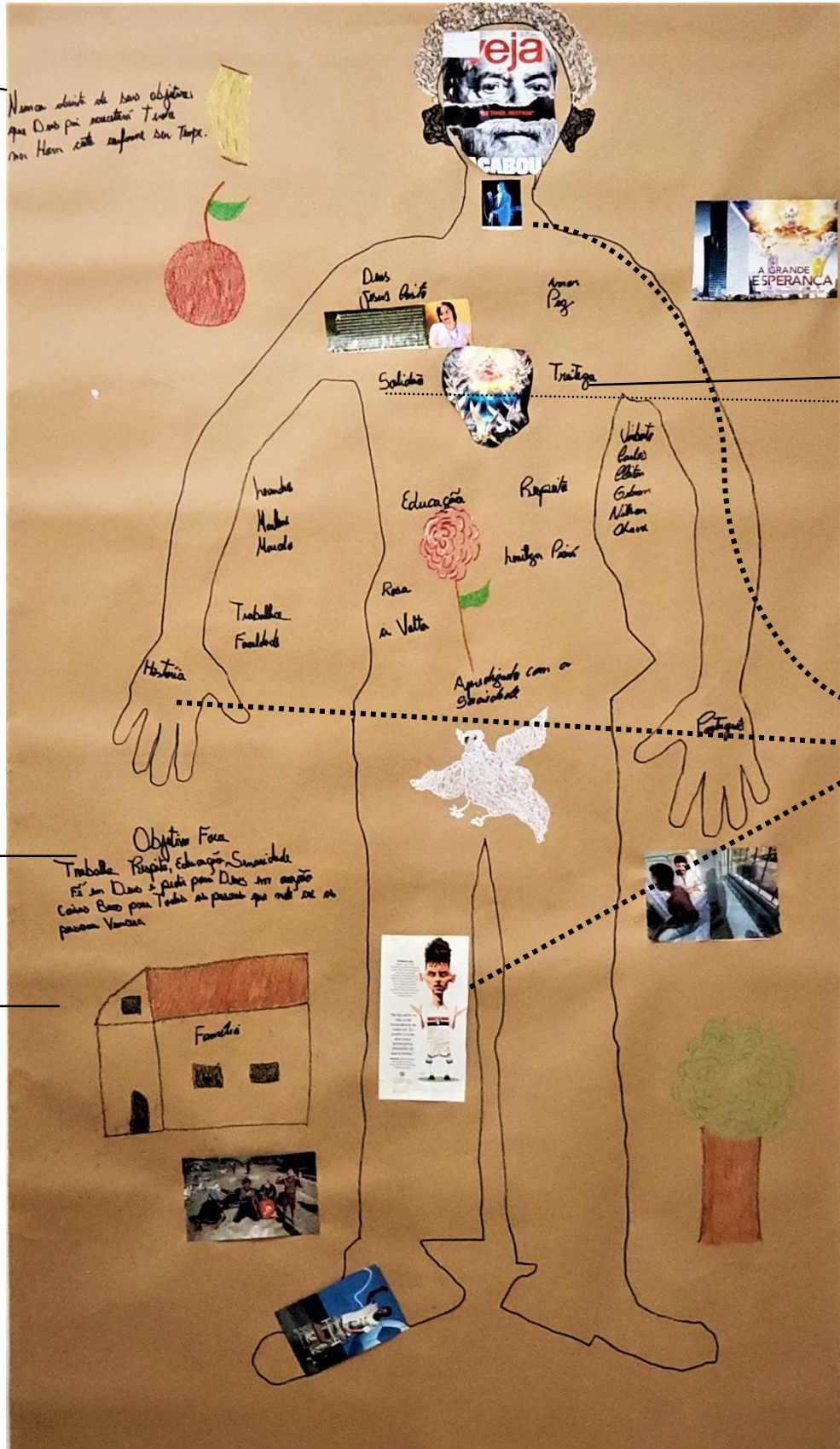


Figura 1 Mapa Corporal Carlos Drummond

Mensagem:
"Nunca desista dos seus sonhos. Tudo acontece conforme seu tempo".



Estrutura de Suporte

Marcas

Símbolos Pessoais

Slogan

Futuro

Figura 2. Mapa Corporal Carlos Drummond

8.1 Participante 1: Carlos Drummond

Carlos Drummond é um jovem de 33 anos, estudioso e trabalhador. Diante das instruções, escolheu desenhar os pés calçados com sapato social justamente como representação do trabalho. Nesse momento, optou por colocar no próprio rosto a imagem do ex-presidente por acreditar ter semelhanças físicas com ele e as mesmas ideologias.

Em relação à vivência de rua, narra que foi um grande aprendizado, apesar do sentimento de discriminação e exclusão. Relatou que era humilhante pedir comida em restaurantes e que, neste período, ter recebido ajuda do Programa Bolsa Família e DF Sem Miséria e os benefícios eventuais o ajudou bastante.

“Fiquei em situação de rua um ano e cinco meses após o rompimento com minha namorada. Nunca quis falar pra minha mãe que fiquei em situação de rua, porque fiquei com medo dela se preocupar, e não queria voltar a dar trabalho de novo pra ela, queria ser independente... sabia que não era uma coisa pra vida toda e por saber que Deus sabe o que faz, então me conformei... a situação de rua é como uma escola, um aprendizado, a pessoa tem que aprender de novo, mas tem que ir no caminho certo. A sociedade pensa três coisas da pessoa que está em situação de rua: cachaceiro, drogado ou ladrão, só coisas ruins. É como se a pessoa tivesse fora da sociedade, me sentia excluído”.

Drummond mencionou que a maioria das pessoas que está neste contexto não possui o desejo de mudar de vida. Ele expôs que, para superar esse período de vulnerabilidade, seriam necessárias duas coisas: fé em Deus e na família. Destaca também a importância de ter objetivo e foco.

“Seguir pra frente, não pode voltar pra trás”.

Continuando o relato, os dois principais motivos que o levaram à situação de rua foram o rompimento com a namorada e o desemprego.

“Quando eu saí da empresa e fui parar na rua, perdi o contato dela, acho até que ela mudou de número. Eu sei onde ela mora e os parentes dela, mas não vou lá. Essa relação me abalou muito, fiquei com depressão. Eu fiquei em situação de rua por um ano e cinco meses, depois de ter ficado desempregado e com o fim do relacionamento”.

Carlos Drummond relatou muito interesse pela leitura: “Eu gosto de ler muito, a leitura abre muito a mente das pessoas, estudar também”. É um jovem com engajamento social e político, por isso escolheu como um dos símbolos o ex-presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, para representar o próprio rosto. Lembrou que Lula veio de uma família humilde e pobre brasileira, assim como ele. Explicou durante a entrevista que o ex-presidente proporcionou a muitos o ingresso na faculdade e a melhoria das condições de vida.

Conforme a elaboração dos símbolos, o participante desenhou uma rosa representando sua mãe, pois é extremamente grato a ela por tê-lo ensinado a importância do trabalho, da educação, da honestidade e do respeito, valores que o definem. Ainda sobre os símbolos, explicou sobre duas disciplinas, história e português, desenhadas em ambas as mãos para representar a valorização dos estudos, o que considera essencial. Foram selecionadas outras duas imagens representando a palavra de Deus e a doutrina evangélica; ele considera um privilégio ter o conhecimento bíblico, pois acredita que a fé é fundamental para os seres humanos. Destacou também que gosta muito do cantor Roberto Carlos, em especial, da música *Emoções*. Colocou a foto do cantor no pescoço porque representa a voz, abaixo onde representou o Lula. Por fim, separou uma imagem do Rei Pelé e do time do São Paulo, por se interessar por futebol.

Carlos Drummond, ao final desta etapa, disse que o tempo de situação de rua foi um aprendizado; lembra que observava os animais, principalmente os pássaros, por isso desenhou uma pomba para representar a liberdade.

Escreveu a seguinte frase como *slogan*: “pedir Deus em oração para que dê todas as coisas boas para que nele creê e as pessoas vencerão”.

O participante relatou que a maior dor que a situação de rua gerou foi a solidão, porque não tinha ninguém para conversar, por isso, como marca sob a pele mencionou as seguintes palavras:

“A solidão aí lado direito do coração e a tristeza ao lado oposto”.

A mensagem que deixaria para as pessoas são princípios e valores que considera importantes, como respeito, educação e força de vontade, conforme o trecho a seguir:

“Ter um objetivo, progredir na sua vida, fé em Deus primeiramente, e o resto tudo Deus vai crescendo conforme o tempo. É uma mensagem boa da pessoa crescer, ter seu objetivo, crescer, ir pra frente, progredir”.

Conforme apresentado em todas as etapas, o participante separou imagens correlatas a sua fé, como a de uma revista onde estava escrito: “Uma grande esperança”, título de um livro evangélico. Descreve que é uma leitura interessante.

Relatou que frequentou a Igreja Testemunhas de Jeová e que aprendeu muito sobre a doutrina da religião. Começou a participar porque um grande amigo, que considera como pai, apresentou os estudos bíblicos, entretanto, com o passar do tempo não concordava com alguns princípios, como a proibição da transfusão de sangue.

“O estudo é muito profundo, mas os ensinamentos, por exemplo, se você tiver uma pessoa sofrendo muito, seu filho, seu pai, sua mãe, e precisar de transfusão de sangue, não pode, tem

que deixar seu familiar morrer; se você tiver um trabalho de vigilante, pra PM, Polícia Civil, você não pode aceitar a oportunidade, eles não aderem isso”.

Por não se sentir mais confortável na Igreja Testemunhas de Jeová, passou a cultivar sua fé sozinho.

“Alimento minha fé sozinho. Não tô pior, como no hospital, numa UTI, porque de manhã e à noite falo muito com Deus, porque a fé encaminha tudo na hora certa. Tudo é Deus, sem Deus não tem como. A fé em Deus me ajuda”.

Ficou evidente a importância da espiritualidade na vida do participante. Nesta etapa, mencionou que a figura de Jesus Cristo deve estar em primeiro lugar. Relatou que o fato de ter saúde, amigos, ter vínculo com a comunidade, deu grande incentivo no período em que esteve em situação de rua. Os representou pelos nomes no Mapa Corporal Narrado: Leandro, Marlene, Marcelo, Cleito, Dibrão, Nilson, Humberto¹³ – a quem considera como um segundo pai.

Ao final, narrou que o seu sonho, depois de todas as dificuldades que passou, seria trabalhar de carteira assinada, fazer faculdade de direito, ter uma casa, construir uma família, ressaltando novamente a fé em Deus.

¹³ Para preservar a identidade dos participantes, os nomes são fictícios.

8.2 Participante 2: Graciliano Ramos

Testemunho:

Graciliano Ramos

Meu nome é Graciliano Ramos. Eu me resumo em uma pequena frase. Eu sou muito paciente, gosto de escutar pra eu entender as coisas. Eu não sou má pessoa não. Não sou perfeito, mas também não sou o pior. Gostaria que todas as pessoas ficassem felizes, todo mundo em paz, com sua família ao lado, dos seus queridos.

A mensagem que deixo é a minha fé, tenho muita fé em Deus. Desde o meu nascimento foi muito difícil, até hoje, mas o que deixo ao fazer esse trabalho, falei tudo que eu sinto. A Lelê, minha filha é minha estrela, minha força.

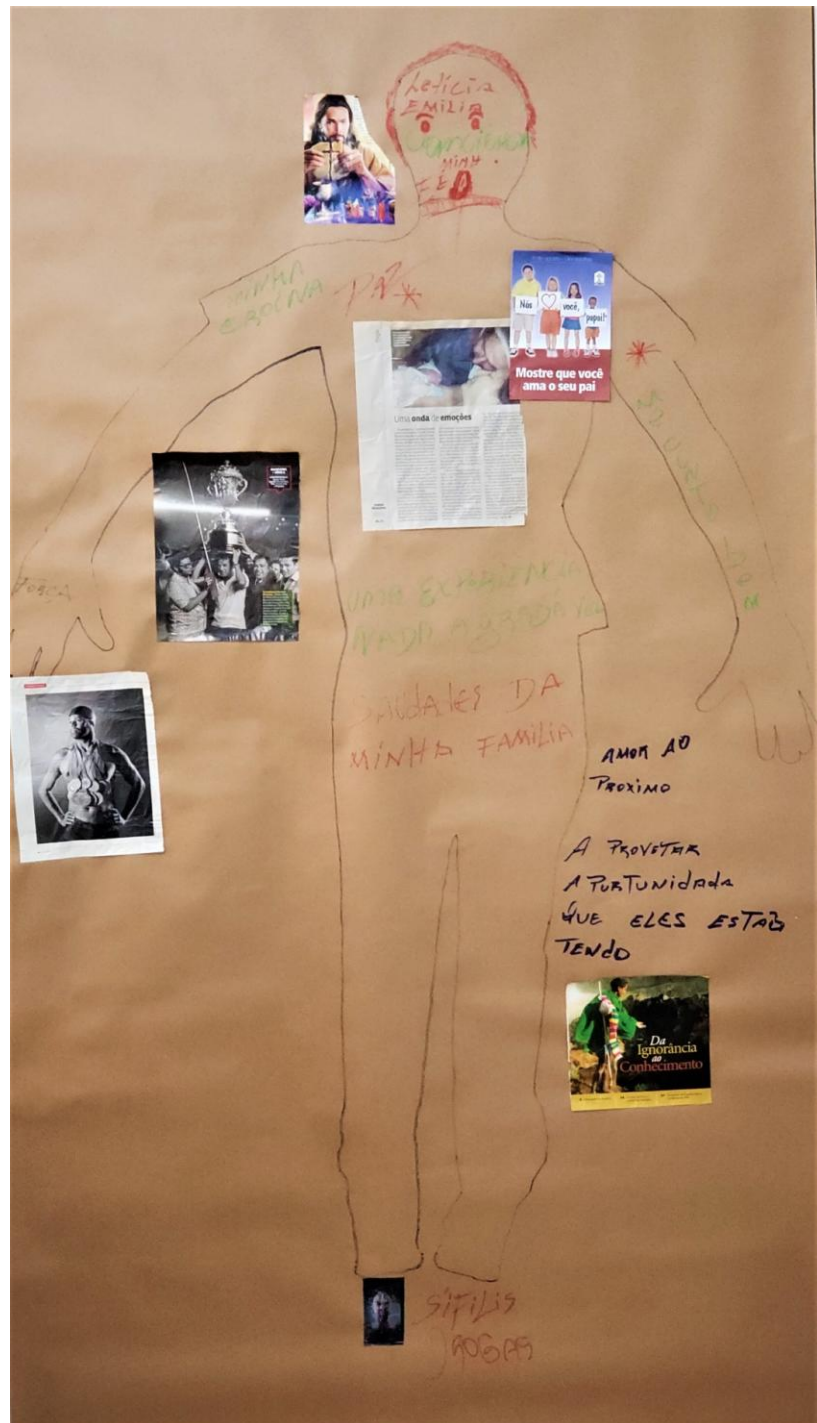


Figura 3. Mapa Corporal Graciliano Ramos.

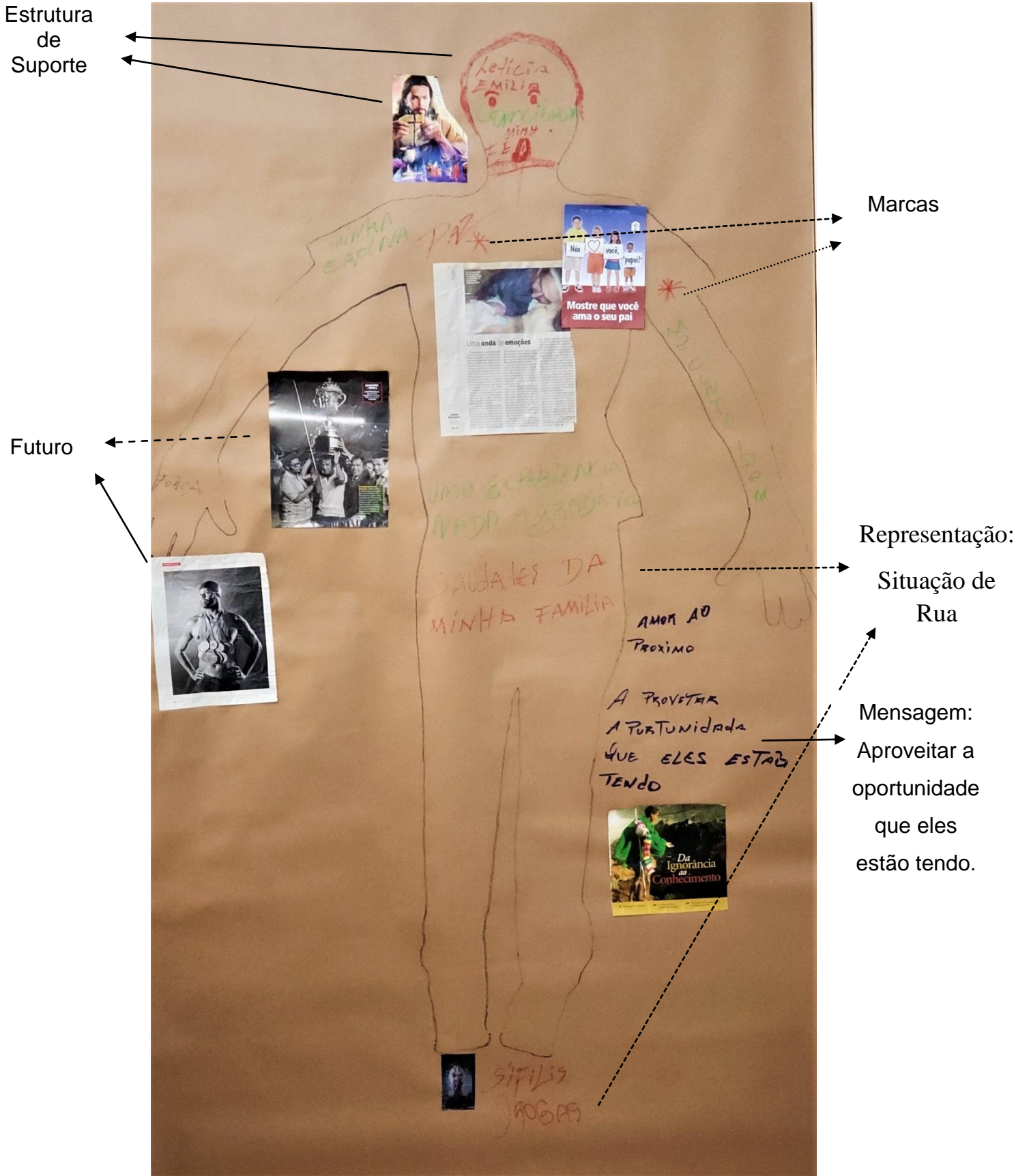


Figura 4 Mapa Corporal Graciliano Ramos

Graciliano Ramos tem 40 anos, é casado, cursa o 7º ano do ensino fundamental, tem uma filha, cujo nome está representado no mapa corporal narrado (MCN) juntamente com o nome da mãe. Considera-se muito trabalhador, alegre, paciente, honesto e uma pessoa com grande fervor em Deus. Durante o estudo, descreveu a importância da família, usando imagens e frases (Figura 3). Em sua descrição pessoal, define seu *slogan* com uma palavra: Paciente.

“Eu acho que sou um cara alegre, sou um cara tranquilo, gosto muito de honestidade e respeito. Então, pra mim isso é o fundamental da vida”.

Para representar as marcas e cicatrizes, momentos dolorosos em sua história, fez “asteriscos” (Figura 3), associando-as ao falecimento da mãe e do irmão, além da vivência de rua e uso de drogas. Graciliano Ramos diz: “a gente era muito unido, apesar de pouco tempo que ficamos juntos”.

Relata que, após a morte do irmão, resolveu “se jogar” nas drogas e, no mesmo período, se separou da esposa, inclusive se afastando da filha.

“Ficou só eu no Recanto, e veio a separação, porque com a morte do meu irmão e da minha mãe eu fiquei meio paranoico e meio doido. Daí eu decidi mesmo se jogar, eu já tava mesmo com um transtorno já mental posso dizer”.

Ao perguntar sobre as partes do seu corpo afetadas pelo uso de drogas e sobre a situação de rua, o participante apontou o pé, porque queria enterrar essa parte de sua vida.

“Vou colocar tudo aqui (nos pés), coisa ruim. Vou escrever drogas. Então, onde a droga tá, tem briga e discussão, tem tudo, pra mim, não foi nada agradável. Porque pra mim por mais que a gente tenha laços com sua família, colocar a bebida no meio atrapalha tudo, o

psicológico, seu crescimento, a escola. Aí, você já tá ali e atrapalha tudo. Perdi dois irmãos por causa das drogas”.

Ainda sobre esse assunto, escreve a seguinte frase: “experiência nada agradável”. Relata que atualmente “olha” o passado totalmente diferente. “O sentimento é daquelas pessoas que ficaram lá pra trás, que teve a oportunidade de conseguir alguma coisa, mas a força é pouca”.

Para Graciliano Ramos, as principais pessoas que identifica como estrutura de suporte – apesar de que, em alguns momentos, os vínculos estivessem fragilizados – seriam a mãe e a filha. Ao final dessa etapa, também fez referência a Jesus Cristo.

“Essa foto aqui representa quando a Lê nasceu que foi importante pra mim”. (Figura 3).

O participante conta sobre sua história de abandono e como foi difícil compreender os motivos que levaram a sua mãe a deixá-lo com estranhos.

“Bom, vou começar em 1980, nasci. Dona Maria Emília, depois do parto, foi e me deu. Eu não tenho vínculo nenhum com minha família mesmo de sangue, entendeu? Como se eu fosse uma pessoa estranha, mesma coisa que ser de uma família estranha, me deu, me deu, minhas outras duas irmãs foram morar com meus avós em Pirapora. Eu acho que minha mãe devia ter entregado pra alguém do laço da minha família de sangue. Hoje não quero conhecer e nem tenho interesse de conhecer ninguém. Aí tá, passou 14 anos e encontrei com minha mãe e perguntei porque ela me deu, ou porque não me deu pra alguém da minha família”.

Com lágrimas nos olhos falou:

“Não tenho mágoa da senhora, entre você e meu pai não tinha nada a ver, eu era uma criança, tava na barriga, então a senhora é minha mãe e eu tô aqui. Eu vim aqui pra ajudar a senhora, graças a Deus, eu não estou aqui pra condenar, só queria saber mesmo o que passou”.

Depois de conversar com a mãe, disse que, apesar da mágoa, não se deve julgar, porque apenas poucas pessoas buscam a verdadeira compreensão, e mesmo assim a considera como sua heroína.

“Minha mãe foi uma guerreira, ela tentou criar os filhos dela, mas infelizmente o companheiro dela a abandonou. Então eu entendo que ficou pesado pra ela. Hoje não, é mais fácil, né? Entre aspas... Hun, mulher maravilha, é ela mesmo”.

Acrescentou que sua força e esperança encontram-se dentro dele, na filha e na mãe. Gostaria que a filha soubesse que, apesar de ele ter errado, houve superação e determinação.

“Pra eu dar o que não tive pra ela, pra mim falar um dia pra ela ‘oh, o teu pai foi assim, teu pai foi de rua, teu pai usou droga, teu pai teve muitas confusões, teu pai teve tudo que, vamos dizer, tudo que não prestava, teu pai tirou essa experiência. Mas hoje eu quero te explicar uma coisa, tudo foi passado, tudo hoje, tô aqui falando pra você, você é minha esperança, você que me deu essa força. Primeiramente Deus, lógico, mas você aqui na Terra é a segunda”.

Neste momento além de frisar a família, destaca os benefícios eventuais e a inclusão no PBF acessados no Centro Pop Taguatinga, apoio fundamental para a superação do contexto de risco social que vivia nas ruas.

A respeito do futuro, o participante diz que gostaria de pensar na continuidade dos estudos, em fazer faculdade de Agronomia e continuar trabalhando para ajudar a filha. Escolheu uma imagem de um homem negro com medalhas e uma senhora que deduziu ter se formado, apesar da idade avançada.

A mensagem que deixa para a sociedade consiste na reflexão sobre “amor ao próximo”, sentimento que minimizaria diversos tipos de violência e problemas atuais. Sobre a

sua vivência em situação de rua, relatou que todos deveriam aproveitar a oportunidade que têm.

8.3 Participante 3 - Belmonte

Testemunho

Belmonte

Sou Belmonte, tenho 25 anos. A pessoa mais importante pra mim é minha filha, Samilly, ela é o meu ponto forte, por isso desenhei uma flor. Todo mundo me conhece como jogador de futebol. Desenhei a enxada porque nasci e cresci trabalhando na roça. O motivo que me levou pra rua foi depois que a mulher me traiu e levou minha fia, sinto muita saudade, porque ela não mora comigo, viver com isso é o meu desafio. A mensagem que deixo é: não mexa com as drogas, que só traz problema e prejuízo.

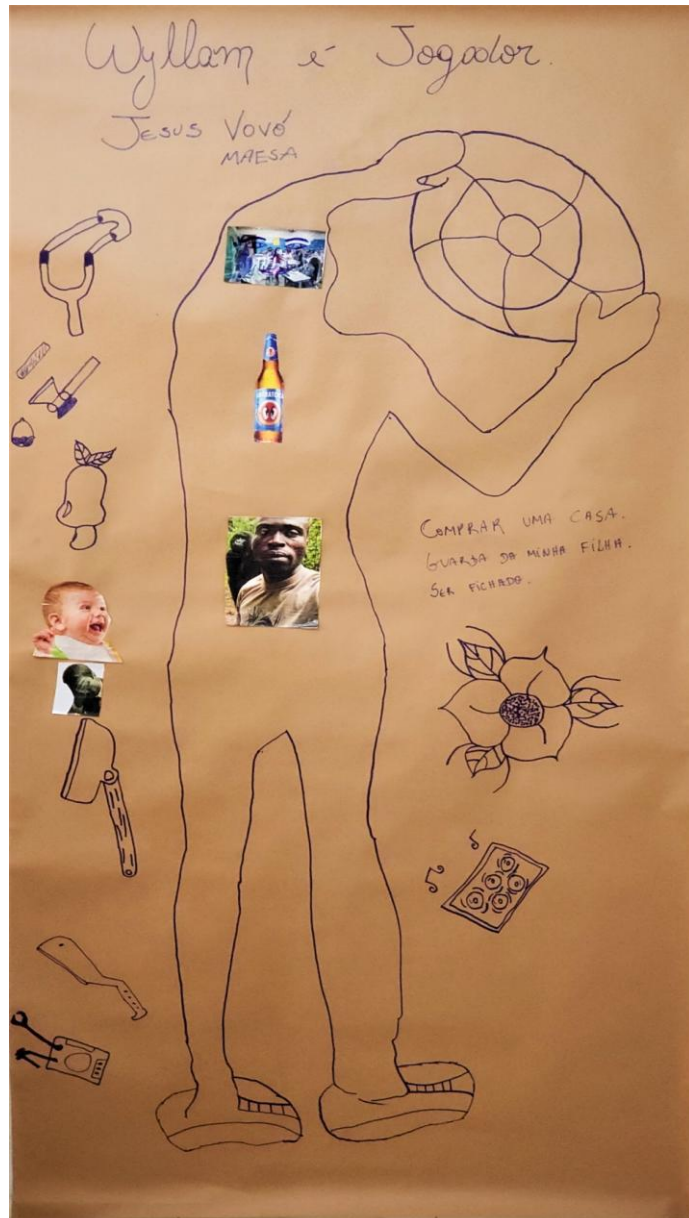


Figura 5. Mapa Corporal Belmonte

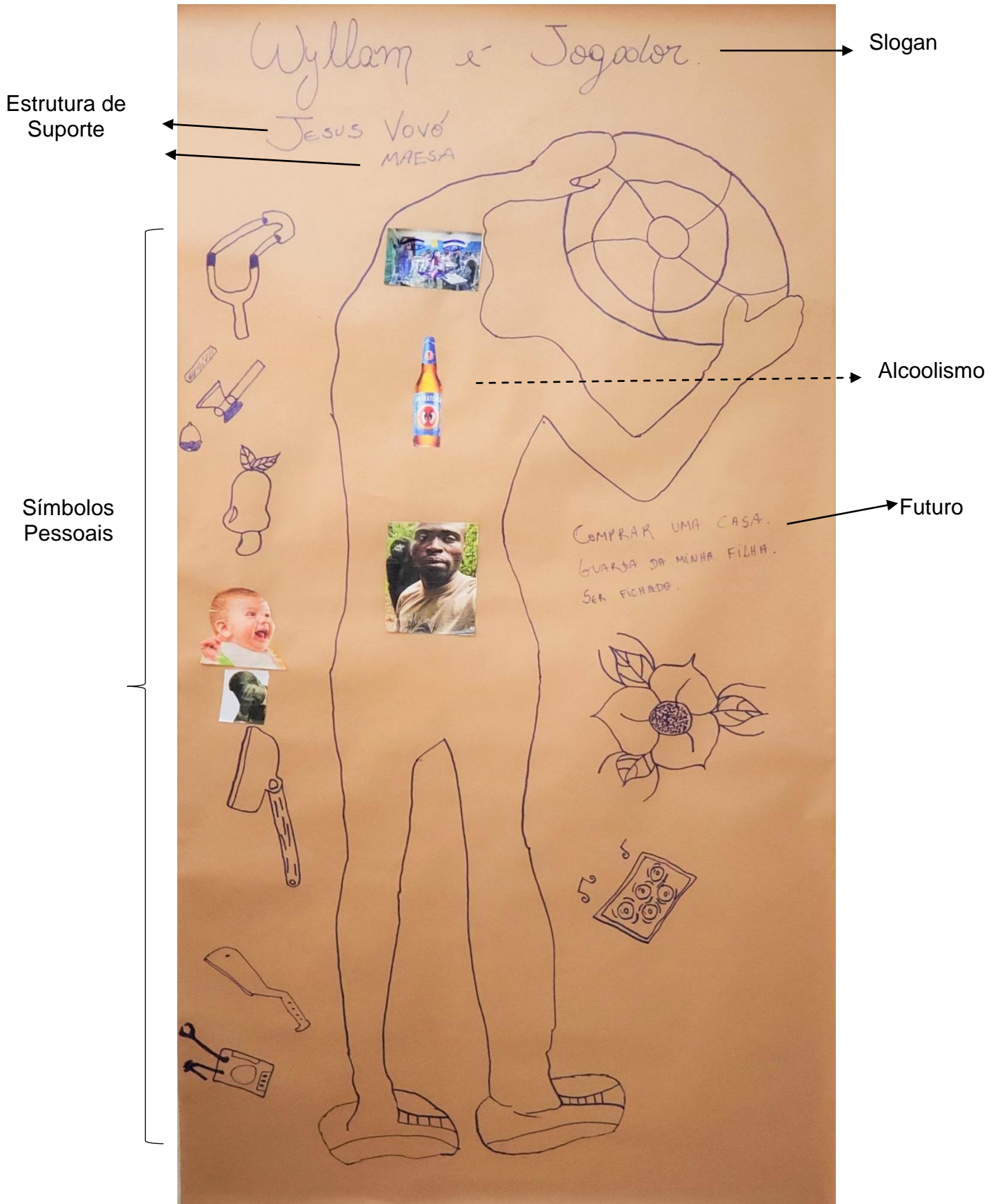


Figura 6. Mapa Corporal Belmonte.

Belmonte é um jovem de 25 anos, trabalha como flanelinha e ajudante de pedreiro. Ao delinear o corpo, se representou como um jogador de futebol, segurando a bola por cima dos ombros, lembrando a postura de um goleiro. Na elaboração do mapa corporal narrado (MCN), optou pela caneta azul escura; como é grafiteiro, não gosta de colorir e prefere preto ou azul-marinho.

Ao refletir sobre os símbolos pessoais, iniciou com o desenho de uma flor e a foto de uma criança para representar a filha. Desenhou elementos como estilingue, enxada, doce de caju (o seu preferido), lembrando-se da infância. Posteriormente, acrescentou uma bola de futebol, um aparelho de som e cerveja, pois são seus “*hobbies*” (sic).

Em todas as etapas, o participante apresentou a importância do futebol na sua história de vida, como além do sonho de ser jogador, é algo que lhe dá prazer, inclusive é reconhecido pelos amigos como um excelente goleiro. Como *slogan* escreveu seu apelido: Wylliam é jogador.

Belmonte relata que, antes de ficar em situação de rua, alugou um imóvel para não ter que seguir as regras que a mãe impunha, como o horário para voltar para casa. Nessa época, começou a trabalhar com reciclagem, teve um relacionamento com uma namorada com quem morou, tiveram uma filha, mas se separaram após 18 meses. Infelizmente não teve mais contato com a filha, pois a família materna da criança proibiu o convívio. Relatou esses fatos para explicar o seu maior sofrimento, levando-o à situação de rua.

“Maior motivo foi que depois que a mulher me traiu e levou minha fia”.

Belmonte ficou dois anos em situação de rua e, apesar do contexto de vulnerabilidade, não quis expor a verdade para a família, em especial para a mãe, conforme explicitado abaixo:

“É ruim! Quando eu vou pra lá, eu sempre invento uma mentira. Mas moço, eu vou deixar minha mãe preocupada? É ruim. Medo dela passar mal, de ter algum problema... de ficar fervendo a cabeça”.

Ao perguntar sobre o período em que morou na rua, relatou que no geral foi tranquilo: “pra mim foi de boa”. Entretanto, em outros momentos, ao interagir com “pessoas erradas”, diz ter sido influenciado negativamente para o uso de drogas e situações de violência.

“O que a escola não me ensinou, me ensinaram na rua”.

Neste período, a participação em projetos no Centro Pop Taguatinga e o recebimento dos auxílios eventuais contribuíram na construção de outras perspectivas de vida, pois decidiu voltar a trabalhar como ajudante de pedreiro e serralheiro, alugar uma casa, retornar aos estudos e o acompanhamento no CAPS AD para dependência química.

Sobre o uso de drogas, o participante mencionou que desde criança faz uso de bebida alcohólica e maconha. Relatou que apenas o álcool o prejudica, inclusive representou no MCN uma garrafa de cerveja Antártica. Atualmente não vê malefícios no uso de maconha.

“Ih, esse aí é de família. Então todo mundo da minha família bebe”.

Belmonte conta que a droga afetou seus dentes, o que causa grande incômodo, também gera emagrecimento e que, principalmente, comprometeu o sonho de ser jogador de futebol.

Ainda sobre a representação do período em que ficou em situação de rua e o uso de drogas, o participante teve dificuldade em compreender a etapa sobre as marcas na pele (cicatrizes físicas e emocionais). Sendo assim, foram apresentados diversos exemplos para facilitar o entendimento. Ao final da explicação, disse que sente tristeza em ficar longe da filha.

“Eu tenho tristeza, né, que eu não tô vendo ela crescer. Queria leva ela pra escola, vê ela crescer... nada disso não tá acontecendo”.

Na etapa de construção do autorretrato, ao desenhar o próprio rosto, fez uma crítica porque anteriormente tinha colado uma imagem, o que segundo ele comprometeu a representação da face. Contudo, desenhou sobre a colagem e ao ser questionado a respeito do que considerava único, respondeu:

“Mamãe fez bem feito” (- risos).

Como mensagem para o público, mesmo sentindo-se inseguro e resistente sobre a pergunta, ressaltou que conversaria com a filha sobre drogas, explicando o que acredita ser correto ou não.

“As drogas podem ficar pra lá, não mexer com isso, que só traz problema, prejuízo”.

Belmonte relata que um dos seus sonhos é ficar ao lado da filha, sendo uma das pessoas mais importantes dos seus vínculos familiares. No decorrer desta etapa, mencionou a bisavó, que chama de mãe Eza. Ela assumiu a responsabilidade de criá-lo desde criança, por isso é muito grato à sua dedicação. Ao final, acrescenta o nome de Jesus próximo ao nome dele e da mãe Eza, por acreditar que ele é o “todo poderoso e nosso pai”.

Narrou que o seu projeto de vida consiste em ter um emprego formal, trabalhar para mandar dinheiro para a filha. Representou o trabalho com a figura da enxada, facão. Mencionou que anteriormente já foi ajudante de pedreiro, serralheiro, soldador, chacareiro, flanelinha, mas que tem vontade de trabalhar como serralheiro, porque é o que mais gosta. Sobre o projeto de futuro, sonha em comprar uma casa, ter a guarda da filha e trabalhar de carteira assinada.

8.4 Participante 4: Augusto Cury

Testemunho:

Augusto Cury

Sou Augusto Cury, tenho 44 anos e sou dependente químico. E a minha mensagem é Primeiro você tem que admitir que é uma doença fatal e incontrolável. O segundo é acreditar em um poder superior, que é maior que você, que pode te devolver uma maior sanidade. Mesmo filhinhos de papai, que usam droga precisam acreditar em alguma coisa. Porque uma hora ele se estrepa. O terceiro é um inventário, são 12 passos é isso. Hoje me sinto “De volta a vida”, e falo para ninguém ter experiência de rua. [...] “não se iludam com a falsa liberdade das ruas”.

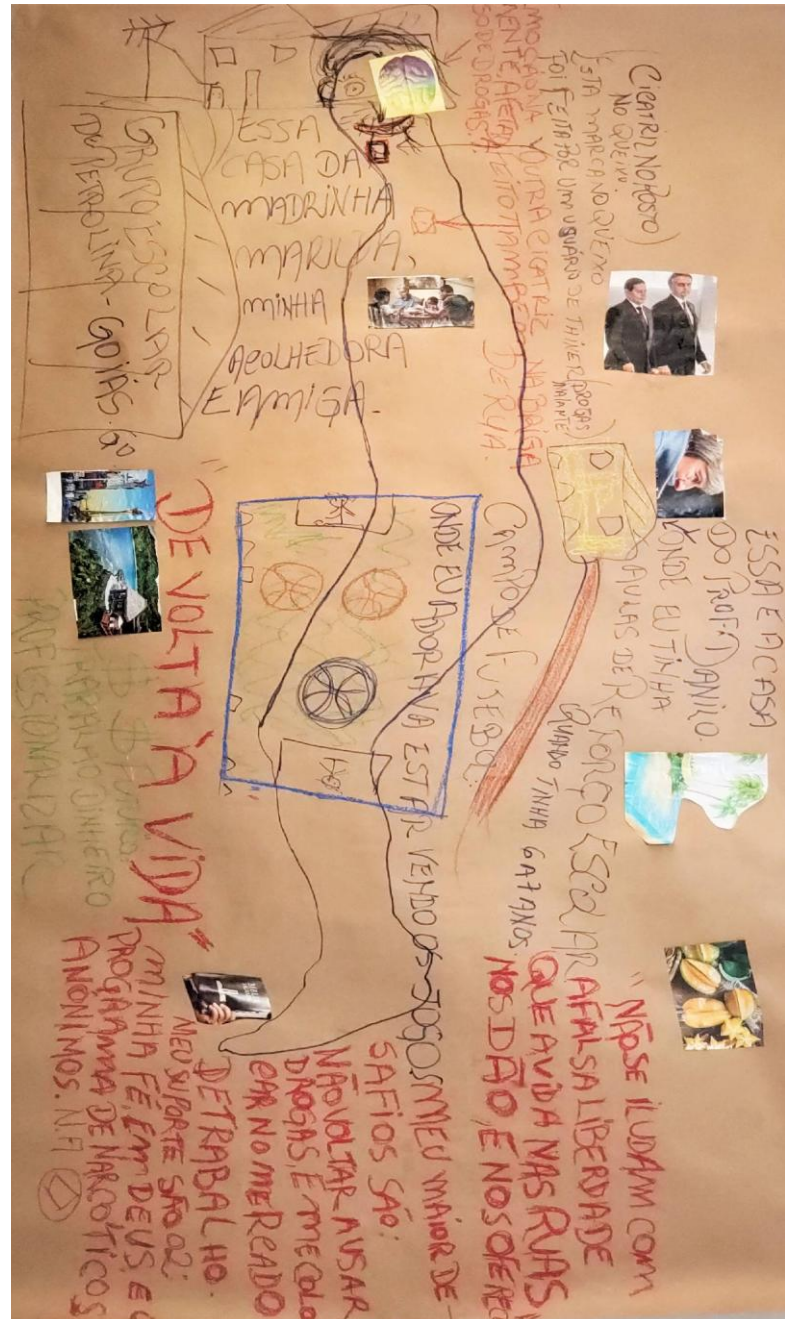


Figura 7. Mapa Corporal Augusto Cury

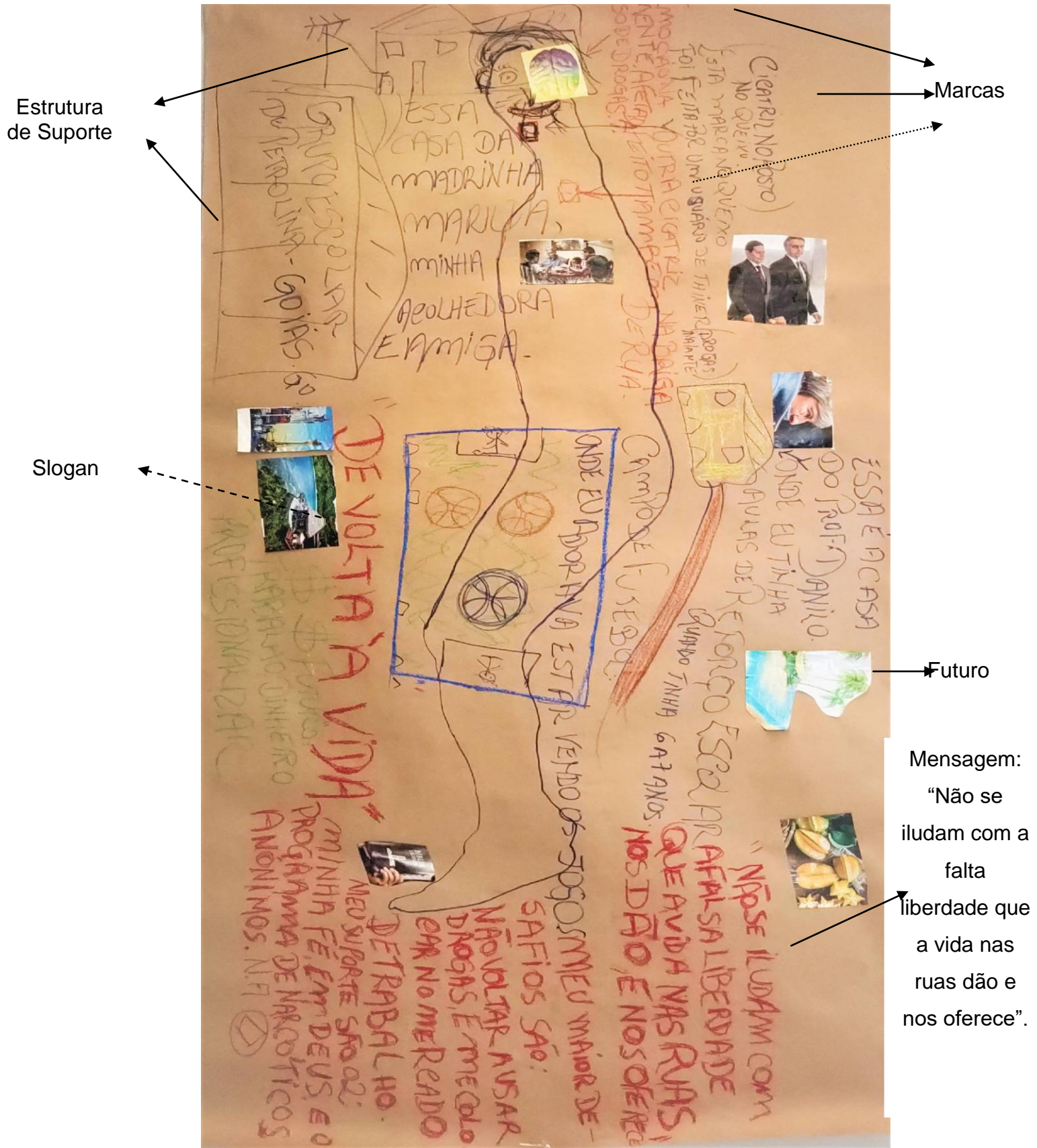


Figura 8. Mapa Corporal Augusto Cury

Augusto Cury tem 44 anos, está em situação de rua há aproximadamente 15 anos. Diante do comando do MCN, o participante escolheu deitar de lado como se estivesse dormindo em um banco na rua, com os braços embaixo da cabeça (Figura 8), postura interessante, já que simboliza o estereótipo da população de rua.

Durante o primeiro encontro, o participante fez ressalvas sobre as dificuldades financeiras da família. Por exemplo, lembrou-se de que não tinha sapatos e que na escola observava a diferença do poder aquisitivo entre os alunos; a maioria tinha coisas que não lhe eram proporcionadas.

“Minha mãe teve esse tanto de filho, ela já não tinha mais como dá atenção muito e criado no interior. Lembro até uma época que eu cheguei da escola com sete, oito anos, eu acho. Aí falei pra ela que eu queria comer, ela falou que não tinha comida. Aquilo gerou em mim uma revolta tão grande, eu fiquei sem entender aquilo”.

“Eu era de família muito pobre e devido a essa adolescência, então é que foi mesmo ruim, porque... aí eu engraxava sapato, saía pra rua. E sempre ali no, como é que fala, na margem da sociedade mesmo”.

Augusto Cury relata que, além dos problemas socioeconômicos, sentiu falta de afetividade na família: “num lembro de nenhum contato assim, que nem você falou, afetivo com nenhum deles, pelo menos nessa idade, não”. Contudo, tem boas lembranças da madrinha e do professor da escola primária, os quais se apresentaram como estrutura de suporte.

Conta que a madrinha fez uma camisa e uma calça para ele e para seu irmão. Escreveu: “essa é a casa da minha madrinha Marilda, minha amiga e acolhedora”. Representou também com uma casa e um para-raios.

“Nunca tinha vestido uma roupa daquela. Uma calça comprida e uma camisa. Uma calça roxa, com uma camisa roxa também, estampada. Aquela, eu acho, que é a única roupa que eu lembro que eu tive boa, nova”.

Também relembra da referência positiva do professor Danilo, que coordenava à época a Casa do Grupo Escolar de Petrolina Goiás:

“Essa é a casa do professor Danilo, onde eu tinha aula de reforço escolar, quando eu tinha de seis a sete anos”. Diz que se tivesse seguido a carreira como ele, não seria um dependente químico... “Nosso Deus, se não fosse o que aconteceu com tudo na minha vida. Se talvez eu tivesse sido professor, eu taria bem melhor, né, hoje?”.

Descreve um almoço especial que nunca esqueceu e que foi uma das melhores lembranças da infância:

“Eu nem tinha comida na minha casa. Nossa... um arroz com feijão, aquela lingüicinha de porco. Não esqueço desse dia. Foi maravilhoso”.

Sobre o processo de drogadição e situação de rua, menciona a desestrutura familiar, as dificuldades financeiras e o falecimento do pai. Representou no MC os efeitos negativos no cérebro, acreditando que o uso do álcool e outras drogas o comprometeram cognitivamente.

Relata os motivos que o levaram às drogas:

“Foi por causa da droga mais forte, a pasta, o crack. Essa é aquela droga que o cara pode ser o que for, que o cara fica destruído. É a mesma coisa que a merla. O cara pode ter o que for que ele fica na lama. Entendeu? Aí depois dela pra render misturaram ela com o crack, hoje é que tá dominando, é o que impera hoje. Na madrugada aí, o povo tá tudo na escravidão, na mendicância, que nem zumbi à noite, vende tênis, roupa, já vi cara quase nu, até espantei. O cara recebe hoje no pagamento, compra tudo novo e à noite tá só de cueca, vende tudo”.

Ressaltou a importância das reuniões no grupo de Narcóticos Anônimos para o processo de superação.

“Meu maior desafio é: não voltar a usar drogas e me colocar no mercado de trabalho. Meu suporte são dois: minha fé em Deus e o programa de Narcóticos Anônimos”. Fez a seguinte analogia a respeito de viver o momento presente.

“Porque também, você imagina, você tem que carregar um tronco de árvore do tamanho desse, né, dum prédio desse. Você vai colocar ele nas costas de uma vez? Você não vai dar conta... Era pra eu tá limpo há oito anos, não é assim tão fácil, mas repito pra mim só por hoje eu tô dessa maneira, mas segundo o NA [Narcóticos Anônimos] lembrar que é uma doença progressiva e fatal. Eles recomendam dentro da sala 90 dias e quando tá começando, eles chamam obsessão, pra ajudar, só por hoje. Então tenho que ir todo dia pra seguir os 12 passos e é lógico com o poder superior. Primeiro você admite que é uma doença fatal e incontrolável. O segundo é acreditar em um poder superior, que é maior que você, que pode te devolver uma maior sanidade, uns falam Deus, outros Alá, outros Buda, um poder superior porque ajuda a devolver a sanidade. Mesmo filhinhos de papai que usam droga precisam acreditar em alguma coisa. Porque uma hora ele se estrepa. O terceiro é um inventário, são 12 passos é isso, primeiro admite vou depois trazer pra você ver”.

Como parte do processo de significação pessoal acrescenta a Bíblia, que o ajuda a ter esperança e fé na vida. Desenhou também um campo de futebol, que além de trazer boas memórias da infância, é algo que de gosta até o presente. Como aprecia muito os estudos e a cultura, colou a imagem do Palácio do Itamaraty como perspectiva para conhecer.

Definiu como *slogan* a frase: “De volta à vida”, por estar há 36 dias sem usar álcool e outras drogas e com novos projetos de vida, incluindo o recebimento dos auxílio eventuais como suporte neste momento.

Em relação às marcas sob a pele, Augusto Cury menciona que se recorda das marcas físicas e emocionais, relata a primeira agressão por um usuário de “*thinner*” em um dos períodos que ficou em situação de rua, acarretando numa cicatriz na perna e no queixo, descrita pela seguinte frase: “Essa cicatriz foi feita por um usuário de ‘*thinner*’”.

As marcas emocionais foram escritas próximas ao cérebro: “vou colocar na minha cabeça o comprometimento no desenvolvimento mental, é onde eu acho que tenha bloqueado tudo, na minha vida”. Escreveu: “emocionalmente afetado pelo uso de drogas”.

Na construção dos elementos do autorretrato, o participante teve dificuldades em desenhar o corpo delineado de perfil. Entretanto, destacou um grande sorriso. Inclusive no decorrer das entrevistas, ao refletir sobre sua trajetória de vida, enfatizou o otimismo e o pensamento positivo.

A mensagem que deixa para o público, além da determinação, fé, esperança é que as pessoas não optem pela rua, conforme o trecho a seguir:

“Eu penso que na última instância do usuário, do drogado é optar pela rua. É a última opção, não é bom ver ninguém assim, mas minha mensagem seria isso, algo do tipo não vá para a rua, não tenha experiência de rua. Vou colocar isso mesmo: ‘não se iludam com a falsa liberdade das ruas’”.

Por fim, ao abordar os planos para o futuro, Augusto Cury fala sobre o sonho de viajar de avião, de conhecer outros países.

“Isso aqui, um país estrangeiro. Muito bom esse aqui, eu gostei desse. Viajar, conhecer, outros países, vamo dizê assim”. Nesse momento representou esse sonho com três imagens, duas na praia e a outra com alusão ao exterior.

8.5 Participante 5: Bernardo Sayão

Testemunho

Bernardo Sayão

Sou conhecido como Sayão. Sou caminhoneiro, tenho 15 anos de profissão. Tenho dois filhos. E o tempo que passei na rua, e percebi que pessoa sem trabalho não tem como se integrar em parte nenhuma, né? O ano que passei na rua foi uma experiência nada produtiva. Uma coisa que me tocou bastante é que você se torna uma pessoa meio invisível na sociedade. Você tá dormindo na rua pensando e a pessoa não te pergunta o que você tá passando, ela se afasta, fica com medo de passar perto de ti. Você se torna um fantasma no meio da sociedade.

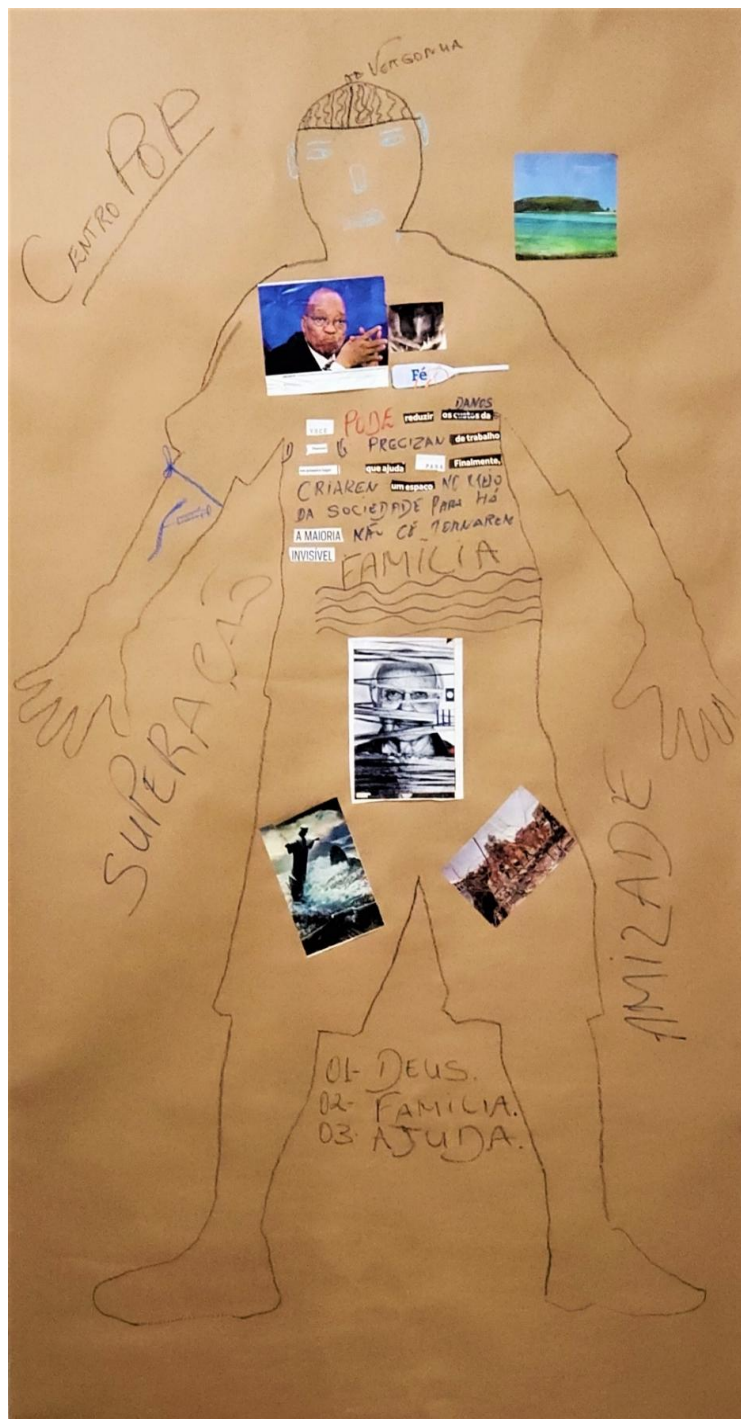


Figura 9. Mapa Corporal Bernardo Sayão

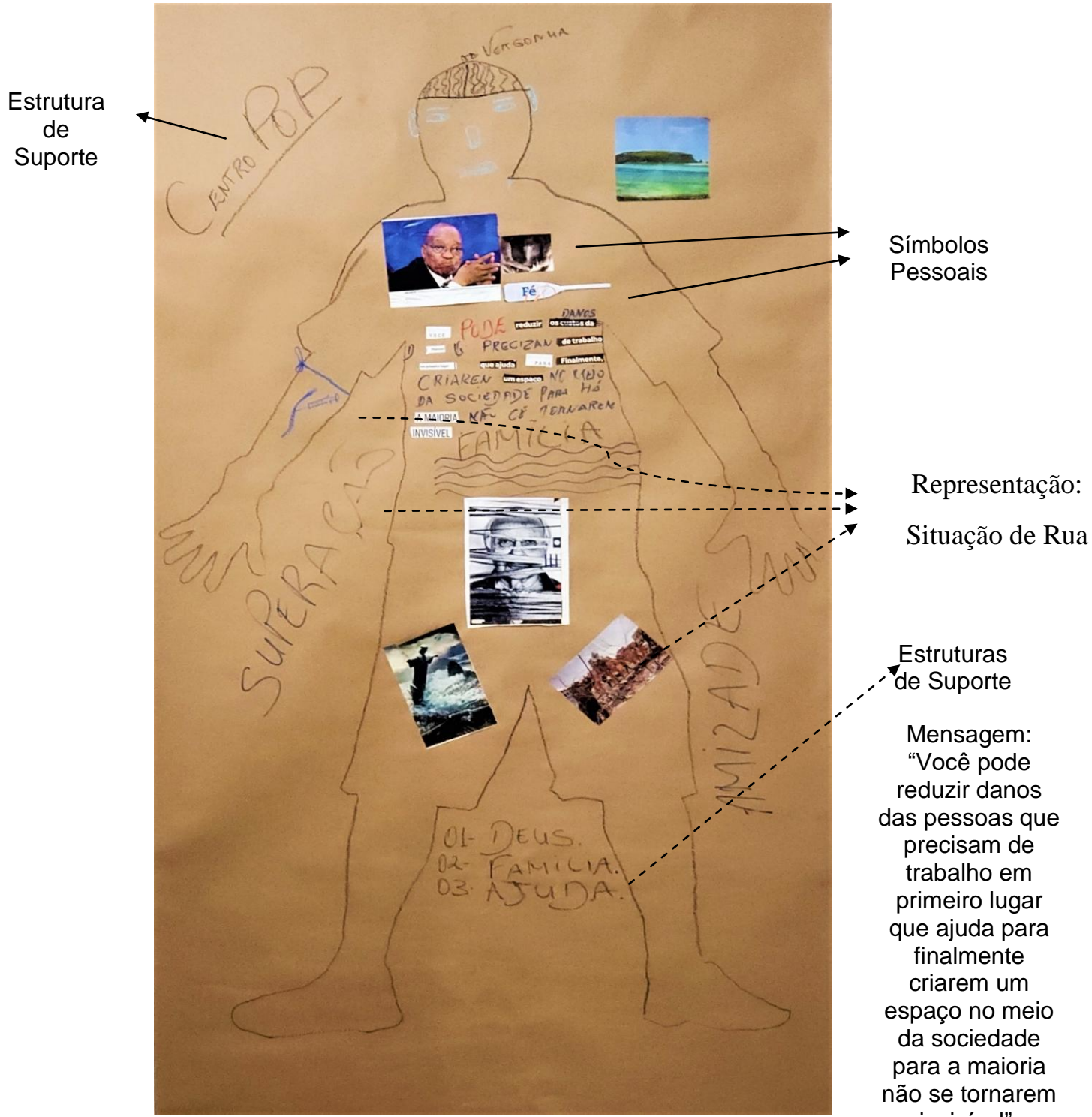


Figura 10. Mapa Corporal Bernardo Sayão.

Mensagem:
"Você pode reduzir danos das pessoas que precisam de trabalho em primeiro lugar que ajuda para finalmente criarem um espaço no meio da sociedade para a maioria não se tornarem invisível".

Bernardo Sayão tem 50 anos, é divorciado, tem dois filhos maiores de idade que moram com a mãe no estado do Rio Grande do Sul, e tem como profissão ser caminhoneiro, algo mencionado com muito orgulho. Desde que se separou, morou em várias cidades e esteve em alguns desses lugares em situação de rua.

O participante relatou com angústia e sofrimento o período em que ficou no contexto de rua. Mencionou diversas vezes a própria humilhação, como a de outras pessoas em vulnerabilidade, e relatou: “nossa, a polícia te humilha, a população te humilha, o sentimento de angústia, de falta das coisas, de raiva é grande”.

Acrescentou que os equipamentos públicos como CRAS, CREAS, Centros Pops são importantes, mas pondera que é útil apenas para as pessoas que querem alguma coisa, inclusive ressaltou que os benefícios eventuais o ajudaram muito no processo de saída das ruas e retorno ao mercado de trabalho. “Têm pessoas aqui, que eu vejo que não se interessam em fazer um curso, ou alguma coisa para crescer. Acho que o trabalho é um jeito de começar, porque ficar nessa situação, como eu fiquei, não é vida, a humilhação é grande demais. Muita gente que ficou na rua comigo que eu vejo que até hoje não progrediu nada, até hoje tá naquele mesmo estágio, se entrega pra droga, né? A bebida? Quem mora na rua, quem tá em situação de rua, se não beber não tem coragem de dormir de noite. A droga é consequência do álcool. É tipo uma reação. Eu passei por isso, eu não li! Eu passei por isso, eu sei que eu tô falando, porque eu vivi nessa realidade durante um ano”.

Bernardo Sayão relata a dificuldade que enfrentou na última recaída no uso de drogas: “desde que acabou o meu dinheiro, daí você começa tomando uma pinga e cachaça, não é cerveja não, é pinga mesmo... daí você vê um fumando ali e outro ali... daí os cara te dá cachaça, você fica curioso e vai experimentar... aí você fala, não só vou experimentar, mas aí é o que dizem você beijou a lata, já era, é um negócio terrível. Eu tive umas duas recaídas, até

firmar o passo... revira sua vida total, você não liga pra tomar banho, não liga pra nada. Quando eu me via falava assim, meu Deus do céu”.

Nesta etapa da pesquisa, elenca uma foto que simboliza um local destruído por um *tsunami* e/ou terremoto, como representação do próprio sentimento (Figura 10).

“Vou colocar uma foto de um *tsunami*, o maior na escala Richter, é um negócio terrível, eu caí, fui direto pro fundo do poço mesmo. Olha aqui, essa foto é legal, porque mostra um monte de gente num local destruído, e você no meio, porque você também tá destruído, porque você faz parte dessa destruição, tanto efetivamente, como moralmente, você perde tudo, o caráter, tudo, essa droga eu acho que deveria ser tratada com mais seriedade. O povo tá brincando com isso, não é de se brincar não. Tem muita gente que às vezes não volta a viver, não porque ela não queira, ela até quer, mas essa droga é tão forte, ela mexe com seu sistema nervoso bruscamente, que te deixa como zumbi, porque o que você faz durante o dia é pensando em fumar ela durante a noite, e o que você faz à noite é pensando em como fumar ela de dia... Cara, você se torna escravo dela”.

Ao aprofundar seus sentimentos, relata a solidão e a representa no mapa corporal com a figura de um idoso, segundo o participante, fitando o vazio e sentindo-se sozinho.

“Acho que só a solidão mesmo, muita solidão. A pessoa tá excluída, aqui, então é só aceitar a solidão que vai restar... Ah, no peito né? Eu acho que no peito. Tem uma imagem que eu vi, dá bem certinho aqui. É um homem sentado em São Paulo, sozinho. Cara, sabe quando você fica com aquele olhar pro nada. A cara da solidão mesmo... ele tá sentado sozinho, próximo a uma faixa de segurança, tem um monte de gente passando, mas pela fisionomia dele naquele momento ali, ele parece que tá se sentindo a pessoa mais sozinha desse mundo.

Ao final, o participante acrescenta uma imagem do *tsunami* atingindo o próprio Cristo. Ressalta ainda que as pessoas deveriam tratar o assunto com mais seriedade.

“É todo mundo trabalhando na mesma função, da pedra, se você bobear te roubam, é um inferno. Pra sair não é fácil não”.

No MCN, Bernardo Sayão apresenta como *slogan* a palavra “superação”. Lembra que, pelo fato de ter passado por muitas situações e não continuar na lama, sempre deu “um jeito de escapar”.

Para representar as marcas e cicatrizes da vivência com as drogas e do período em que esteve em situação de rua, fez um desenho no cérebro com a cor preta, descrevendo os efeitos das substâncias que afetam os aspectos emocionais e físicos das pessoas. Após explanação, escreveu a palavra “vergonha”.

Como a proposta desta pesquisa consiste em utilizar o MCN como ferramenta para acessar momentos da história de vida dos participantes, o participante, ao se descrever na etapa do autorretrato, relata que se vê como uma pessoa normal, entretanto, pontua que o importante é conhecer a história de cada um: “Ah, é uma pessoa normal, ninguém sabe o que tem no seu rosto, se você não falar sua história”.

Nessa etapa, Bernardo Sayão ressalta a importância de conscientizar a juventude para as consequências do uso de drogas; é a mensagem que gostaria de deixar para a sociedade:

“Sei lá, se tivesse uma forma dessa juventude escapar de tudo isso. Isso aí é um exemplo, não é um bom exemplo, mas uma realidade da vida da gente... é mais pra tocar, sensibilizar esse bando de jovem que não quer nada com nada hoje em dia”.

Na etapa de representação das estruturas de suporte, elenca Deus, família e ajuda. Pontua a importância do Centro Pop e dos benefícios socioassistenciais, como o auxílio vulnerabilidade e excepcional para as pessoas que estão em risco social. Também relata que a família é fundamental no processo de recuperação da dependência química e na saída do

contexto de rua. Entretanto, o participante questiona a figura da igreja, por isso não a frequenta e diz que a sua fé não vem dos homens, conforme o relato a seguir:

“Eu sou batizado na igreja católica, mas não acredito em padre, em pastor, não frequento igreja, só acredito em Deus. Se tem alguém que construiu tudo isso é porque é um ser melhor. Tenho minhas dúvidas sobre a Bíblia, porque tudo que vem da mão do homem, não sei... só acredito no ser superior. Por exemplo, não existe inferno, quem inventou isso foi à igreja, construiu isso pra manter um plano astral que você não pode, porque quem decide isso é você. Eu confio em Deus e em mim”.

“Você já sentou numa praça e já analisou aquele monte de gente passando, cada um tem seu propósito, seu destino, sua hora, aí você pensa assim, como Deus pode organizar essa bagunça toda... aquela que vai pegar o ônibus, atravessar a faixa, seus filhos... é um negócio assim que você pira, por isso que eu gosto de me manter ocupado, por isso que eu venho aqui (Centro Pop) pra ter alguma coisa na cabeça”.

Bernardo Sayão, ao refletir sobre suas perspectivas e sonhos, relata que o seu projeto de vida seria a aposentadoria e morar na beira da praia. Ele não se alonga no tema, pois disse que diversas vezes sua expectativa foi frustrada, então prefere viver um dia por vez e deixar as coisas acontecerem.

“O meu sonho, na verdade um projeto de vida, seria ter minha aposentadoria, mas não tenho mais sonho porra nenhuma, é só um projeto, se der certo, seria muito bom”.

Ao final, Bernardo Sayão, ao revisitar todo o processo de construção do MCN, diz que contou “um pedaço” de cada etapa da sua vida. Ele diz: “bom, aqui fala quase tudo, teve pedaço da minha adolescência, teve pedaço do meu amadurecimento como ser humano, teve pedaço das minhas recaídas, teve um monte de coisa aí”. Relata que o essencial é “estar vivo”: “eu tô vivo, tudo isso podia ter me matado várias vezes. Esse estilo de vida aí pra

morrer é a coisa mais fácil que tem. Quantas pessoas a gente já conheceu que morreram? De briga ou até mesmo por consequências provocadas diretamente pela própria droga?”.

A mensagem que gostaria de deixar para o público é a síntese que falou anteriormente sobre a juventude se conscientizar a respeito dos efeitos nefastos da dependência química.

“Evitar que a juventude de hoje pudesse evitar passar por isso”.

8.6 Participante 6 - Tianguá

Testemunho

Tianguá

Eu sou Tianguá, tenho 50 anos, sou artista, tenho uma filha e um neto que amo muito. Pra mim a arte é muito importante, descobri isso quando eu era criança, sempre gostei de cores, e por meio delas a minha criatividade surgia. Por ter uma ligação muito forte com a natureza, me sinto calmo perto da floresta, dos animais, olhando as estrelas e os pássaros cantando. Por estar em situação de rua, esse contato me ajuda na solidão, saio às vezes pedalando escutando música no parque. Também gosto de conversar com outros moradores de rua, artistas, cada um tem uma história sofrida. Por isso acredito que todo mundo tem que sonhar. A vida não é um conto de fadas, mas acredito que nós temos várias histórias, se você procura uma luz, você tem que achar, é isso que a gente tem que buscar.

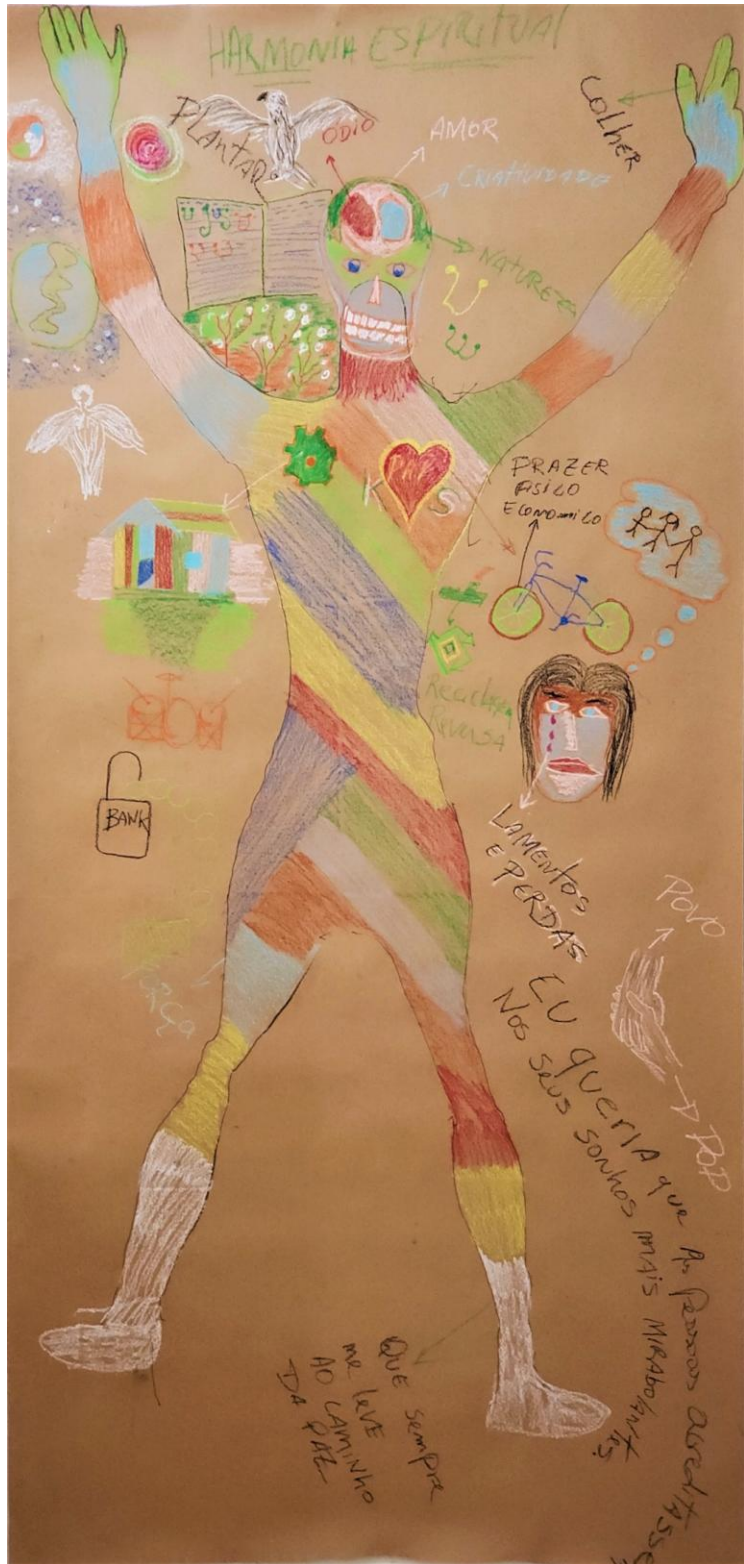


Figura 11. Mapa Corporal Carlos Drummond

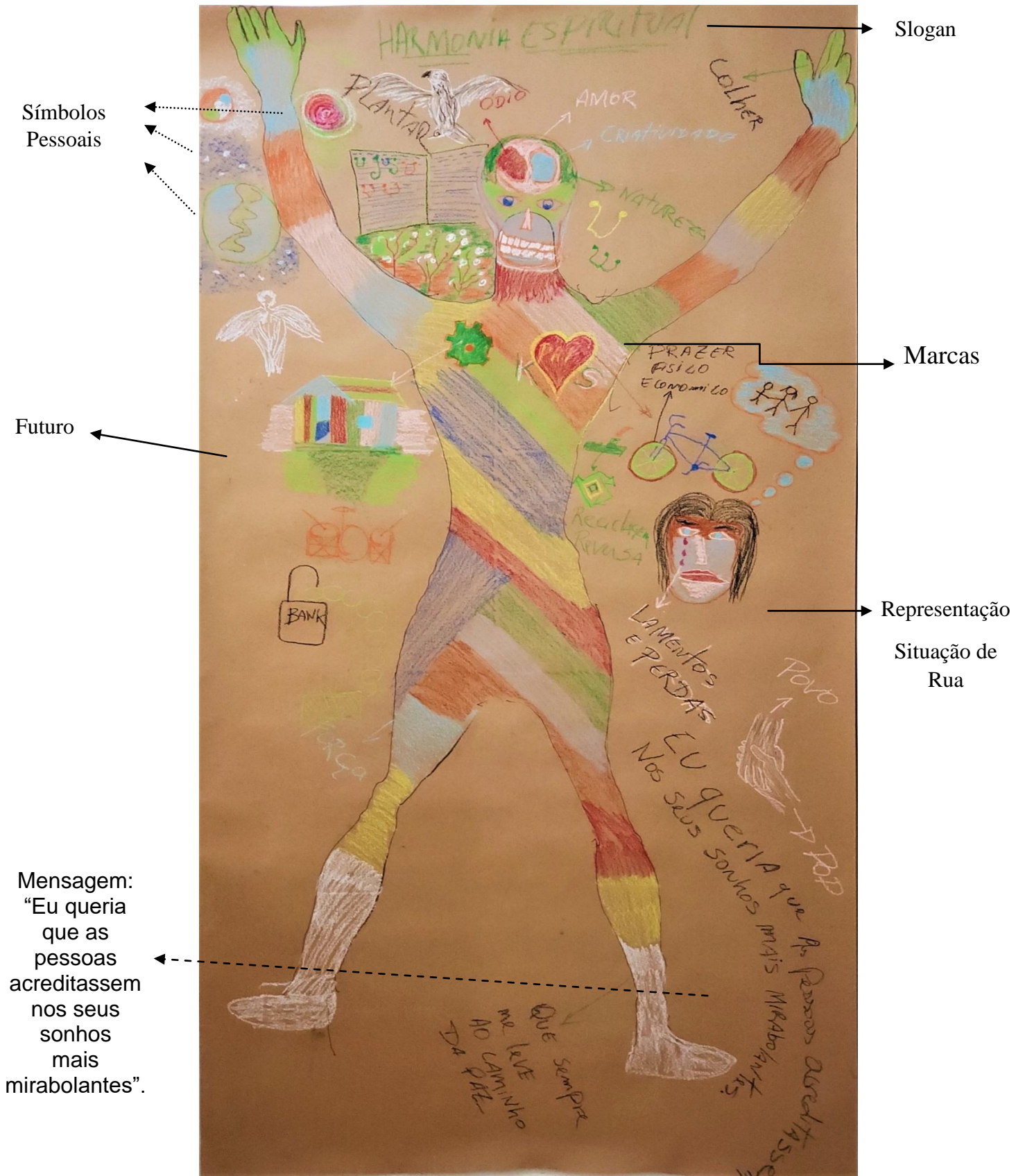


Figura 12. Mapa Corporal Tianguá.

Tianguá tem 50 anos, é solteiro e trabalha como artista fazendo pintura em tela. O participante optou em se desenhar com os braços abertos e para cima, como também as pernas entreabertas para demonstrar sua espiritualidade e receptividade diante da vida. Conforme a confecção do mapa corporal narrado (MCN), a essência da espiritualidade, natureza e cosmologia e áreas correlatas se destacaram.

Relata que fez seu corpo colorido por gostar de artes e acreditar que elas o representam, por exemplo: o azul significa o amor, o verde a natureza, o amarelo a alegria, o branco a paz, o vermelho a raiva.

“O azul é a parte boa, sempre tem o amor, o amor envolve tudo isso. Esse verde é a natureza, está sempre presente na minha vida, a gente respira natureza. Eu botei aquele vermelho ali que é a carne. A gente também tem essa garganta aqui muito feroz... O corpo todo colorido porque eu acho que, de tanto sofrimento, eu consegui achar isso aqui, a arte pra mim. Então pra mim é assim a minha vida. Mesmo que esteja tudo ruim, eu estou feliz ainda”.

Tianguá desenhou vários símbolos pessoais associados à cosmologia e à natureza, como o planeta Terra, buraco negro, galáxia, floresta, pássaros, livro e música, todos relacionados ao conhecimento, e ao que transmite tranquilidade.

“Eu tento levar a vida assim, sempre olhando os pássaros cantando. Eu falo: ‘ah, hoje o dia deve estar ótimo, então eu vou tocar um violão’. Daí eu passo debaixo de um pé de árvore, começo a tocar, aí vêm os pássaros, e já está tudo bem pra mim. Os animais são humildes. Ele vem com amor, para te dar um abraço”.

Ainda sobre a representação dos elementos pessoais, o participante fez diversas menções ao pai como uma referência positiva, repleta de afeto e suporte. Durante a construção do MCN a respeito das estruturas de suporte, se reporta às lembranças da infância e juventude com o pai. Seguem trechos que mencionam a importância dessa relação:

“Meu pai está no meu coração. Ele sempre foi bom. Ele nunca quis meu mal. Ele foi um dos pioneiros aqui em Brasília. Trabalhou no Setor Hoteleiro. Ele falava inglês. E quando saía um disco do Raul Seixas, ele trazia pra ouvir com ele”.

“Eu já busco a natureza há muitos anos, porque meu pai me levou pra vários locais. Eu fui pra Igreja Católica, pra Evangélica, pra Cidade Eclética. Aí eu fiz uma escolha. Por meu pai fiz a escolha que foi a Cidade Eclética, do mestre Yokanam. Ele era muito ligado nessa Cidade Eclética, me levava lá e gostava de dividir as coisas e, por isso, por compartilhar comigo, ele era uma espécie de melhor amigo. Ele me fazia sonhar, conhecer lugares novos. Tudo acabou quando meus pais se separaram, mas mesmo assim aprendi com meu pai e consegui transmitir isso pra minha filha; temos uma boa relação, mesmo ela morando em outro país, torço muito por ela”.

“Meu pai pra mim foi muito importante. Ele que me transformou nesse cara que eu sou hoje. Então, pra mim ele foi e é ainda, porque ainda consigo, de certa maneira, ouvir os conselhos dele. Meu pai sempre me deu esse carinho de pai. Ensinou que minhas pernas sempre me levam para o caminho da paz”.

Em referência à situação de rua e ao uso de álcool, destaca o sentimento de solidão que o afligiu. Como estratégia, procurou amigos e outras pessoas, passando pelo mesmo contexto para acalantar a angústia.

“Hoje em dia você mora só. E tem a solidão também, né, que assola a vida da gente. Tem hora que ninguém tá lá pra conversar com você. Não é bom você ficar só também. Sozinho, você sente muito peso da vida. Aí você conversa com morador de rua, vai conversar com eles... parece que eu estou chorando sangue aqui, mas é todo mundo. O rosto representa os que vejo aqui, choram lágrimas de sangue. Já choraram tanto a lágrima normal, que agora isso aí são os lamentos deles”.

Narra sobre o uso de álcool. Quando bebia, tinha ressaca e não conseguia levantar da cama, com mal-estar, dor de cabeça. Além dessas marcas e lembranças em seu corpo, relatou que o álcool deixa as pessoas agressivas e, por não gostar de violência, parou de fazer uso abusivo de bebidas, como também se afastou do bairro em que morava, pois gerava um “gatilho” para o consumo.

“Eu sempre bebi álcool. Pra mim, eu acho que é a pior droga que tem. O álcool acaba com a pessoa. E não uso cigarro, porque eu pratico esporte. Não gosto de cigarro de jeito nenhum. Eu não tenho mais dessa, eu tenho cinquenta anos. Minha meta agora é manter a saúde”.

“No processo de superação, eu tive que buscar uma força muito grande pra falar assim”:

“Não, eu não bebo mais. Quando eu saía, eu tinha que tomar refrigerante ou então ficar conversando, tomando uma água mineral. Nisso, começou as pessoas perguntando: você não bebe, não? Falei: não, estou bebendo mais. Estou dando um tempo e gostando. Eu fiquei muito debilitado e um belo dia que eu olhei pra mim naquela situação e falei: não, não, num dá, não. Eu quero viver um dia após o outro, não quero ficar três dias de ressaca, sem produzir nada, com a cara inchada e com mal-estar. Sobre esse processo representou dor de cabeça e mal-estar no corpo”.

Ao refletir sobre as marcas e cicatrizes, Tianguá fala sobre o sofrimento da ruptura com sua ex-mulher, principalmente por ter que se afastar da filha. Não queria que ela se sentisse abandonada, mas a mãe queria mudar para outro país, exigindo a guarda integral.

“Eu ficava muito preocupado com minha filha. Gostava de ficar perto dela. Pegar ela pra sair, eu não queria que ela fosse uma pessoa abandonada. Mas a mãe queria por tudo que eu abrisse mão da menina. Eu dizia: quero minha filha perto de mim, quero nem saber. Eu fui muito magoado, parece que eu estava chorando os lamentos e perdas. Perdi tudo na vida,

essas coisas que você tem, eu também tive, só que eu perdi. Então eu percebi uma coisa, se eu tiver uma casa e não conseguir pagar água e luz, não dá pra mim, daí eu desisti”.

Nesse período, Tianguá ficou em situação de rua, por isso conclui que, da mesma forma que o coração tem um significado positivo, também gera feridas, como essa.

Na segunda etapa, relata a importância do Centro Pop (Centro de Referência Especializado para a População de Rua) como equipamento público que auxilia na alimentação, higiene, atendimento psicossocial e em atividades lúdicas como o projeto de pintura e música (Banda Vozes na Rua), além do recebimento dos benefícios eventuais para a saída das ruas, com o auxílio foi mais fácil se estruturar.

“O Centro Pop dá uma oportunidade de se alimentar melhor, uma alimentação boa faz com que a pessoa crie mais coisas. A floresta é o melhor lugar que tem pra mim, ver os animais e a vegetação. Eu gosto de ir de bicicleta, e poder conversar com alguém, pedalando dentro da floresta, quase um dia inteiro, sentindo o ar da floresta, escutando música... na verdade, se não tivesse conhecido o Centro Pop teria definhado. Acho que eu não teria sobrevivido. Quando conheci não tinha nem um centavo no bolso, e não tinha coragem de pedir na rua”.

É relevante citar a visão do participante de si próprio, pois descreveu em detalhes a constituição da face, incluindo a estrutura do crânio. Menciona a divisão no cérebro, na qual a cor vermelha simboliza os sentimentos de raiva e ódio, assim como o pescoço que contém também tais sentimentos. O lado direito com cores mais claras, fala sobre o amor, a criatividade. O verde, representando a natureza, está presente no rosto e preenche o cérebro, sendo essencial para seu equilíbrio. Ao ser perguntado sobre a sua singularidade, descreve que gosta do seu olhar.

“Eu acho que o meu olhar. Meu olhar, eu acho que não tem muita coisa bonita em mim, mas acho que o olhar fala tudo”.

Próximo ao desenho do rosto representou uma engrenagem significando o progresso que deve ser feito para realizar seus sonhos, inclusive obter uma casa grande para que possa conviver com artistas. Deseja viver em grupo.

“Por causa dessa engrenagem que tem a casa. É onde eu tenho que trabalhar o amor. Queria uma casa bem grande, amarela toda pintada. Falaria sobre arte, não ter pessoas chatas para conviver”.

Como mensagem final demonstra muito otimismo diante da vida, com a convicção de que cada sujeito possui qualidades, virtudes e que por meio da sua história encontre a própria resiliência.

“Eu queria que as pessoas acreditassem nos sonhos mais mirabolantes que elas têm. A vida não é um conto de fadas, mas acredito que nós temos várias histórias, se você procura uma luz, você tem que achar uma luz, é isso que a gente tem que buscar”.

8.7 Contexto dos participantes após a pesquisa

As informações apresentadas aqui, se referem ao período de oito meses depois da coleta de dados, entre o primeiro e segundo semestre de 2019.

Carlos Drummond, Graciliano Ramos e Bernardo Sayão começaram a trabalhar no serviço de abordagem social em março do corrente ano. Atualmente, o SEAS é executado por meio de uma parceria com a SEDES, Termo de Colaboração nº 04/2017 que constitui em atendimentos as pessoas em situação de rua nos espaços públicos. A metodologia utilizada é a de Educação de Pares, na qual as equipes são compostas por pessoas com vivência de rua, que saíram ou estão em processo de saída deste contexto.

Carlos Drummond permanece trabalhando no Instituto Ipês até o presente momento. Em virtude da sua autonomia foi desligado do acompanhamento sistemático no Centro Pop, bem como os benefícios socioassistenciais, por não haver mais necessidade do suporte da Assistência Social.

Graciliano Ramos trabalhou por seis meses nesta Instituição, entretanto teve uma recaída, e por abandonar do emprego foi demitido. Destaca-se que apesar de retornar a situação de rua alugou novamente um imóvel, com o suporte do auxílio excepcional. Atualmente está trabalhando numa rede de supermercado para provimento da sua família. Ainda frequenta a Unidade, pois tem um forte vínculo com a pesquisadora e identificação com as propostas em grupo, oficinas e projetos.

Belmonte foi acompanhado durante oito meses neste equipamento juntamente com o tratamento no CAPS/AD. Após o recebimento de seis parcelas do auxílio excepcional e reinserção no mercado de trabalho relatou que não precisava mais do acompanhamento psicossocial, como os serviços prestados pelo equipamento.

Augusto Cury participou do processo seletivo do Instituto Ipês, mas após um mês no serviço foi demitido por uso excessivo de álcool e outras drogas não cumpriu horários e demais normas, em curto prazo sendo demitido. Após este período envergonhado pela demissão ficou sem frequentar o Centro Pop por quatro meses. Entretanto, recentemente em contato com a pesquisadora explicou que voltou a situação de rua, mas que deseja repensar os projetos pessoais, principalmente com dos padrinhos do NA. Destacou que se sentiu reconhecido ao participar deste estudo, diferente de outros momentos da sua trajetória que comumente era desvalorizado.

Bernardo Sayão trabalhou como motorista por aproximadamente dez meses em uma das equipes de abordagem social, mas por não adequação ao tipo do serviço voltou ao Estado

de origem para participar de um processo seletivo para caminhoneiro e ficar próximo aos filhos.

Tianguá após a participação da pesquisa e de outros projetos na Unidade iniciou o acompanhamento psicossocial, inclusive realizando oficinas de pintura e incentivando atividades artísticas com os outros usuários na Região. Relatou que a construção do MCN proporcionou diversas reflexões sobre sua história, em especial a importância da música, da natureza, assim como a possibilidade de reconstruir o futuro.

Quanto à relevância na participação da pesquisa, e principalmente a realização do mapa corporal, cinco dos seis participantes mencionaram que remorar sobre sua vida, escolhendo símbolos, frases e desenhos, a expressão dos sentimentos ressoou em perspectivas e reesignificação à própria história.

CAPÍTULO VII – RUA, DROGAS E ESPIRITUALIDADE

9 ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa utilizou a Análise Temática para identificar, interpretar e construir os temas, a partir dos dados qualitativos. A abordagem reflexiva proporcionou o maior engajamento dos seguintes temas: “A Rua”, “Drogas” e “Espiritualidade”. Ilustra-se a seguir os temas emergentes para auxiliar na compreensão da produção do relatório, de acordo com AT.

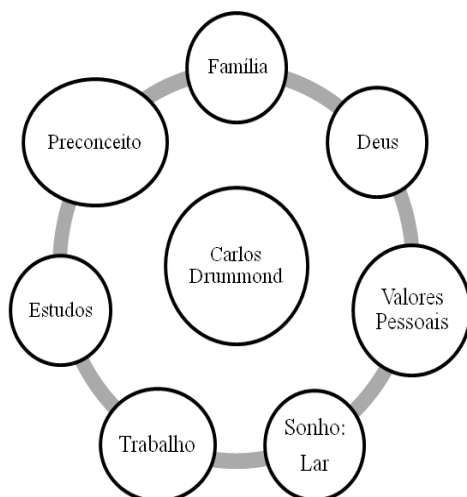


Figura 13. Temas emergentes do MCN – Carlos Drummond.

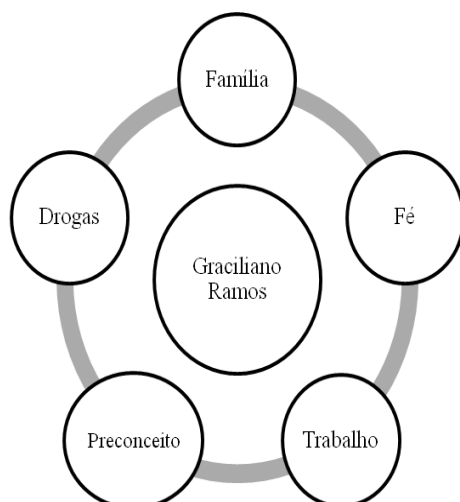


Figura 14. Temas emergentes do MCN – Graciliano Ramos.

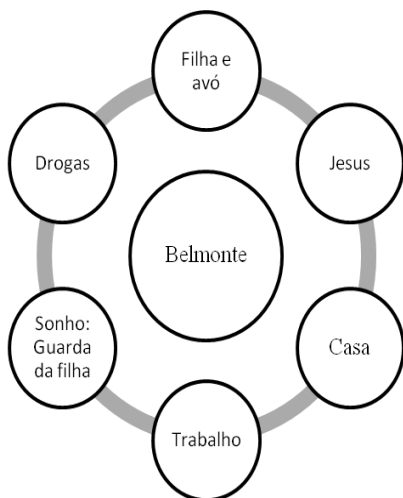


Figura 15. Temas emergentes do MCN – Belmonte.

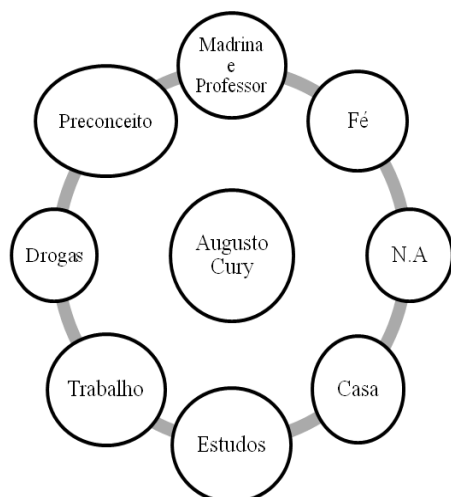


Figura 16. Temas emergentes do MCN – Augusto Cury.

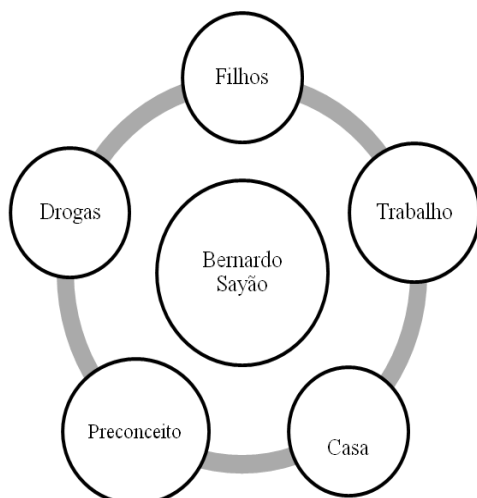


Figura 17 . Temas emergentes do MCN – Bernardo Sayão.

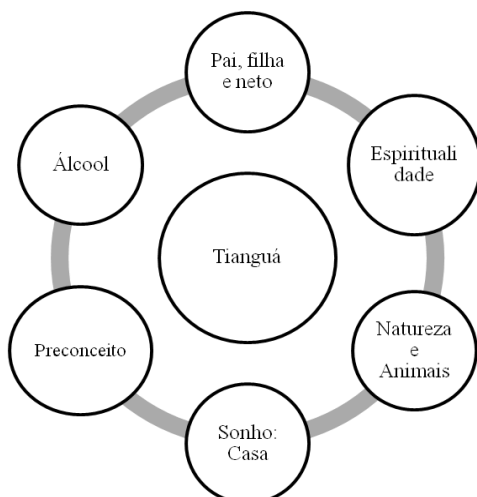


Figura 18. Temas emergentes do MCN – Tianguá

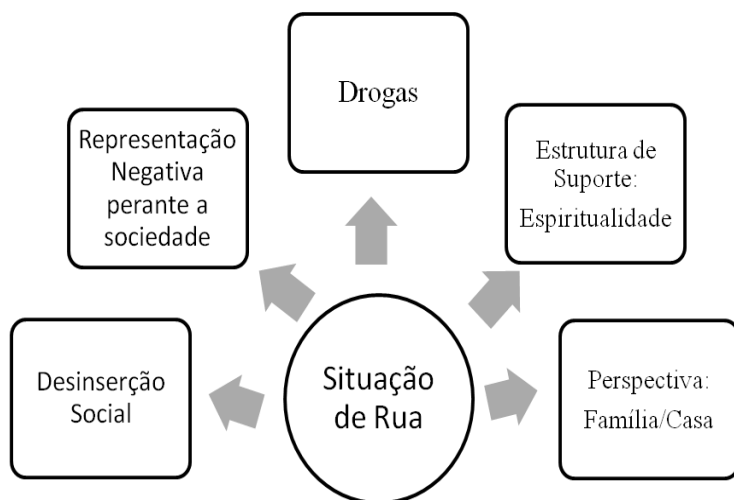


Figura 19. Identificação dos temas principais.

9.1 A Rua

9.1.2 Ausência de pertencimento, desinserção, desafiliação e desqualificação social.

A desinserção social, definida por Gaulejac e Taboada-Léonetti (1994), demonstram que os sujeitos são isolados socialmente e invalidados psicologicamente, ocorrendo uma ruptura das relações sociais e fragilização nos grupos de pertencimento. O termo demonstra o papel da dimensão simbólica nos fenômenos de exclusão, ou seja, faz referência a elementos concretos da existência, quanto relações subjetivas a essas condições.

A desinserção social é um processo de exclusão, predominando apenas a avaliação dos indivíduos em função daquilo que é considerado como utilidade social, por exemplo, a renda recebida pelo trabalho desempenhado, pela quantidade de bens que pode adquirir e pelo poder que exerce sobre os outros. As pessoas que não se encaixam nessa norma têm seu valor reduzido pela sociedade (Gaulejac & Taboada-Léonetti, 1994).

Esse tema foi definido como uma das categorias de análise dos mapas corporais narrados, pois remete a aspectos importantes das experiências subjetivas relatadas pelos participantes da pesquisa. Observou-se no decorrer do estudo muita fragilidade dos vínculos familiares e comunitários, fatos que incidem na situação de rua, como também na continuidade do contexto de vulnerabilidade social. Associado a este processo, o rompimento dos vínculos e o sentimento de não pertencimento social são recorrentes na fala dos participantes, sendo comum o desdobramento no uso/abuso de álcool e outras drogas como recurso defensivo.

Seguem trechos em que é possível identificar o sentimento de exclusão social de alguns participantes:

Bernardo Sayão: “A pessoa sem trabalho, você não tem como se integrar em parte nenhuma, né? O que me tocou bastante foi esse ano que passei na rua, foi uma experiência nada produtiva... você se torna uma pessoa meio invisível na sociedade. Você tá dormindo na rua pensando e a pessoa não te pergunta o que você tá passando, ela se afasta, fica com medo de passar perto de ti. Você se torna um fantasma no meio da sociedade. Então, eu acho que o trabalho é uma das primeiras coisas pra você se reconstruir, sua família, que deve tá corroído, pra ti voltar a ser respeitado perante as pessoas. Tentar organizar sua vida de novo”.

Carlos Drummond: “A sociedade não aceita... porque a pessoa que usa álcool, droga, não aceita, aí a sociedade prefere pisar em bosta do que tá do lado de uma pessoa, conviver junto duma pessoa assim, e é mesmo, é verdade...”.

Conforme as citações apresentadas, a pessoa em situação de rua se encontra diante de uma série de rupturas dos laços sociais, numa perspectiva apenas de fracassos, que podem ser compreendidos como vulnerabilidades, identificadas pelo desemprego, problemas de saúde, ausência de moradia, ruptura dos vínculos familiares e comunitários (Paugam, 1999). Nesse contexto, muitos sujeitos sentem-se inúteis perante a sociedade e não encontram mais sentido na vida. Ainda sobre o assunto, o sociólogo francês Serge Paugam (1999), ao analisar as transformações do mercado de trabalho e suas consequências, concluiu que essas mudanças seriam responsáveis por um processo que ele nomeou de “desqualificação social”.

Para Paugam, a desqualificação social considera a pobreza como em parte, “produto de uma construção social” e outra, como “problema de integração normativa e funcional” de indivíduos, que passa basicamente pelo mercado de trabalho. A desqualificação social aparece como o inverso da integração social. Portanto, o Estado é convocado a criar políticas indispensáveis à regulação do vínculo social, como garantia da coesão, para minimizar as disparidades (Paugam, 1991, 1993).

A fala de Tianguá exemplifica este “estado” de se sentir inferiorizado e desvalorizado, apontado na teoria de Paugam (1991, 1993):

“Quando você tem as coisas, as pessoas te tratam de um jeito, quando você não tem nada, você é tratado de outra maneira. Então, o mundo é desse jeito. Eu diria que os homens camponeses acabaram, agora não tem mais. As pessoas são muito mais observadoras agora, querem ganhar dinheiro rápido”. Ao falar dos homens camponeses, se refere a um período anterior em que a comunidade e as famílias tinham outra estrutura e valores diferentes dos atuais, de maior inclusão e solidariedade.

Sob o mesmo prisma dos conceitos apresentados: desinserção, trabalhada por Gaulejac e Leonetti (1994), e desqualificação por Paugam. A proposta do autor Robert Castel (1994), sobre o termo desfiliação, traz a ideia de ruptura de pertencimento social. Considera a instabilidade do tecido relacional àquelas pessoas com insuficiência de recursos materiais, mas principalmente as consequências da fragilização dos vínculos na sociedade, explicitado no trecho:

“O que chamei de desafiliação não é o equivalente necessariamente a uma ausência completa de vínculos, mas à ausência de inscrição do sujeito em estruturas que têm um sentido” (Castel, 1994, p. 416).

Portanto, mesmo os estudiosos da questão concluem que o fenômeno da exclusão é tão vasto que seria quase impossível delimitá-lo, mas é evidente que, apesar de ter diferentes causas, a população em contexto de rua é afetada principalmente pela ausência de reconhecimento.

9.1.3 Sentido Territorial da Rua

Conforme apresentado no tópico anterior, reitera-se que as situações de vulnerabilidade social, precariedade e exclusão não se restringem apenas às dimensões material e financeira, pois, sob outra perspectiva, essas situações são indissociáveis dos aspectos existenciais, afetivos, simbólicos e culturais, pertencentes à identidade subjetiva do sujeito e do social.

Pessoas em situação de rua vivenciam inúmeras circunstâncias de desamparo, desconforto, diante da insalubridade e insegurança na estrutura social. Diante da recriminação e culpabilização frente aos olhares de desconfiança do outro, confirmando polaridades e distanciamento social, a comunidade nega a responsabilidade moral, um dos princípios basilares de convivência dos seres humanos (Bauman, 1998). Sob o mesmo ponto de vista, Judith Butler (2016) propõe que o conceito de vida precária consiste em uma perspectiva coletiva, geradora de responsabilidade ética, política e social, ou seja, um compromisso com o outro.

Compreende-se, portanto, que a precariedade pode ser discutida como uma implicação social: “a precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro. Isso implica estarmos expostos não somente àqueles que conhecemos, mas também àqueles que não conhecemos, isto é, dependemos das pessoas que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente” (Butler, 2016, p. 31). Segundo a autora, somos seres sociais, completamente expostos e dependentes do externo, seja de instituições ou de pessoas, motivos para que todo ser humano seja intrinsecamente vulnerabilizado desde o início.

A vivência da pessoa em situação de rua rememora a construção social de inferiorização e privação, contexto de apartação que sugere novas estratégias de políticas

públicas que possam minimizar a continuidade de exclusão social. Seguem trechos dos participantes que explicitam tal contexto:

Augusto Cury: “Eu sei que eu fiquei fora do passeio... cê não pode ir, porque você não tem o sapato pra completar o uniforme”.

Augusto Cury: “Lembro até uma época que eu cheguei da escola com sete, oito anos, eu acho. Aí falei pra ela que eu queria comer, ela falou que não tinha comida. Aquilo gerou em mim uma revolta tão grande, eu fiquei sem entender aquilo”.

O participante acrescenta, nesse momento, ao revistar sua história, que nunca teve condição de se alimentar ou se vestir como a maioria das pessoas. Na verdade, não consegue se reconhecer com uma roupa nova.

Augusto Cury: “Eu fiz o teste esses dias, no livro de psicologia, e eu vi que a minha é muito baixa... tipo assim, eu via assim aquelas pessoas, os colegas assim trajados e vestidos daquela certa maneira... que eu achava lindo e achava maravilhoso, mas, se fosse pra mim talvez andar vestido e usar daquele jeito, eu não me sentiria bem. Não, eu sentiria bem, mas não sentiria confortável, você entendeu? Assim, eu devido assim, sei lá, ficava bem nos outros, mas não em mim... talvez eu não tinha coragem de assumir um traje daquele. Entendeu? Uma roupa tão bonita daquela. É complicado... eu ficava, assim, fascinado, mas eu não tinha como botar minha mão. É porque lógico, o poder aquisitivo, né?”.

A partir desses relatos, é fundamental lembrar o valor da pessoa humana, ao invés da submissão às regras do sistema capitalista, que intensifica os conflitos sociais, aumentando a miserabilidade e a desqualificação dos “invisíveis”, pautando a aversão ao diferente, ao “estranho”. Por conseguinte, na lógica do mercado neoliberal, as pessoas são identificadas como “mercadorias”, noção que deve ser constantemente repensada para evitar o distanciamento do bem comum e dos direitos do cidadão.

Segundo Valêncio et al. (2008, p. 559), “as pessoas em situação de rua são como estranhos que não participam do ‘*espetáculo*’ social. Estes fazem o papel da ‘não-pessoa’, o que implica uma relação de desrespeito e discrepância frente aos indivíduos atuantes”. Destaca-se este trecho, pois a população em questão é estigmatizada a ponto de ser tangenciada, dominada, aniquilada, negada pela sociedade e suas regras. Seguem algumas narrativas sobre o tema.

Carlos Drummond: “A sociedade pensa três coisas da pessoa que está em situação de rua, que é cachaceiro, drogado ou ladrão, só coisas ruins. É como se a pessoa tivesse fora da sociedade, me sentia excluído, mas mesmo assim, eu tava em volta da sociedade, com colegas, mas tinha o mesmo padrão que a sociedade leva, como levantar cedo, deixar currículo, fazer e ir atrás de alguma coisa”.

Augusto Cury: “A sociedade eu penso que vejo de dois modos: uns vê com dó e outros discriminam”.

Sobre a história da representação da rua, é importante destacar, mesmo que brevemente, os elementos que identificam a rua como território, conceito utilizado na Assistência Social. De acordo com Milton Santos (2002), o território pode ser compreendido como um espaço dinamicamente ocupado, ou seja, um complexo de relações econômicas e sociais do cotidiano das pessoas, além da noção de espaço fixo. Portanto, essa noção de território possibilita a relação com a história da representação da rua no imaginário social.

Nesse sentido, entender a dinâmica dos territórios implica relacionar o período histórico das populações. Desde a Revolução Industrial, no século XVIII e XIX, em que novas dinâmicas de trabalho aconteceram, substituindo a produção artesanal pela maquinofatura, configura-se outro padrão de economia. Por conseguinte, há um aumento populacional nas metrópoles e os deslocamentos humanos passam a ser uma preocupação de

políticas públicas, ou melhor, deveriam ser uma das pautas principais dos gestores. Entretanto, houve grandes descompassos, pois os equipamentos públicos definiram os atendimentos à população pela lógica da fixação, ou seja, tornando os usuários dependentes de um território referenciado. Como exemplo, a necessidade de comprovação do endereço domiciliar, excluindo aqueles que não se enquadram nos critérios de fixação, sem residência oficial, os sem-teto, os sem-terra, as pessoas em situação de rua e os migrantes (Santos, 2010).

Então, é notório que existam fronteiras físicas que separam cidades, bairros, países. Sob esse prisma, a rua é um território que não cabe na ideia fixa de domicílio. A rua é da cidade e não de quem mora nela (Koga & Sposati, 2013). Por isso, as pessoas em situação de rua ficam à margem dos programas sociais; por não terem endereço fixo, não são reconhecidas nesse espaço.

Outro fator importante, para entender o estigma da rua, é a sobreposição entre o espaço público e privado, presente na vida contemporânea. Uma das reflexões propostas por este trabalho é que a rua não seja compreendida apenas por fatores negativos, assim como proposto por Richard Sennett (1998), que faz referência à rua como lugar de encontro, questionando a excessiva valorização das relações privadas em prol das relações sociais. O autor relembra que a palavra “público” significava aberto à observação a qualquer pessoa, enquanto privado constituía a vida pessoal, entre os amigos e a família.

Assim, segundo a linha divisória na história, entre a vida pública e a vida privada em meados do século XIX, explicada pelo mesmo autor, a família burguesa se constitui como símbolo de autoridade. Uma vez que se tornou refúgio contra as adversidades da sociedade, também se tornou um parâmetro moral das cidades, em que a privacidade e a estabilidade associavam a ela uma ordem ideal (Sennet, 1998).

Diante desse breve percurso da noção de território, espaço público e privado, o cerne da questão é: apesar de a rua ser um local de encontros, manifestação social, do clamor coletivo e plural, a referência negativa ainda é predominante no imaginário social, inclusive em discursos das próprias pessoas que moram nas ruas.

Apresenta-se, a seguir, falas dos participantes sobre a vivência nas ruas e suas representações. Observou-se que, dos seis participantes, apenas dois relataram aspectos positivos, possivelmente pela ideia da casa, como ainda algo ideal na sociedade brasileira, na qual os valores são enaltecidos e a rua, por outro lado, é malvista e desmoralizada.

Graciliano Ramos: “[...] experiência nada agradável”. Conforme a representação no MCN (Figura 4).

Bernardo Sayão: “Eu senti saudade de dormir de cueca de novo, de dormir num lugar mais ou menos confortável, é, são pequenas coisas que na rua você tem que dormir de calça. É, invade tudo sua vida”.

Bernardo Sayão: “A pessoa olha pra um lado tem a janela, olha pra outro tem a parede e daí ela se sente sufocada. Isso tranca a pessoa, ela acostuma a pegar seu carrinho daí um dia guarda em um lugar, no outro na Ceilândia, sei lá... outro dia vai pro Plano [Regiões Administrativas do DF]... se é a condição desse falso senso de liberdade, pra tomar este tipo de atitude com ela mesma, levar a um patamar que você não aguenta ficar dentro de uma casa”.

Tianguá: “Parece que eu estou chorando sangue aqui, mas é todo mundo. O rosto representa os que vejo aqui, choram lágrimas de sangue. Já choraram tanto a lágrima normal, que agora isso aí são os lamentos deles” [Referência às histórias que já escutou de outras pessoas em situação de rua] (Figura 10).

Augusto Cury: “pra mim foi de boa... foi sossegado. Ficava mesmo só no meu canto, num mexia em nada. Não andava com pessoa errada. É ruim quando você fica na rua, anda com uma pessoa que você, como é que fala? Não confia... tem que andar com a pessoa certa. O que a escola não me ensinou me ensinaram na rua”.

Augusto Cury: “[...] Ah, ultimamente tem gente assim, que faz um esforço danado, por exemplo, no sábado que entrega pra gente um café da manhã, café, leite, pão... as pessoas têm se esforçado muito pra ajudar sim... mas muitos procuram ajudar muito, dão barbeador, comida...”.

Para o segundo participante, a experiência foi extremamente negativa, inclusive representando no MCN (Figura 12) as drogas e a situação de rua abaixo dos pés. O terceiro menciona que sentia que sua privacidade era invadida nas ruas, entretanto, ressalta que algumas pessoas precisam da “liberdade” das ruas. O quinto participante conta que, ao ouvir histórias tão tristes, algumas pessoas já choraram tanto que lhes restam “lágrimas de sangue”, em virtude das dificuldades da rua. O quarto relata que aprendeu muito em sua vivência de rua, sua passagem foi tranquila: “o que a escola não me ensinou me ensinaram na rua”. Por fim, o último disse que valoriza a solidariedade das pessoas, como também os serviços disponíveis para essa população.

9.1.4 *Heimlich* – Casa x *Unheimlich* – Rua

Explicitados alguns trechos da pesquisa, ademais a respeito das compreensões da rua, propõe-se a continuidade da análise fundamentada nos conceitos psicanalíticos, por elucidarem outra perspectiva das fragilidades humanas e a busca por “possuir” espaços,

acreditando que a “casa”, o “lar”, minimizaria a vulnerabilidade com que nascemos e como nos sentimos. Na verdade, é uma sensação presente na gênese do ser humano, o acolhimento.

De acordo com as definições apresentadas no Capítulo 3, o conceito de *Heimlich* que designa algo bastante familiar, e seu oposto *Unheimlich*, é uma negação da palavra *Heimlich*, apreendida tanto positiva quanto negativamente, que acentua seu caráter angustiante e assustador. De acordo com Dunker, a palavra em língua portuguesa que melhor traduz esse aspecto parece ser “infamiliar”: que faz referência à família, mas com o prefixo negativo do mesmo modo. Isso propõe tanto um sentido positivo de algo que conhecemos e reconhecemos quanto um sentido negativo de algo que desconhecemos (Freud, 1919/2019).

Portanto, o “*Unheimlich*”/“infamiliar” neste estudo sugere que a rua esteja consonante e análoga ao espaço público. Por outro lado, o “*Heimlich*”, familiar simbolizando o espaço relativo ao “lar”, ao conhecido, ao costumeiro, íntimo, sigiloso.

Nesse sentido, para a análise dos dados deste trabalho, se faz referência à abordagem psicanalítica, por abranger os indivíduos e o social, com destaque às pessoas vulnerabilizadas.

Ainda sobre a terminologia psicanalítica, a palavra “*Behagen*”, além do sentimento de proteção, também é remetida a algo da ordem do prazer. Já “*Unbehagen*” pode significar mal-estar, infortúnio, desconforto, descontentamento, como outras semânticas dadas ao termo. O mal-estar não é apenas uma sensação desagradável, mas é o sentimento de perda de lugar, de estar fora de lugar.

Dito isso, cabe citar algumas falas da pesquisa que se aproximam das ideias de “*Heimlich*” e “*Unheimlich*”, “*Behagen*” e “*Unbehagen*”, na perspectiva da psicanálise. Assim, as pessoas em situação de rua podem representar o “estranho” (*Unheimlich*) social, já que Freud expõe desde o início aquilo que suscita angústia e horror (Freud, 1919/2019).

Carlos Drummond: “É como se a pessoa tivesse fora da sociedade, me sentia excluído”.

Bernardo Sayão: “O que me tocou bastante foi esse ano que passei na rua, foi uma experiência nada produtiva... você se torna uma pessoa meio invisível na sociedade... você se torna um fantasma no meio da sociedade”.

Todos os participantes, na etapa de realização no MCN, ao tratarem do futuro, enfatizaram o sonho de ter uma casa. Perspectivas que são confirmadas, de acordo com o processo histórico. Então, a casa seria o espaço de segurança e a rua o lugar fatídico, associado a violências e infortúnios.

Carlos Drummond: “meu sonho depois de todas as dificuldades que passei seria ter um trabalho e uma casa para morar, construir uma família”.

Graciliano Ramos: “[...] hoje tô no aluguel, é uma vitória ter um barraco”.

Bernardo Sayão: “[...] queria ter uma casinha na beira da praia, curtir minha aposentadoria”.

Augusto Cury: “[...] queria comprar uma casa e correr atrás da guarda da minha filha. Depois que eu tiver trabalhando fichado, claro”.

Belmonte: “[...] queria uma casa bem grande, amarela toda pintada. Falaria sobre arte, não ter pessoas chatas para conviver”.

Augusto Cury: “[...] pra eu me manter longe da droga preciso me estabelecer numa casa, construir minha vida”.

Como paradoxo, a rua denota que os sujeitos dividem um espaço visível, mesmo que considerados invisíveis, circunstância que incomoda a “burguesia” e o “governo”, pois aquilo que não se compreende é ameaçador, suscita perguntas sem resposta, mostra a incompetência, a rigidez das políticas públicas e do próprio sistema de moralidade e princípios arraigados. Deste modo, o mal-estar, o desconforto, a incerteza que a rua “escancara” mobilizam em qualquer ser humano a busca pelo amparo, por um lugar seguro.

9.1.5 “A rua em *Metamorfose*”

Freud (1856-1939) e Kafka (1883-1934), considerados referências neste estudo retratam a angústia de se viver em sociedade, o desamparo que surge do estranhamento diante da vida e que não deixará de existir enquanto a existência estiver absorvida na cultura. Os autores revolucionaram a sociedade da sua época, Freud imerge a relação do homem no mundo, já Kafka por meio das suas histórias absurdas, com personagens pitorescos exprime a realidade, os sujeitos que sempre estão angustiados.

Em “*A Metamorfose*” (2009), os sentimentos característicos do personagem Gregor Samsa retratam um conflito existencial, a apatia, a solidão e os sentimentos de exclusão que fragilizam o homem. Estes sofrimentos destacam a impotência, as dificuldades de existir, e a realidade da vida, que pode transformar o homem em um estranho no mundo.

Gregor não gostava do trabalho, principalmente do chefe, considerava a profissão extenuante e vazia de afeto, mas trabalhava para prover as despesas da família, tal insatisfação é descrita em trechos como este:

Oh, Deus”, pensou ele, “que profissão extenuante que fui escolher! Entra dia, sai dia, e eu sempre de viagem. As agitações do negócio são muito maiores do que propriamente o trabalho em casa, e ainda por cima impuseram sobre mim essa praga de ter de viajar, os cuidados com as conexões de trem, a comida ruim e desregulada, contatos humanos sempre cambiantes, que nunca serão duradouros e jamais afetuosos. Que o diabo leve tudo isso! [...] O homem tem de ter seu sono. Outros viajantes vivem como mulheres de harém. Quando eu, por exemplo, volto ao hotel pouco antes do meio-dia, a fim de transcrever as encomendas feitas, esses senhores recém estão tomando seu café. Queria ver se eu tentasse proceder assim com meu chefe; iria para a rua na mesma hora. Aliás, quem sabe se isso não

seria bom para mim. Se eu não me contivesse por causa de meus pais, já teria pedido as contas há tempo; teria me apresentado ao chefe e lhe exposto direitinho o que penso, do fundo do meu coração. Ele teria de cair da escrivaninha! (Kafka, 2009, p. 11).

A princípio, as preocupações do personagem estão relacionadas à rotina exaustiva das suas atividades como caixeiro viajante, posteriormente outras inquietações surgem ao se perceber metamorfoseado em um inseto, como a “repulsa” da família e da sociedade.

Há um paralelo interessante entre o mundo de Gregor Samsa e os “excluídos”, porque no sistema capitalista, não ter valor econômico significa não ter identidade, portanto representando um grave problema às leis de mercado, sendo um dos geradores do processo de desumanização. Como afirma Adorno:

O deslocamento é moldado segundo o costume ideológico que glorifica a reprodução da vida como um ato de graça dos “empregadores”, que dispõem sobre ela. Ele descreve um todo no qual aqueles que a sociedade aprisiona, e que a sustentam, tornam-se supérfluos (Adorno, op. cit., 1998, p. 252).

Theodor W. Adorno (1998) em o ensaio “Anotações sobre Kafka” propõe reflexões sobre o mundo moderno e a redução do seu potencial, equalizando-o com a sua natureza animalesca de coisa. O autor destaca nas obras Kafkianas os estigmas que a sociedade insiste em marcar o indivíduo. Assim, diante do sofrimento humano problematiza a consciência alienada: “o próprio semelhante muitas vezes se transforma em mera ‘coisa’”. (Anders, Kafka, 1993, pág.16). Portanto, o “desumano” do homem moderno não se relaciona apenas com a sua natureza animal, mas também a noção de “coisa”.

Assim, a realidade é contada de maneira absurda, o que provoca tanto estranhamento como reconhecimento pelo leitor de sua obra. A singularidade de narrar estabelece o estranho como fenômeno da irracionalidade do mundo moderno.

No livro “A Metamorfose” (2009), Gregor Samsa, “[...] ao despertar de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”. A narrativa demonstra que a sua maior preocupação no dia da sua metamorfose, é se estaria atrasado para o serviço. Como exímio trabalhador, e provedor da família tinha uma reputação ilibada. No entanto, prostrado no seu quarto, Gregor perde o respeito dos seus familiares e a sua função vital, trabalhar para sustentá-los (Spinelli, 2005).

Assim, ao transpor o sofrimento do protagonista à realidade, o processo de reconhecimento e identidade do sujeito está frequentemente relacionado ao trabalho, instiga-se a pensar a diferença de Gregor, transformado em inseto, entre o “morador” de rua? Existe tal diferença? Reles metáfora? Ou aspectos da realidade?

Provavelmente a resposta será que não! Não há nenhuma distinção, sob a lógica mercantil, pois paralisados perante o desinteresse social, sentem-se insignificantes, descartáveis. De maneira semelhante ao processo de aniquilação de Samsa, a população de rua se encaixa no contexto de tal indiferença, porque o “papel” social de trabalhador não é mais desempenhado, conforme os ditames do sistema.

Retomando o olhar para as narrativas deste estudo, seguem algumas falas dos participantes por estarem desempregados ou em situação de rua: “vagabundos” (Carlos Drummond), ou escutaram frases do tipo “sem emprego você não é nada” (Bernardo Sayão), “o que minha filha vai pensar de mim? Não posso dar nada pra ela” (Graciliano Ramos). “Não volto pra casa, porque não quero ser vergonha pra minha família” (Tianguá). “Não falei pra ninguém que estou em situação de rua” (Carlos Drummond). “Só volto pra minha terra quando tiver dinheiro (Bernardo Sayão).

Por outro ângulo, pode-se considerar que tornar-se animal para Gregor Samsa além de ser uma fuga das obrigações sociais e cotidianas de um empregado assalariado, foi uma maneira de conquistar a liberdade, sem as obrigações de empregado e provedor da família. Será que a rua não seria o contraponto da subserviência? Pode ser um devaneio ou uma indagação de uma ingênua pesquisadora, mas como o texto, é um instrumento de reflexão, a ousadia parece pertinente.

Mesmo porque, a ironia ao contraditório é uma característica Kafkiana, que mostra uma forma de lidar com contrastes as diferentes ideias. Pode-se pensar que o autor pertence a vários grupos, ele é um estrangeiro em todos eles, e o humor surge diante do horror e da opressão, o que remete ao insólito (*unheimch*). No mundo do outro somos costumeiramente estrangeiros, entretanto o escritor por ter vivenciado crises políticas, e a ditadura na própria família perpassa a crítica numa perspectiva rebelde e insubmissa. (Maeso, 2013).

A biografia, escrita por Ernest Pawel (1986), relata que Kafka era o filho mais velho de um casal da classe média judaica, Julie Löwy e Hermann Kafka. Nesta época, a região pertencia ao Império Austro Húngaro, que, hoje, seria a República Tcheca. O autor viveu no cenário em que as ideias de Hitler para uma nova Alemanha estavam sendo disseminadas, por isso supõe-se que eram objetos de estudo nas suas tramas, que os personagens fragmentados, solitários, claustrofóbicos, alienados, em especial aqueles protagonizados por animais, retratam a condição humana dos excluídos socialmente, sobretudo sendo judeu, vivendo sob a glória e o apogeu dos regimes totalitários da primeira metade do século XX.

Nesse sentido, a chave para as indagações de Kafka seria a definição de inquietante, a ruptura entre o familiar e o inusitado, que revela o oculto a partir do banal. O segredo, então, estaria no que se oprime, no irrepresentável, por isso a rua pode ser vista, neste contraponto como liberdade, coletividade e possibilidade de encontro, além da busca de sentido, uma saída para existência do povo.

Por conseguinte, pode até soar “estranho” permitir que essas ideias sejam coerentes, porque parte da sociedade direcionada aos interesses privados destitui a esfera pública; então, a rua tem a tendência de ocupar apenas um espaço de martírio. Mas, ao dialogar com a história de Gregor, mesmo sendo a metamorfose dolorosa, pela primeira vez se sentia livre das obrigações, e inversamente a condição de provedor, agora como inseto, seus pais e sua irmã que os parasitavam, a história se inverte. O protagonista não desejava ser visto como estorvo, apenas acolhido na nova condição de fragilidade.

Sob o mesmo ponto de vista, na obra “Carta ao Pai” (2004), Kafka queixa-se que o pai o via como parasita, afirmando o sentimento de não pertencimento, na qual sofreu a condição de *outsider*¹⁴ contribuindo para a construção de identidades ambivalentes em constante processo de metamorfose.

Nessa perspectiva, Walter Benjamin (1985) chamou este poder parasitário, característico de “patriarcas raivosos”, um poder que se nutre da vida de suas vítimas. Mas, o estado do ser parasitário é invertido. Por exemplo, quem se metamorfoseia é Gregor Samsa, e não o seu pai que detém o poder patriarcal. Quem parece insignificante não são os poderosos, mas os protagonistas dos enredos, cuja impotência os paralisa até a morte ou a desapareição.

Cabe nesse momento algumas referências ao termo “parasita”: para a biologia é um organismo que vive às custas de outra espécie, que pode ser animal ou vegetal, alimenta-se do outro organismo, debilitando-o mas sem chegar necessariamente a matá-lo, para a dermatologia descreve-se como uma afecção cutânea contagiosa, parasitária, provocada no homem pelo *Sarcoptes scabiei*¹⁵.

¹⁴ Segundo Howard Becker considera *outsiders* aquelas pessoas que se desviam das normas de conduta da sociedade ou de um grupo social (Becker, 2008)

¹⁵ A escabiose humana de origem canina, dermatite causada pelo ácaro *Sarcoptes scabiei* caracteriza-se por prurido intenso e lesões cutâneas, representadas por pápulas e escoriações, que apresentam localização diversa daquela da escabiose clássica (DeGeer, 1778).

Por mais difícil que seja o processo de metamorfose para Gregor Samsa, ele se sentia livre, de certo modo desprendido das obrigações com os seus parasitas. Exatamente num papel inverso, seus pais eram como insetos, que parasitavam o trabalho do filho antes da sua transformação. Quando o contrário acontece, o personagem é jogado no quarto, como anônimo até sua morte.

Então, novamente refletindo sobre a população de rua, quem são os parasitas?

Quem está se sobrepondo ao outro, como dominador e dominado, quem está certo ou errado? Será que a própria lógica neoliberalista não deseja que os assalariados sejam alienados, e justamente o “alimento” do sistema? Metaforizando a afecção cutânea, será que a proposta da existência dos “moradores de rua” não seriam marcar a pele, o tecido social? Então, apesar das críticas serem cruéis as tipificações e a cristalização das relações, são necessárias para incidir mudanças.

Grande parte da população que vive na rua encontra nela sua identidade, é nelas que acontecem as cenas cotidianas de sua vida, é nelas que é produzida sua percepção de privacidade e de publicidade. Estes sujeitos, usando os espaços públicos para sua vida pessoal, criam uma lacuna nas fronteiras entre público e privado. Talvez a forma de viver dessas pessoas reinventem os espaços públicos. Neste sentido, temos em Magni (2006) uma perspectiva que avalia a população das ruas como segmentos sociais nômades que divergem das normas desenvolvimento das cidades, como forma de organização da vida coletiva de forma privada. Para a autora, a mobilidade dos sujeitos que se apropriam da rua promove uma mobilidade espacial e existencial, criando novas formas de vida com características únicas.

Os participantes neste estudo relataram buscar algo, “[...] um sentido para a vida” – na maioria dos casos, buscam a liberdade; sendo assim, a rua se torna uma etapa para alcançar os objetivos ao saírem de casa. Sabe-se que as pessoas vão para as ruas por diversos fatores, mas

todos apontam para uma fragilidade em sua rede social, com seus suportes e cobranças. A rua oferece tudo, mas diminui as cobranças e permite maior liberdade, ainda que relativa.

Morar nas ruas dá um novo sentido ao uso do espaço público. Os atos privados tornam-se públicos. O público, espaço coletivo de circulação, torna-se espaço de morar (Justo, 2005). Logo, a presença de pessoas em situação de rua provoca um impacto, porque torna explícito seu mundo privado, ou seja, “a sujeira em baixo do tapete”.

O que fazer com isso?

Elaborar possibilidades de transformação da realidade social, atribuindo a qualquer ser humano as mesmas garantias de direito, indiferente aos espaços que vive, como vivem, todos compartilham do mesmo enredo, de diferentes ângulos que direcionam ao ponto de intersecção, a rua, representando a vida.

9.2 Drogas

Neste estudo, um dos temas representativos nos relatos dos participantes é a questão do uso de drogas, que consiste em um dos graves problemas da contemporaneidade. Segundo levantamentos da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001), cerca de 10% das populações urbanas fazem uso abusivo de substâncias psicoativas. Por isso, tendo em vista a relevância do assunto, cita-se brevemente alguns dados que retratam a realidade do país.

A Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) realizou uma pesquisa em 2015 que teve como objetivo estimar e avaliar os parâmetros epidemiológicos do uso de drogas no país. Foram entrevistadas cerca de 17 mil pessoas com idade entre 12 e 65 anos, em todo o Brasil. Os resultados revelaram que, nos últimos 12 meses, de múltiplas substâncias no Brasil, aproximadamente 11,7% dos brasileiros de 12 a 65 anos (17,8 milhões de indivíduos)

consumiu álcool e tabaco nos últimos 12 meses. Cerca de 2,6% consumiu álcool e pelo menos uma substância ilícita (Bastos et al., 2017).

O consumo de substâncias ilícitas na vida se concentrou claramente nas faixas etárias intermediárias, especialmente entre os adultos mais jovens (25-34 anos), com valores igualmente mais elevados. O uso de alguma substância ilícita constatada foi maior entre os homens do que em mulheres.

Para auxiliar com maior clareza na compreensão do conceito, o termo “droga” possui diversos sentidos, podendo ser referido a medicamentos compostos de substâncias que são capazes de causar dependência e/ou objeto de abuso. Na linguagem comum, se refere especificamente a drogas psicoativas e em geral às drogas ilícitas, as quais têm um uso não médico, além de qualquer uso médico. No Brasil, a legislação a define como “substâncias ou produtos capazes de causar dependência”, assim especificada no parágrafo único art. 1º da Lei nº 11.343/2006 que institui o Sistema Nacional de Políticas Sobre Drogas – SISNAD.

Afim de compreender as características envolvidas do fenômeno da drogadição, o *Diagnostic and Statistical Manual – DSM V (2013)*¹⁶, elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria, abrange o espectro dos transtornos mentais e tem sido utilizado em pesquisas, por possui maior detalhamento. Dessa forma, o Manual descreve o uso de substâncias psicoativas, levando ao comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo, é

¹⁶ O uso de substâncias psicoativas levando ao comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo é manifestado por pelo menos dois dos seguintes critérios, ocorridos durante um período de 12 meses: 1. Tolerância, definida por qualquer um dos seguintes aspectos: – necessidade de quantidades progressivamente maiores da substância para atingir a intoxicação ou o efeito desejado; – acentuada redução do efeito com o uso continuado da mesma quantidade de substância. 2. Síndrome de abstinência. 3. Desejo persistente ou esforços malsucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso da substância. 4. A substância é frequentemente consumida em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido. 5. Muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção da substância, na utilização ou na recuperação de seus efeitos. 6. Problemas legais recorrentes relacionados ao uso de substâncias. 7. Uso recorrente da substância, resultando no fracasso em desempenhar papéis importantes no trabalho, na escola ou em casa. 8. Uso continuado da substância, apesar de problemas sociais e interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados por seus efeitos. 9. Importantes atividades sociais, profissionais ou recreacionais são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso da substância. 10. Uso recorrente da substância em situações nas quais isso representa perigo para a integridade física. 11. O uso da substância é mantido apesar da consciência de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente, que tende a ser causado ou exacerbado por esse uso.

manifestado por pelo menos dois dos seguintes critérios, ocorridos durante um período de 12 meses: tolerância, síndrome de abstinência, dificuldade em controlar o uso da substância e o aumento do seu consumo, problemas legais, dificuldade no desempenho de papéis sociais, perigo à integridade física, dentre outros problemas físicos e psicológicos.

O uso do DSM 5 no auxílio da compreensão da dependência química não implica “coisificação” do sujeito, apenas é um referencial neste estudo para nortear algumas características quanto ao uso de drogas, evitando a referência ao senso comum.

As consequências do uso de drogas são diversas, podendo inclusive acarretar o comprometimento nas relações interpessoais, familiares e profissionais, transformando a própria vida e das pessoas de seu convívio, as implicações sociais e culturais, conforme explicitado nas falas dos participantes e nas representações dos mapas corporais narrados, respectivamente:

Augusto Cury: “Foi por causa da droga mais forte, a pasta, o crack. Essa é aquela droga que o cara pode ser o que for, que o cara fica destruído. É a mesma coisa que a merla. O cara pode ter o que for que ele fica na lama. Entendeu? [...] Na madrugada aí, o povo tá tudo na escravidão, na mendicância, que nem zumbi à noite, vende tênis, roupa, já vi cara quase nu, até espantei. O cara recebe hoje no pagamento, compra tudo novo e à noite tá só de cueca, vende tudo”.

O participante relata as marcas geradas pelo uso de drogas: “vou colocar na minha cabeça o comprometimento no desenvolvimento mental, é onde eu acho que tenha bloqueado tudo, na minha vida. Escreveu no MCN: “emocionalmente afetado pelo uso de drogas” (Figura 8).

Graciliano Ramos: “[...] onde a droga tá, tem briga e discussão, tem tudo, pra mim, não foi nada agradável. Porque pra mim por mais que a gente tenha laços com sua família,

colocar a bebida no meio atrapalha tudo, o psicológico, seu crescimento, a escola. Aí, você já tá ali e atrapalha tudo. Perdi dois irmãos por causa das drogas” (Figura 4).

Ante o exposto, um estudo realizado pelo MDS (Brasil, 2009) constatou que a dependência química ainda é um dos motivos que leva as pessoas à situação de rua, visto que 35,5% das pessoas relata estar nesse contexto devido ao uso de álcool e/ou outras drogas. Segundo Macerata, Soares e Ramos (2014) e Alles (2010), a população em situação de rua e aquela que faz uso de drogas estão nos grupos de “populações vulneráveis”, por sofrerem exclusões e estigmatização no tecido social. Por isso, muitas pesquisas identificam a intersecção desses grupos por condições atreladas à baixa renda, ao desemprego, à violência no núcleo familiar e de pouco afeto.

Alles (2010) explica que a pobreza, a falta de dinheiro, a desigualdade social, a fragilidade dos laços afetivos e a violência, são motivos que levam às ruas e às drogas. Um dos participantes relatou: “num lembro de nenhum contato assim, que nem você falou, afetivo com nenhum deles...” (Augusto Cury).

Além desses aspectos, é importante refletir sobre as representações sociais das pessoas em situação de rua e usuárias de drogas na constituição das suas identidades, pois os estereótipos, como “vagabundo”, “criminoso”, como alguém que exprime perigo, são comuns. Afirma Macerata, Soares e Ramos (2014, p. 167) que: “O estigma, o estereótipo construído em torno de pessoas que vivem nas ruas e fazem uso de drogas ilícitas é concomitante a uma espécie de julgamento moral sobre seus modos de viver”.

Tal ideia pode ser encontrada na fala do Carlos Drummond: “a sociedade pensa três coisas da pessoa que está em situação de rua, que é cachaceiro, drogado ou ladrão, só coisas ruins. É como se a pessoa tivesse fora da sociedade, me sentia excluído”.

Do ponto de vista do sujeito que se encontra destituído da sua identidade social e que passa a não ser reconhecido como um membro de valor pelos seus semelhantes, é comum que se considere fracassado e impotente.

Bernardo Sayão: “Muita gente que ficou na rua comigo que eu vejo que até hoje não progrediu nada, até hoje tá naquele mesmo estágio, se entrega pra droga, né?”.

“[...] você perde tudo, o caráter, tudo, essa droga eu acho que deveria ser tratada com mais seriedade. O povo tá brincando com isso, não é de se brincar não. Tem muita gente que às vezes não volta a viver, não porque ela não queira, ela até quer, mas essa droga é tão forte, ela mexe com seu sistema nervoso bruscamente, que te deixa como zumbi, porque o que você faz durante o dia é pensando em fumar ela durante a noite, e o que você faz à noite é pensando em como fumar ela de dia... Cara, você se torna escravo dela”. Conforme representado na Figura 10, Bernardo Sayão representa as cicatrizes emocionais e as consequências das drogas com a palavra “vergonha”.

Brognoli (1996, p. 163) relata que é comum em pessoas em situação de rua, além das necessidades de dependência dos sujeitos, o suporte para outras intempéries, bem como “[...] anestesiante das condições duras da vida na rua, o frio, a fome e as lembranças ruins, e, novamente, dos laços interpessoais, sempre flutuantes e que, por sua vez, refletem a dinâmica ciclotímica dos efeitos da bebida”. Sobre o assunto, Varanda (2009) retrata que muitos se refugiam de fato no álcool e outras drogas perante as dificuldades de sobrevivência, funcionando como verdadeiro refúgio. Sobre isso, Bernardo Sayão diz:

“Quem mora na rua, quem tá em situação de rua, se não beber, não tem coragem de dormir de noite. A droga é consequência do álcool, né? É tipo uma reação. Eu passei por isso, eu não li, eu passei por isso, eu sei que eu tô falando porque eu vivi nessa realidade durante um ano”.

Tianguá fala: “Eu sempre bebi álcool. Pra mim, eu acho que é a pior droga que tem. O álcool acaba com a pessoa”.

Os depoimentos apresentados asseguram que os participantes possuem consciência de que são afetados por um estigma social, que os afasta da socialização, e que para qualquer mudança de paradigma é necessário que sejam vistos, independente do “estado de moradia”, “de carteira assinada”, da dependência química, são detentores de identidade e pertencem à sociedade.

Ao transpor as narrativas aqui da rua, a proposta é a criação de espaços para que seus anseios e vociferações “engasgadas” da ingênua representação de coitados, drogados, sujos, vagabundos e desqualificados sejam redimensionados, repensados e ressignificados.

9.3 Estruturas de Suporte:

9.3.1 Espiritualidade, Religiosidade, Religião e Fé

Este tema versa sobre a espiritualidade e suas influências na subjetivação de pessoas participantes deste estudo, na perspectiva de que há uma ligação do ser humano com algo transcendente, em narrativas sobre busca de um sentido da existência. Há, portanto, uma inquietação com relação à vida que invade o ser humano e pergunta: por que existir? Nesse sentido, é a partir desse desejo que o homem pode se conceber como um ser espiritual. O termo espiritual aqui não se dirige à religiosidade, e sim à unicidade na busca de sentido.

Sob esse ponto de vista, é necessário fazer uma breve distinção sobre a espiritualidade, religiosidade, religião e fé.

Giovanetti (2005) distingue o termo religiosidade e espiritualidade. De acordo com o autor, a definição de religiosidade refere-se a uma relação do ser humano com um ser superior, diferente da espiritualidade que não necessariamente se refere a essa ligação.

A religiosidade pode ser compreendida como um caminho; uma via de acesso, dentre outras possíveis, para se chegar à espiritualidade. Destaca-se que a religiosidade tem se constituído como a forma mais aceita de se avivar a espiritualidade. Contudo, espiritualidade se refere a algo mais abrangente do que a religiosidade. Como característica comum, tanto uma como outra buscam a afirmação do sentido. O que as distingue são as duas vivências, pois na espiritualidade é possível se construir o sentido por meio da reflexão, sem a ligação com um ser superior; na religiosidade, o caminho de construção de sentido parte de uma ligação com uma entidade superior, na vivência de uma crença. Toda religiosidade apontará como meta final o encontro com o transcendente, com Deus (Giovanetti, 2005).

Espiritualidade consiste na capacidade do ser humano de refletir sobre sua própria existência, podendo conter aspectos filosóficos, morais e éticos, que não se enquadrariam necessariamente em uma denominação religiosa e sim ao transcendente (Rodrigues, 2018).

Já o termo “religião” originou-se da palavra latina *religio*, cujo sentido relacionava-se a um conjunto de regras, advertências e interdições, sem fazer referência a divindades, rituais e mitos. Portanto, esse conceito foi construído histórica e culturalmente no Ocidente, adquirindo um sentido ligado à tradição cristã (Silva, 2004). No mesmo caminho, Amatuzzi (1999) afirma que as religiões se constituem como sistemas de crenças e ritos sociais que asseguram os fenômenos religiosos construídos (Guimarães, 2010).

Por fim, o conceito de fé pode ser compreendido como o que dá sentido à vida de uma pessoa, sendo sua confiança básica simplesmente a forma de sua energia de viver e isso nem sempre corresponde a alguma religião (Amatuzzi, 1999).

Nos mapas corporais narrados, cinco dos participantes fizeram referência a Jesus ou a Deus, conforme as Figuras 2, 4, 6, 8, 10 e 12. De acordo com as narrativas, a maioria se reconheceu como religioso, ou seja, acredita em um ser superior. Entre os entrevistados, apenas Tianguá tem uma perspectiva distinta da religiosidade, aproximando-se mais da espiritualidade, característica advinda da tradição cristã no Ocidente (Alves, 2009).

As afirmações dos entrevistados procuraram ressaltar o aspecto da dimensão espiritual como algo singular em sua história de vida. A religiosidade aparece como um caminho dentro dessa dimensão maior que é a procura de sentido, desenvolvido em cada pessoa, independente das orientações religiosas.

Contudo, é válido lembrar que as religiões possuem uma doutrina, com orientações e normas que os fiéis devem seguir, sem questionamento, para ter acesso a Deus e se livrar do pecado, e até mesmo de uma “desgraça”. Os princípios religiosos apontam um caminho previamente determinado de acesso à divindade; caso não seja cumprido, há retaliações divinas.

Sobre o assunto, Carlos Drummond compartilha sua vivência na Igreja Testemunhas de Jeová e conta que aprendeu muito sobre a doutrina, mas, com o tempo, discordava de alguns princípios, como a proibição da transfusão de sangue:

“O estudo é muito profundo mas... se precisar de transfusão de sangue, não pode, tem que deixar seu familiar morrer”. Atualmente prefere cultivar sua fé sozinho: “Tudo é Deus, sem Deus não tem como. A fé em Deus me ajuda”.

A respeito dos desvirtuamentos do sentido da religião, Magalhães e Brandão (2012) pontuam que a manipulação da igreja, a criação do inferno constitui um recurso aos interesses sistematizadores da Igreja de tornar essas representações ainda mais fortes para o uso

despótico da instituição, numa verdadeira pedagogia do medo. Sob a mesma perspectiva, relata Bernardo Sayão:

“Não, eu sou batizado na igreja católica, mas não acredito em padre, em pastor, não frequento igreja, só acredito em Deus. Se tem alguém que construiu tudo isso é porque é um ser melhor. Tenho minhas dúvidas sobre a Bíblia, porque tudo que vem da mão do homem, não sei, só acredito no ser superior. Por exemplo, não existe inferno, quem inventou isso foi a igreja, construiu isso pra manter um plano astral que você não pode, porque quem decide isso é você. Eu confio em Deus e em mim... cada um descobre a força do seu jeito, uns na fé, outros na família, nos amigos”.

Conforme explicitado, cada religião possuirá aspectos que lhe são inerentes e que podem representar algo que a pessoa sente ou deseja encontrar, como também o oposto. Então, cabe ao sujeito a escolha da presença ou não de sentido. Como explica Frankl (2007), a dimensão espiritual no humano diante da sua condição de liberdade é a possibilidade de se posicionar no momento em que a existência coloca algo à sua frente. Para o autor, a dimensão espiritual se resume então em ser livre e ser consciente na responsabilidade das escolhas.

Diante dessa questão, Tianguá menciona que teve contato com várias religiões e, por influência da orientação religiosa do pai, escolheu a cidade eclética, entretanto cultiva atualmente a espiritualidade, se desprendendo das instituições religiosas.

Tianguá: “Eu já busco a natureza há muitos anos (figura 12), porque meu pai me levou pra vários locais. Eu fui pra Igreja Católica, pra Evangélica, pra Cidade Eclética. Aí eu fiz uma escolha. Por meu pai fiz a escolha que foi a Cidade Eclética, do mestre Yokanam. Ele era muito ligado nessa Cidade Eclética”. Acrescenta:

“[...] acreditar em um poder superior, que é maior que você, que pode te devolver uma maior sanidade, uns falam Deus, outros Alá, outros Buda, um poder superior porque ajuda a devolver a sanidade”.

Analisar a religião, a religiosidade, a espiritualidade a partir dos construtos teóricos juntamente com os mapas corporais e as narrativas buscou a compreensão do sentido para a pessoa em situação de rua e as ressonâncias do mesmo em suas vivências, sendo uma via de subjetivação dessas pessoas.

Dentre os elementos expressos pelos participantes, todos revelaram uma ligação com Deus como um ser “transcendente”. As representações consistiram em ideias de esperança, misericórdia, proteção, alguém que estaria sempre cuidando, proporcionando conforto diante das dificuldades.

9.3.2 Pentecostalismo em grupos vulnerabilizados

Após a explanação da importância da espiritualidade como estrutura de suporte para muitas pessoas, este tópico propõe abordar a história do pentecostalismo, denominado movimento de Renovação Cristã, presente na cultura religiosa do país para compreensão da sua presença como rede de apoio. Atualmente, tais igrejas encontram-se nas periferias brasileiras, em grupos vulnerabilizados, que desejam se integrar, material e moralmente, à vida social sob a lógica do capital, com objetivo ao êxito individual no mundo econômico.

Na perspectiva sócio-histórica do pentecostalismo no Brasil, os colonizadores portugueses tentaram estabelecer desde o início um controle religioso com o intuito de impedir a entrada de estrangeiros que não professassem a fé católica, com intuito de coibir práticas religiosas definidas como “heréticas” (Freire, 1981).

Portanto, a hegemonia católica impediu em diversos momentos na história que o protestantismo adentrasse no território brasileiro, por interesses religiosos, econômicos, assim como de soberania territorial, que significaria um caminho para uma expansão política. Assim, romper com a exclusividade católica, considerada como a “única” igreja verdadeira, seria um grande desafio, pois caracterizaria “subversão” aos dogmas impostos (Bourdier, 1996).

É importante contextualizar o movimento pentecostal, mesmo que resumidamente, para compreender como esta estrutura religiosa começou a fazer parte no cotidiano das pessoas. O pentecostalismo pode ser dividido em três fases. A primeira, entre 1910 a 1950, como pentecostalismo clássico, compreendendo a implantação no país, com a fundação da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus, até sua difusão por todo território nacional, ganhando grande popularidade. Ambas consolidaram a valorização da experiência transcendental, resultante do trabalho do pastor e líder da igreja de William J. Seymour (1870), na missão da Fé Apostólica iniciado na Rua Azuza em Los Angeles, divergindo das orientações teológicas vigentes à época (Jacobsen, 2003).

A segunda fase, a partir de 1950, quando missionários norte-americanos evangelistas e pastores americanos (Mendonça & Velasques, 2005), que representando uma fé expansionista, estabeleciam uma mudança no eixo de valores no campo religioso protestante com a evangelização das massas. Sendo assim, o movimento pentecostal se expande, criando as seguintes igrejas: O Brasil para Cristo, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Casa da Bênção, Igreja Unida, dentre outras.

A terceira fase, a neopentecostal, é marcada em meados da década de 1970 na qual se destacam algumas Igrejas, como a: Universal do Reino de Deus (Rio de Janeiro, 1977), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Brasília, 1992) e a Renascer em Cristo (São Paulo, 1986). Os princípios utilizados fundamentam-se na Teologia da Prosperidade, na premissa de

que com a fé é possível combater as forças espirituais do mal, capaz de aliviar aflições do corpo e da mente. Propõe também maior sucesso profissional e financeiro, prestígio, e principalmente na expulsão do demônio de suas vidas. O neopentecostalismo constitui a vertente mais influente e em ascensão, pois propaga insistência no sucesso intramundano mediante a emulação espiritual, como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos (Mariano, 2005).

Segundo Diana Nogueira (2008), a maioria dos fiéis está à margem da sociedade, considerados pobres e/ou precariamente escolarizados, privado de condições básicas de cidadania e condições econômicas e sociais de profunda instabilidade e ausência estatal. Portanto, o neopentecostalismo é visto como um mecanismo alternativo de ascensão social, prestígio e acesso à sociedade de consumo, ou seja, uma possibilidade de uma vida melhor.

Ao transpassar a história teológica, é interessante compreender a maioria dos participantes, exceto Bernardo Sayão e Tianguá, frequentam igrejas neopentecostais, porque em períodos de maior dificuldade foi o local em que os acolheu. Ressaltaram que vida sem Deus é vazia, sem prosperidade. Em tais instituições baseiam-se na receptividade, na liberalidade quanto a estereótipos. Trechos a seguir demonstram a relevância das práticas religiosas.

Carlos Drummond: [...] Cristo primeiro lugar”.

Graciliano Ramos: “[...] fiquei na reabilitação na Vinde Vida [...] no Espírito Santo de Deus e fiz minhas preces e foi uma passagem [...] Ai até hoje eu hoje ponho na mão de Deus. Muita gente me ajudou, não passei fome, frio, só tava na situação de rua mesmo [...] Eu vejo que cada dia Deus me dá mais força, coragem também”.

Belmonte: “[...] coloco Jesus ao lado da mãe Eza”. Representa a fé como estrutura de suporte.

Augusto Cury: “Meu suporte, apesar de tudo é a fé, não tem jeito, é acreditar em Deus”.

Nota-se que as religiões pentecostais valorizam a dimensão a cultura popular, a ânsia por Deus e a esperança, usam uma linguagem calorosa e empática a todos, propondo uma experiência em íntima espiritual, detentoras de propostas salvacionistas e mistificadoras, na qual todos podem se sentir sujeitos e protagonistas.

Portanto, o neopentecostalismo se destaca em grupos marginalizados, que são fragilmente articulados com as políticas públicas, por parte das populações subalternizadas, escasso acesso a direitos, dessa forma as igrejas possibilitam o preenchimento dos espaços vazios deixados pela baixa intervenção protetora do Estado. Essa parcela significativa da população brasileira, que se encontra na maior parte das vezes em condições estruturais de exclusão, procura nesta ideologia maneiras de reversão da miséria em que vivem.

9.3.3 Alcoólicos Anônimos - AA e Narcóticos Anônimos – NA

Em consonância a espiritualidade e a religiosidade como estruturas de suporte, o AA e o NA também compartilham na história de movimentos de temperança, e a teologia da prosperidade no início do século XX. Sabe-se que este foi um período marcado pelas consequências da Primeira Revolução Industrial que provocou um crescimento vertiginoso segregacionista, disseminando entre os trabalhadores o alcoolismo (Hobsbawm, 1994). Desde então, diversos grupos surgiram na Europa e Estados Unidos para tratar a sociedade da embriaguez e do ópio.

Tais grupos, se articularam como partidos e negociações políticas na área médica, e de saúde, ganhando força em defesa do discurso sobre os malefícios do consumo de drogas e o álcool (MacRae, 2001). Em 1919, com a aprovação da “Lei Seca”, mesmo sendo alvo de críticas, por tratar o alcoolismo como contravenção penal, fez com que posteriormente o AA se relacionassem com o sistema prisional norte-americano, bem como o sistema público de saúde, pois naquela época, a internação era um meio de intervenção adotado pelos médicos. Portanto, o AA ofereciam serviços de recuperação a detentos e pacientes hospitalizados, vinculadas a entidades de cunho religioso na formulação de Estado ampliado, ou não (Gramsci, 1968).

Os princípios norteadores da “irmandade”, como os Alcoólicos Anônimos tiveram influência no protestantismo dos Grupos de Oxford¹⁷, o que posteriormente foi determinante

¹⁷ Frank Buchman (1878-1961), pastor protestante da Filadélfia passou por uma experiência espiritual, em 1916, na cidade de Keswick, na Inglaterra, que transformou sua vida. Ao divergir sobre a história de Jesus, adotou padrões de amor, honestidade, desprendimento absoluto e altruísmo fundando um grupo religioso composto por estudantes na Universidade de Oxford, chamado “Grupo Oxford”. Em vinte anos, o movimento religioso se expandiu a Escócia, Holanda, Suíça, Estados Unidos, África do Sul, Índia, China e América do Sul (Burns, 1995).

ao programa de recuperação dos doze passos¹⁸. Seguem os princípios basilares para abstinência enquanto meta:

“Os cinco procedimentos desse grupo baseiam-se em: 1. Entrega a Deus; 2. Ouvir a orientação de Deus; 3. Compartilhar essa orientação com outros membros; 4. Fazer reparação para as pessoas que tem prejudicado; 5. Depois de um exame cuidadoso, como testemunho de sua mudança ou como um método para livrar-se da culpa” (Burns, 1995, p.33).

A ideia central fundamenta-se na transformação da vida das pessoas, na consciência da impotência perante o álcool, na confissão sigilosa, e na crença em que Deus o ajudará a praticar tais preceitos. Destaca-se também que a função dos grupos dos AA consiste em transmitir sua mensagem em qualquer lugar (Cardoso, 2006).

Por outro lado, a história dos Narcóticos Anônimos tem origens enigmáticas, pela inexistência de catalogação do início da organização. Entretanto, as informações principais são de conhecimento público. A primeira reunião de NA ocorreu em 1947, na cidade de Lexington, Kentucky, como parte de um programa de saúde pública do governo federal. Mas, a experiência fracassou sem registros. Uma das dificuldades enfrentadas constata-se em que as reuniões eram confidenciais, e nestes moldes o movimento enfraquecia (Cardoso, 2006).

¹⁸ Os doze passos: 1) Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas. 2) Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade. 3) Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus, na forma em que o concebíamos. 4) Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos. 5) Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas. 6) Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter. 7) Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições. 8) Fizemos uma relação de todas as pessoas a quem tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados. 9) Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-las significasse prejudicá-las ou a outrem. 10) Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente. 11) Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que o concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós, e forças para realizar essa vontade. 12) Segundo Passo Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes Passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades (Burns, 1995).

Por conseguinte, os adictos diante das incertezas do NA procuravam as reuniões dos Alcoólicos Anônimos, cuja identidade coletiva era fortemente estabelecida. No entanto, a participação desses membros prejudicou sua atmosfera, e os dirigentes tiveram que criar estratégias de cooperação para o desenvolvimento da Irmandade de Narcóticos Anônimos segundo informações no Quadro de Custódios do Serviços Mundial, Boletim nº13 (1996).

O movimento realizou articulações com a segurança pública, para evitar a repressão policial, e adaptou os passos e as tradições do AA, para posteriormente se expandir. O programa na maioria dos locais se incorporou a grupos de tratamento a drogadição, como “Drogas Anônimas” na Irlanda e “Adictos a Drogas Anônimos”, no Peru, dentre outros grupos na América do Sul e na Europa. É relevante pontuar que o NA se tornou uma entidade de sucesso na recuperação de drogadictos em todo o mundo.

O conceito de “adicção” formulado pelo NA compreendem que é uma doença, e que ao invés de se concentrar em apenas “deixar de usar”, abrangem outros aspectos de vida que foram comprometidos pela “adicção ativa”. Os grupos promovem regulamente reuniões fechadas, com o objetivo de garantir um ambiente seguro e acolhedor para que os participantes possam escutar e partilhar as experiências de recuperação.

Verifica-se que ambos os movimentos se fundamentam no vínculo comum que une seus membros, a recuperação do alcoolismo e/ou das drogas. As irmandades se fortalecem no compartilhamento de experiência no desafio da abstinência. Acrescenta-se ainda que as orientações também perpassam a teologia da prosperidade, ou seja, o processo de transformação pessoal está atrelado a Deus e a fé.

Segue a fala de um dos participantes que recorre ao NA como apoio a dependência química, e ressalta os benefícios e a confiança na proposta do grupo:

Augusto Cury: [...] “Era pra eu tá limpo há 8 anos, não é assim tão fácil, mas repito pra mim só por hoje. Eles recomendam dentro da sala 90 dias [...] Então, tenho que ir todo dia

pra seguir os passos. Meu suporte são 2: **A minha fé em Deus e o Programa de Narcóticos Anônimos**".

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo texto poético é nesse sentido, performativo, na medida em que ai ouvimos, e não de maneira metafórica, aquilo que ele nos diz. Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ela está lá. Não se acrescenta, ela está. É a partir daí, graças a ela que esclarecido ou instalado por qualquer reflexo semântico do texto, aproprio-me dele, interpretando-o ao meu modo: é a partir dela que, este texto, eu reconstruo, como o meu lugar de um dia (Zumthor, 2007, p.54).

As histórias falam de si mesmo, das identidades das pessoas, retratando experiências em situações particulares, sendo uma ferramenta de resignificação acerca da vida. De acordo essa ideia, essa pesquisa consistiu em conhecer a trajetória do sujeito em situação de rua com o auxílio da fala, e nas inscrições no próprio corpo, proporcionando estratégias valiosas na análise de dados. O processo consistiu no aprofundamento das histórias e na reesginificação dos fenômenos.

As narrativas permitiram compreender melhor a heterogeneidade desse grupo, os motivos e as diferentes maneiras de como se relacionam com a rua. No desenvolvimento do manuscrito, a rua foi definida muitas vezes a partir da pobreza, do uso de drogas, fragilização dos vínculos familiares e pela ausência de moradia convencional. Entretanto, além desses aspectos, destacou-se a exclusão como um processo de ruptura com a identidade social.

Nesse sentido, os sujeitos são comumente invalidados, destituídos de representatividade social. Nos depoimentos observou-se que a maior fragilidade dessas pessoas está na fragilização das relações, no afastamento social, na fragmentação da identidade coletiva, ou seja, no processo de desinserção social.

As reflexões apresentadas no decorrer do texto abordaram a importância na **desconstrução** de estereótipos e preconceitos relacionados da rua e de quem mora nela. Discutiu-se sobre a “coisificação” e “tipificação” nas relações, ou seja, considerar que a pessoa tem um tipo é um equívoco, pois ignora a sua identidade e a alteridade. Portanto, tentar classificar esta população é simplesmente não reconhecê-la como sujeito.

Explicitadas as dinâmicas da rua, a proposição aqui discutida é semelhante ao conceito de desqualificação proposta por Paugam (1993) ao problematizar a pobreza, e os processos de exclusão no mercado de trabalho. Relaciona às condições de vida degradadas, correspondendo ao processo de desvalorização, o que marca profundamente a identidade social.

No decorrer do estudo, percebeu-se que narrar significa atribuir sentido a vida, obter uma justificativa da existência, inclusive a espiritualidade e religiosidade foram destacadas como norteadores nesse processo, perante os sofrimentos humanos. Sob esse viés, citados como rede de apoio, os discursos transpassaram principalmente por novas práticas religiosas, o pentecostalismo e posteriormente o neopentecostalismo, pois se aproximavam mais do cotidiano das pessoas, comparando as igrejas ortodoxas. A identificação dos adeptos a tais doutrinas, provavelmente está atrelada ao processo de “encantamento” dos dirigentes para uma vida melhor, assim como a ascensão no sistema capitalista.

Portanto, a respeito ainda das estruturas de suporte, a incessante busca na compreensão da existência, a práxis dos movimentos sociais, como os propostos pelas organizações não governamentais, AA e NA mostraram-se fundamentais na ausência do Estado, ou por outro lado, agregando em suas intervenções em grupos marginalizados.

Assim, acompanhada da reflexão nas narrativas, avalia-se os benefícios da disseminação de espaços de fala e participação social, ou seja, redes de apoio às pessoas vulnerabilizadas como aspectos fundamentais para compreender a realidade “nua e crua” de vidas precárias.

Nessa perspectiva, ao trabalhar com sujeitos excluídos da ordem do capital, o objetivo principal seria proporcionar a expressão de sentimentos, pensamentos pessoais, e a reflexão dos problemas sociais por meio de uma metodologia criativa, além da oralidade, abordando a complexidade e a subjetividade das experiências individuais e sociais da realidade do sujeito.

Sob o prisma do pesquisador, diante da dor dos entrevistados ao rememorar a própria história, se depara com um grande desafio, pois os relatos o afetam drasticamente. Não é fácil acessar as recordações de vida e menosprezá-las, na verdade é uma tarefa praticamente impossível conhecer o mundo do outro e não reverberar em si próprio. Por isso, a história de vida é considerada um instrumento valioso, já que se coloca no ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e aquilo que ele traz dentro de si (Paulilo, 1999).

Em relação ao referencial teórico e o paralelo com a perspectiva psicanalítica, os indivíduos em contexto de rua demonstram que além dos conflitos inconscientes inerentes a qualquer ser humano, estão expostos ao limite da angústia, inquietude e mal-estar. Trata-se sobre o fato de não pertencer em si mesmo, a lugar a algum, há grupo nenhum. Em referência a esses sentimentos, Freud se esmera em traduzir tal sofrimento pelo termo *unheimlich* (estrangeiro, hora ou lugar estranho, inquietante, desconfortável, sombrio, obscuro, assombrado, repulsivo, sinistro, suspeito, lúgubre, demoníaco), relacionado no corpo trabalho.

Portanto, como nas obras de Freud, a literatura de Kafka interpela grandes elucubrações. Segundo Sérgio Kokis (2007), é “uma participação que não é convite, mas

exigência, pois a arte dialoga com o homem, não se dando gratuitamente, a simbolizar uma realidade que é o esforço humano”. É uma leitura engajada nas facetas da vida cotidiana e fazê-lo proporciona o despertar do pensamento e a reflexão do leitor, e, ainda, um diálogo, realizando o desejo expresso por Kafka de que o texto literário “quebre o mar congelado em nós” (Kafka, 2009, p. 18).

Nesse contexto, o autor transcreve um paralelo interessante a realidade contemporânea, utilizando personagens irrealistas objetiva destacar a trivialidade do absurdo, como uma inversão, em que mostra aquilo que causa espanto desprovido de todo terror, cujo objetivo é justamente revelar como aquilo assusta. O homem em Kafka é imerso em uma sociedade burocrática e totalitarista (Silva, 2018). Sendo assim, a proposta é que o leitor saia da submissão e da passividade do sistema, e que as tramas libertem ideias, uma postura crítica e reflexiva perante os fatos.

Dessa forma, a literatura Kafkiana foi escolhida para dialogar com as narrativas dos **personagens reais** dessa pesquisa, porque se assemelham ao sofrimento de Gregor ao se sentir oprimido, desesperançoso diante da vida, praticamente “expurgado” da família, como segue o trecho do diálogo entre pai e filha que antecede a sua morte em *A Metamorfose*:

Não quero dar o nome de meu irmão ao monstro que está aqui. Portanto, pura e simplesmente, direi que precisamos encontrar um modo de ficarmos livre dele. Já fizemos tudo quanto é humanamente possível para cuidar dele e enfrentar a situação. (...) É preciso ficarmos livres deste trambolho! - exclamou a irmã. – É a única saída para o caso, papai. O senhor precisa tirar da cabeça a idéia de que esta coisa aí é o seu filho. (...) Por que cargas d’água este bicho pode ser Gregor? Se fosse ele, já há muito tempo teria compreendido que não podia viver em comunhão com seres humanos e teria ido embora voluntariamente. (Kafka, 2009, p. 92-93).

Kafka revela o quão assombroso o processo de desumanização pode alcançar. Dessa forma, não é um retrato de uma simples transformação física, e além de ser uma crise que assola a família de Gregor Samsa, representa de alguma maneira a tragédia humana, pois o enredo traz questões morais, éticas e principalmente, uma metáfora de um estado do ser.

A obra Kafkiana reconhece os infortúnios da humanidade e desperta no leitor uma reflexão, uma atitude, por meio das tramas inigualáveis. O autor acreditava que era possível vencer a opressão e a injustiça por meio da participação social. Cada um fazendo a sua parte possibilitaria o surgimento de uma sociedade consciente de seus valores humanos e menos sujeita a opressão. A responsabilidade social implica em novas estratégias de políticas públicas, isto é, uma abordagem interdisciplinar na constituição de um sistema de cuidado.

Ao finalizar essa dissertação espera-se ter contribuído a respeito do tema, bem como salientar novas formas de compreender a rua e suas representações, além da inábil associação com as drogas. Concluir o estudo é tão difícil como introduzi-lo, porque no campo da subjetividade das narrativas, a história de vida nunca se encerra, por isso instigar os benefícios das técnicas criativas, como o MCN é fundamental para comunidade científica, além da criação de outros espaços emancipatórios. No entanto, por ser um método inovador e em construção é fundamental novas investigações, inclusive utilizando outras estratégias na análise dos dados, para que não se restrinja apenas a AT.

Por fim, considerando que toda pesquisa tem seu limite, e que apreende certo dado em determinado momento histórico, não é possível absorver todo o conjunto de relações presentes em todo o contexto. Frente a tudo isso, realizar esta pesquisa constituiu-se como um verdadeiro encontro levando ao conhecimento e ao aprofundamento das subjetividades das pessoas em situação de rua. Talvez a principal contribuição foi mostrar a realidade subjetiva da rua e quem mora nela.

11. REFERÊNCIAS

- Abbott, A. (1999). *Departamento e Disciplina: Sociologia de Chicago, Cem*. Chicago: University of Chicago Press.
- ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (2014). Critério de Classificação Econômica Brasil: alteração na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/01/2012. Recuperado de <http://www.abep.org/new/codigosConduas.aspx>
- Adorno, T. (1998). *Anotações sobre Kafka in prismas*. São Paulo: Ática.
- Alcoólicos Anônimos. (1991). *Os Doze Passos*. Centro de Distribuição de Literatura AA para o Brasil. São Paulo (originalmente publicado em 1939).
- American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)*. Arlington, VA: American Psychiatric Association.
- Anete, I. B. L. (2008). Georg Simmel e a "sociologia da pobreza". *Caderno CRH*, 21 (52), 171-180. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000100013>
- Ales, L. N. (2010). *Boca de Rua: representações sociais sobre população de rua em um jornal comunitário* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10183/23018>
- Alves, R. (2009). *O que é religião?* (10a ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Amatuzzi, M. M. (1999). Desenvolvimento Psicológico e desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. In M. Massimi, & M. Mahfoud (org.), *Diante do mistério, psicologia e senso religioso* (pp. 123-140). São Paulo: Loyola.
- Anders, G. K. (1969). *Pró & Contra, os Autos do Processo*. São Paulo: Perspectiva.
- Andrade, M. C., & Dias, J. F. (2013 [1928]). *Criminologia: o homem delinquente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora.

- Barbosa, M. A. S., Silva, M. R. da, & Nunes, M. S. C. Pesquisa qualitativa no campo Estudos Organizacionais: explorando a Análise Temática. In Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração, 41, 2017, São Paulo. *Anais eletrônicos*. São Paulo: AnPAD, 2017.
- Barbier, R. (1985). *A Pesquisa-Ação na Instituição Educativa*. Tradução de Estela dos Santos Abreu com colaboração de Maria Wanda Maul de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bastos, F. I. P. M. et al. (org.) (2017). *III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ICICT.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, H. (1996). A escola de Chicago. *Mana*, 2(2), 177-188. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200008>
- Becker (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benjamin, W. (1985): *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense.
- Bertaux, D. (1980). *Écrire La sociologie*. London: Information sur lês Sciences Sociales Internationales.
- Bourdier, P. (1996). *Economia das trocas simbólicas*. Rio de Janeiro: Perspectiva.
- Boyatzis, R. (1998). *Transforming qualitative information: Thematic analysis and code development*. Los Angeles, CA: Sage.
- Braun, V., & Clark, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research*, 3(2), 77-101.
- Brasil. (1993). *Lei Orgânica de Assistência Social*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Brasil. (1993). *Lei nº 8.742*. Aprovada no Congresso Nacional. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF.

- Brasil. (2003). *A assistência na trajetória das políticas sociais brasileiras: uma questão em análise*. (7a ed.). São Paulo: Cortez.
- Brasil. (2004). *Política Nacional de Assistência Social (PNAS)*. Aprovada pelo Conselho.
- Brasil. (2005). *Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social (NOB/SUAS)*. Aprovada pelo Conselho Nacional de Assistência Social. Resolução n. 130, de 15/07/2005. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Brasil. (2005/2010). Portarias GM/MDS nº 246, de 20 de maio de 2005, nº 350, de 3 de outubro de 2007 e nº 256, de 19 de março de 2010. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Brasil. (2008). Política Nacional para inclusão social da População em situação de rua. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/763/9/8-%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20em%20Situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Rua-Carlos%20Ricardo%20-%20202.pdf>. Acesso em: 20 set. 2011.
- Brasil. (2009). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Rua: Aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua*. Brasília, DF.
- Brasil. (2009). *Decreto Nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009*. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Brasil. (2011). *Lei nº 12.435*, aprovada no Congresso Nacional. Altera a *Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993*, que dispõe sobre a organização da Assistência Social. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Brasil. (2011). *Lei Nº 4.601, de 14 de julho de 2011*. Institui o Plano pela Superação da Extrema Pobreza no Distrito Federal – “DF sem Miséria” e dá outras providências. Diário Oficial do DF. Brasília, DF.

- Brasil. (2011). *Perguntas e Respostas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Suas e População em Situação de Rua* (Vol. 2). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília: MDS.
- Brasil. (2012). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, DF.
- Brasil. (2014). *Portaria nº 39, de 07 de julho de 2014*. Estabelece critérios e procedimentos que devem ser adotados para a concessão dos benefícios eventuais. Diário Oficial do DF
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. Recuperado de: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2017). *Evaluating and reviewing TA research: A checklist for editors and reviewers*. Auckland: The University of Auckland.
- Bronzo, C. (2009). *Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, UNESCO.
- Butler, J. (2016). *Quadros de Guerra: quando a vida é possível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Burns, J. E. (1995). *O caminho dos dozes passos: o tratamento de dependência de álcool e outras drogas*. São Paulo, Loyola.
- Campedelli, S. Y. *José J. Veiga*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- Cardoso, R. M. M. (2006). *Só por hoje: um estudo sobre Narcóticos Anônimos, estigma social e sociedade contemporânea*. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

- Carvalho, J. C. B. de, & Costa, L. F. (2015). História de vida: aspectos teóricos da Psicossociologia clínica. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 23(2), 24-31. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.20150004>
- Castel, R. (1994) Da indignação à exclusão, à desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In A. Lancetti. (org.) *Saúde Loucura 4* (pp. 21-48). São Paulo: Hucitec.
- Chamberlin, J. E. (2004). *If this is your land, where are your stories? Finding common ground*. Toronto: Vintage Canadá.
- Coloun. A. (1995). *A escola de Chicago*. Campinas: Papirus.
- Costa, N. B. (2000). Contribuições do marxismo para uma teoria crítica da linguagem. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 16(1), 27-54. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502000000100002>
- Csikszentmihalyi, M. (1990). *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. New York: Harper & Row.
- Debieux, M. R (2018). Modalidades atuais de pesquisa em Psicanálise, Política e Cultura. *Entre o Eu e o Outro. Espaços Fronteiriços*. Curitiba: Juruá.
- Decreto nº 35.191, de fevereiro de 2014, e conforme a Resolução CAS-DF nº 64 de 27 de dezembro de 2012.
- Decreto nº 7053/2009, 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências.
- Delory-Momberger, C. (set.-dez. 2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, 17(51), 523-536.
- Denzim, N.K. (1970) *The Research Act in Sociology*. London: Butterworth.

- Denzim, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed.
- Di Flora, M. C. (1987). *Mendigos: por que surgem, por onde circulam, como são tratados?* Petrópolis: Vozes.
- Dunker, C. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo.
- Durkheim, E. (1983). As Regras do Método Sociológico. In E. Durkheim, E. *Os pensadores*. (M. G. Esteves, Trad.). São Paulo: Abril Cultural.
- Durkheim, E. (2002). *As regras do método sociológico*. (17a ed.). (M. I. P. de Queiroz, Trad.). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Durkheim, E. (2008). *Da divisão de trabalho social*. (3a ed.). (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Enriquez, E. (1999). Perda do trabalho, perda da identidade. In M. R. Nabuco, & N. A. Carvalho (Org.). *Relações de trabalho contemporâneas* (pp. 69-83). Belo Horizonte: IRT (Instituto de Relações do Trabalho) da PUC/MG.
- Escorel, S. (1999). *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Eufrásio, M. (1995). A formação sociológica da Escola de Chicago. *Revista Plural - Sociologia USP*, 2, 37-60.
- Fernandes, M. E. (jan.-jun. 2010). História de vida: dos desafios de sua utilização. *Revista Hospitalidade*, VII(1), 15-31.
- Ferraroti, F. (1983). *Histoire et Histoire de vie*. Paris: Librairies des Méridiens.
- Frankl, V. E. (2007). *A presença ignorada de Deus* (10a ed.). (W. O. Schlupp, & H. H. Reinhold, Trad.). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Freire, G. (1981). *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*.

- Freud, S. (1919-2019). O infamiliar [*Das Unheimliche*] – Edição comemorativa bilíngue. São Paulo: Editora Autêntica.
- Freud, S. (1919/1996). O estranho. In *Obras Completas* (Vol. X). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Freud, S. (1930). *O Mal-estar na Cultura*. (Renato Zwick, Trad). Porto Alegre: L&PM, 2011.
- Garcia, C. A. (2010). Trauma e narcisismo negativo: questões para a clínica contemporânea. In M. R. Cardoso, & C. A. Garcia. *Entre o eu e o outro. Espaços fronteiros*. Curitiba: Juruá.
- Gastaldo, D., Carrasco, C., Magalhães, L., & Davy, C. (2012). *Body-map storytelling as research: methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping*. Toronto: Livro Digital. Recuperado de: http://www.migrationhealth.ca/sites/default/files/Bodymap_storytelling_as_research_HQ.pdf
- Gaulejac, V. (1983). Irréductible social et irréductible psychique, *Bulletin de psychologie*, Paris, v. 360, n. 26.
- Gaulejac, V. (1987). *La névrose de classe*. Paris: Hommes et Groupes.
- Gaulejac, V. de (2001). Psicossociologia e sociologia clínica. In J. N. G. De Araújo, & T. C. O. Carreiro (Eds.). *Cenários Sociais e Abordagem Clínica* (pp. 35-47). São Paulo: Escuta/Belo Horizonte: FUMEC.
- Gaulejac, V. de. (2009). O sujeito face à sua história: a démarche “Romance Familiar e Trajetória Social”. In N. M. Takeuti, & C. Niewiadomski (Eds.). *Reinvenções do sujeito social. Teorias e práticas biográficas* (pp. 61-73). Porto Alegre: Sulina.
- Gaulejac, V. (2012). "Aux sources de la sociologie clinique". In: Gaulejac, V. de; Hanique, F.; Roche, P. (orgs.). *La sociologie clinique: enjeux théoriques et méthodologiques*. Toulouse: Éditions Érès, p. 33-67.

- Gaulejac, V., & Taboada-Léonetti. (1994). I. *La lutte des places*. Marseille/Paris: Hommes et Perspectives/Desclée de Brower.
- Giovanetti, J. P. (2005). Psicologia existencial e espiritualidade. In M. M. AmatuZZi (org.). *Psicologia e Espiritualidade* (cap. 7, pp. 129-145). Campinas: Paulus.
- Goldenberg, M. (1998/2000). A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais 3ª edição. Rio de Janeiro: Record.
- Guimarães, A. G. C. (2010). *A religiosidade de moradores de rua da cidade de Belo Horizonte: uma via de subjetivação* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Gabler, J. (2015). Sociologia para Leigos. 1ª edição. Tradução. Estado
- Gaulejac, V., Marquez, S. R. & Ruiz, E. T. (2005). *Historia de Vida: Psicoanálisis y Sociología Clínica*. México: Universidad Autónoma de Querétaro.
- Guareschi, P., & Roso, A. (2014). *Teoria das representações sociais: Sua história e seu potencial crítico e transformador*. In E. M. Q. O. Chamon, P. A. Guareschi, & P. H. F. Campos (Orgs.). *Textos e debates em representação social* (pp.17-40). Porto Alegre: ABRAPSO.
- Holzwarth, P., & Gauntlett. D. (ago. 2006). Creative and visual methods for exploring identities. *Visual Studies*, 21, 82-91. Recuperado de: <https://doi.org/10.1080/14725860600613261>
- Ivo, A. B. L. (2008). Georg Simmel e a "sociologia da pobreza". *Caderno CRH*, 21(52), 171-180. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792008000100013>
- Jorge, M. A. C. (2005). As quatro dimensões do despertar - sonho, fantasia, delírio, ilusão. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 8(2), 275-289. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982005000200008>

- Jacobsen, D. G. (2003). *Thinking in the Spirit: theologies of the early Pentecostal movement*. Bloomington, Indiana University Press.
- Josso, M. C. (2004). *Experiência de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez.
- Gramsci, A. (1968). *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Trad. de Luiz Mário Gazzaneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Grasiela, J. S. D. (jul. 2016). A Assistência Social no Brasil: da benemerência ao direito. *Socializando*, 3(1), 105-113.
- Gonçalves, R. C., & Lisboa, T. K. (2007). Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. esp., 83-92.
- Hobsbawn, E. J. (1994). *A era das revoluções*. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Kafka, F. (2004). *Carta ao Pai*; tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- Kafka, F. (2009). *A metamorfose*. São Paulo. Editora Hedra.
- Keith, M. M., & Brophy, J. T. (2004). Participatory mapping of occupational hazards and disease among asbestos-exposed workers from a foundry and insulation complex in Canada. *International Journal of Occupational and Environmental Health*, 10(2), 144-153.
- Koga, D., & Sposati, A. (2013). *São Paulo: sentidos territoriais e políticas sociais*: São Paulo: Senac.
- Kohn, R. 1998. Les Enjeux de l'observation : sur les enjeux de nos façons de percevoir et de décrire les faits humains et une exploration de l'observation questionnante. Paris: Anthropos. p. 121
- Kohut, H. (1988). *A análise do self*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kokis, S. Franz Kafka e a expressão da realidade. Rio de Janeiro, Guanabara: Tempo Brasileiro, 1967. (Coleção Temas de Todo Tempo, vol. 7)

- Justo, M. G. (2005). “Exculhidos”: ex-moradores de rua como camponeses num assentamento do MST. 2005. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Larsson, M. H. M. A. (1978). Evidências epidemiológicas da ocorrência de escabiose, em humanos, causada pelo *Sarcoptes scabiei* (DeGeer, 1778) var. *canis* (Bourguignon, 1853). *Revista de Saúde Pública*, 12(3), 333-339. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101978000300007>
- Lei nº 11.343/2006 que institui o Sistema Nacional de Políticas Sobre Drogas – SISNAD. Recuperado de: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=790351&fileame=LegislacaoCitada
- Lévy, A. (2001). *Ciências Clínicas e Organizações Sociais*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Lewis, O. (1951). *Life in a Mexican village: Tepoztlán restudied*. Urbana: University of Illinois Press.
- Lewis, O. (1959). *Five Families – Mexican Case Studies in the Culture of Poverty*. New York/Toronto, Mentor Book.
- Lima, A. F. (2014). História Oral e Narrativas de História de Vida: a vida dos outros como material de pesquisa. In Lima, A. F., & Júnior, N. L. (org.). *Metodologias de Pesquisa em Psicologia Social Crítica*. Porto Alegre: Sulina.
- Lipovetsky, G. (1983). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D’Água.
- Macerata, I., Soares, J. G. N., & Ramos, J. F. C. (2014). Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção Básica e a rua. *Interface*, 18, 919-930. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0210>

- MacRae, E. (2001). “*Antropologia: aspectos sociais, culturais e ritualísticos*”. In: Seibel, S. D.; Toscano Jr., A. (orgs). Dependência de drogas. Ed: atheneu.
- Magalhães, A. C. M., & Brandão, O. E. (2012). O Diabo na arte e no imaginário ocidental. In A. C. M. Magalhães et al. (org.). *O demoníaco na literatura* [on-line] (pp. 277-290). Campina Grande: EDUEPB.
- Maeso, E. U. A (2013). Kafka: estética e política de estranhamento. Dissertação Pós-Graduação de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).
- Magni, C. T. (2006). Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre. Porto Alegre: Edunisc.
- Mariano, R. (2005). Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola.
- Mendonça, A. G & Velasques, F. (2005). O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005.
- Meneghel, S. (2007). Histórias de vida – notas e reflexes de pesquisa. *Athenea Digital*, 12, 115-129.
- Morin, E. (2003). Os sete saberes necessários à educação do futuro. Brasília: Unesco.
- Morin, E. (2011). Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Negrão, A. M. M. (out. 2015). Programa de Pós-Graduação em educação – Mestrado: Qualificação de Elisete Soave Vianna. Anotações do Evento.
- Nogueira, D. O. (2008). “*Prosperidade’ na década de 1990: etnografia do compromisso de trabalho entre Deus e o fiel da Igreja Universal do Reino de Deus*”. Dados, v. 51, n. 1, p. 7-35.

- Oliveira, I. M. (2005). *Assistência Social após LOAS em Natal, a trajetória de uma política social entre o direito e a cultura do atraso*. Programa de estudos pós-graduados em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP.
- Paim Filho, I. A. (2019). Das umheimlich: um estrangeiro iluminando a escuridão. In I. A. Paim Filho. *Inconfidências Metapsicológicas Das Unheimliche*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Park, R. (1967). *A cidade: sugestões para investigação do comportamento humano. O fenômeno humano*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Park, P. E. (nov. 1994). Missions and the Modern World. *American Journal of Sociology*, 50(3), 177-183.
- Paugam, S. (1991). *La disqualification sociale. Essai sur la nouvelle pauvreté*. Paris: PUF.
- Paugam, S. (1993). *La disqualificación social: essai sur la nouvelle pauvreté*. Paris: PUF.
- Paugam, S. (1999). O Enfraquecimento e a Ruptura dos Vínculos Sociais. In B. Sawaia. *As Artimanhas da Exclusão – Análise Psicossocial e ética da Desigualdade Social* (pp. 67-86). São Paulo: Vozes.
- Paula, R. F. S. (2013). Assistência Social: direito público e reclamável. In Cruz, J. F. et al. *20 anos da Lei Orgânica de Assistência Social*. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome: Brasília: MDS.
- Paulilo, M. A. S. (jul./dez. 1999). A Pesquisa qualitativa e a História de Vida. *Serv. Soc. rev.*, 2(2), 135-148.
- Pawel, E. (1986). *O pesadelo da razão – uma biografia de Franz Kafka*. Trad.Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago Editora, (Coleção Logoteca).
- Piglia, R. (2006). *O último leitor*. (H. Jahn, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

- Pinto, B. O. S., Carreiro, T. C. O. C., & Rodriguez, L. S. (2015). Trabalhando no “entre”: a história de vida laboral como método de pesquisa em Psicossociologia. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 2(5), 941-985.
- Política Nacional de Assistência Social, Resolução n. 145, de 15/10/2004. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2004.
- Potyara, P. P. A. (2009). *Do Estado social ao Estado antisocial*. In: Pereira-Perera, Potyara A. et al. (Orgs.). *Política social, trabalho e democracia em questão*. Brasília: Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Política Social, Departamento de Serviço Social.
- Rhéaume, J. (2013). Relato de vida coletivo e empoderamento. In N. M. Takeuti, & C. Niewiadomski (Orgs.), *Reinvenções do Sujeito Social: Teorias e Práticas Biográficas* (pp. 166-188). Porto Alegre: Sulina
- Rodrigues, L. O. *Introdução à teoria de Max Weber*. Brasil Escola. Recuperado de: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/introducao-teoria-max-weber.htm>
- Rodrigues, S. R., & Lima, A. F. (jul./set. 2018). Identidade, Drogas e Saúde Mental: Narrativas de Pessoas em Situação de Rua. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 424-436. Recuperado de: <https://doi.org/10.1590/1982-37030004912017>
- Rosa, M. D. (2016). Clínica psicanalítica diante do desamparo social e discursivo: impasses e direção do tratamento. In M. D. Rosa (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Editora Escuta.
- Santos, B. S. (2010). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In B. S. Santos, & M. P. Menezes. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.

- Santos, I. M. M. dos, & Santos, R. S. (2008). A etapa de análise no método História de Vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 17(4), 714-719. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000400012>
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp.
- Sartre, J. P. (1987). Questão de método. In *Coleção Os pensadores* (3a ed., pp. 109-191). São Paulo: Nova Cultural. (Originalmente publicado em 1960).
- Sartre, J. P. (1997). *O ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes.
- Sennett, R. (1998). *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, A. P., Barros, C. R., Nogueira, M. L. M., & Barros, V. A. (2007). "Conte-me sua história": Reflexões sobre o método História de Vida. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 1(1), 25-35.
- Silva, E. M. (2004). Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. *Revista de Estudos da Religião*, 2, 1-14.
- Silva, J. P. S. (2018). Entre a angústia e o estranho: uma interlocução entre Kafka e Freud no âmbito da cultura. *Dossiê – Psicologia e Saúde: da formação às práticas e a gestão dos serviços*, 3(5). Recuperado de: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15947>
- Souza, L. K. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&tlng=pt
- Spinelli, D (2005). Algumas considerações sobre a Metamorfose de Kafka com base no texto “Anotações sobre Kafka” de Adorno. *Kaliope*, São paulo, ano 1, nº 2.

- Sposati, A. (2006). O primeiro ano do Sistema Único de Assistência Social. In: *Serviço Social & Sociedade* (n. 87, pp. 76-98). São Paulo, Cortez.
- Takeuti, N. M. (jan./dez. 2004/2005). O difícil exercício da alteridade. *Cronos*, Natal, 5/6(1/2), 59-77.
- Takeuti, N. M. (2009). Desafios da abordagem socioclínica e biográfica no contexto sociocultural e político brasileiro. In N. M. Takeuti, & C. Niewiadomski (Eds.). *Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas* (pp. 74-94). Porto Alegre: Sulina.
- Thomas, W. I., & Thomas, D. S. (1928). *The child in America*. Behaviour problems and programs. New York: Alfred A. Knopf.
- Vaismoradi, M. et al. (2013). Content analysis and thematic analysis: Implications for conducting a qualitative descriptive study. *Nursing and Health Sciences*, 15, 100-110.
- Vaismoradi, M. et al. (2016). Theme development in qualitative content analysis and thematic analysis. *Journal of Nursing Education and Practice*, 6(5), 398-405.
- Valencio, N. F. L. S. et al. (dez. 2008). Pessoas em situação de rua no Brasil: Estigmatização, desfiliação e desterritorialização. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 7(21), 556-605.
- Varanda, W. (2009). *Liminaridade, bebidas alcóolicas e outras drogas: funções e significados entre moradores de rua* (Tese de Doutorado). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI: 10.11606/T.6.2009.tde-18032011-164414.
Recuperado de: www.teses.usp.br
- Vares, S. F. (2011). Sociologismo e individualismo em Émile Durkheim. *Caderno CRH*, 24(62), 435-446. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792011000200013>

- Vieira Jr., Cezar, A., Ardans-Bonifacino, H. O., & Roso, A. (2016). A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. *Revista Subjetividades*, 16(1), 119-130. Recuperado de: <https://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.1.119-130>
- Zumthor, P.(2007). Performance, recepção e leitura. São Paulo: Cosac Nayfy, p.128.
- Wey, B., & Ferraz, I. (2012). A literatura Kafkiana e a percepção do mundo moderno. *Rev. Tempo da Ciência*, 19 (38). Recuperado de: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/9694>
- Wong, C. (2002). Clifford R. Shaw and Henry D. McKay, The Social Disorganization Theory. *CSISS Classics. UC Santa Barbara: Center for Spatially Integrated Social Science*. Recuperado de: <https://escholarship.org/uc/item/47j411pr>
- Yazbek, M. C. (2006) A assistência social na prática profissional: história e perspectivas. In: *Serviço Social & Sociedade* (n. 85). São Paulo: Cortez.

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a) Senhor (a), _____ está sendo convidado a participar da realização da pesquisa de Estudo Exploratório com os métodos interventivos de mapa corporal e história de vida em Pessoas em Situação de Rua, que tem como objetivo propiciar a promoção de saúde, ressignificação das experiências de vida dos usuários acompanhados no serviço do Centro Pop de Taguatinga, após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Essa será realizada com adultos em situação de rua. Sua participação no estudo consistirá em realizar o mapa corporal, como recurso narrativo da história de vida. A participação neste estudo dar-se-á em três encontros, com duração de 1 a 2 horas. Ressalta-se que a qualquer momento a desistência da pesquisa. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. O Sr. não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa. Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa poderá entrar em contato com a coordenadora responsável, Maria Inês Gandolfo, que pode ser localizada no Campus Universitário Darcy Ribeiro das 8 às 17h ou pelo e-mail inesgandolfo@gmail.com ou leylandpsi@gmail.com. Sua participação é importante e voluntária e as informações serão úteis para promover estratégias de promoção da saúde e empoderamento. Este termo será assinado em duas vias, pelo senhor e pelo responsável pela pesquisa, ficando uma via em seu poder. Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: " Mapa corporal e História de vida em Pessoas em Situação de Rua ".

_____/_____/____ Assinatura do entrevistado.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado _____

_____/_____/____ Assinatura do responsável pelo estudo.

ANEXO B

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mapa Corporal e História de Vida de Pessoas em Situação de Rua: Caminhos Rumo à Autonomia

Pesquisador: Maria Inês Gandolfo Conoeição

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 01610818.3.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia -UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.994.812

Apresentação do Projeto:

Desenho:

Pesquisa qualitativa com utilização do método de mapeamento corporal narrado de 30 pessoas em situação de rua do DF, que consiste em no mínimo três encontros de entrevista individual e aplicação do instrumento do mapa corporal narrado.

Resumo:

O presente projeto explora a contribuição que o método interventivo de mapa corporal e história de vida possui no desenvolvimento da autonomia de pessoas em situação de rua. A colocação dessas pessoas em moradias é um dos maiores desafios dos programas sociais, tendo em vista que tal procedimento requer autonomia e habilidades sociais e adaptativas. Neste estudo, os participantes serão 30 pessoas de ambos os sexos em situação de rua, que se encontram em acompanhamento psicossocial no Centro Pop de Brasília e Taguatinga UnB. A proposta é proporcionar, por meio de métodos ativos embasados em mapas corporais e relatos de histórias de vida, a construção de ressignificados de experiências vividas por essas pessoas em situação de rua, e os instrumentalizar na assunção da autonomia plena, nessa transição da morada-rua para a morada-oasa.

Hipótese:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 08/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)8107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.094.812

A transição de vivência de morada da rua para a morada-oasa passa pela inscrição das experiências vividas no espaço-corpo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Propiciar a construção de ressignificados de experiências vividas pela pessoa em situação de rua, com relação a sua trajetória nas ruas, bem como a possibilidade de retornar a viver em uma residência fixa.

Objetivo Secundário:

- 1- Construir as histórias de vida de pessoas em situação de rua mediadas pelo mapeamento corporal;
- 2- Identificar as marcos das experiências de trajetória nas ruas e suas expressões no mapa corporal;
- 3- Desrevelar as trajetórias individuais e sociais de pessoas em situação de rua e suas experiências transitórias da rua para residências fixa e/ou abrigos;
- 4- Contribuir para o fortalecimento da participação comunitária de pessoas em situação de rua.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Texto informado pela pesquisadora:

Riscos:

O acesso aos conteúdos subjetivos durante o mapeamento corporal narrado pode suscitarem lembranças que mobilizam sofrimento. Se detectada tal situação, o pesquisador oferecerá suporte imediato e/ou encaminhamento psicológico ao participante.

Benefícios:

A construção do mapa corporal narrado pode produzir insights, ajudar a fechar gestalts e promover a mudança de crenças negativas, podendo, portanto, funcionar como ferramenta terapêutica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foram utilizados métodos de mapeamento corporal e história de vida conjuntamente. Trata-se de um trabalho de campo de natureza da pesquisa-ação.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 08/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.994.812

Os participantes serão 30 pessoas de ambos os sexos em situação de rua, que se encontram em acompanhamento psicossocial no Centro Pop de Brasília e Taguatinga UnB.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- TCLE adequado, necessário atualizar CEP-CHS;
- Instrumento de coleta de dados;
- Aporte Institucional;

Recomendações:

- Na carta de Endossamento, é necessário substituir Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) por Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS);
- Essa substituição também deve ser feita no no TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma pendência ou inadequação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1235576.pdf	22/10/2018 13:52:30		Aceito
Outros	lattesines.pdf	22/10/2018 13:49:59	Maria Inês Gandolfo Conhecimento	Aceito
Outros	lattereserica.pdf	22/10/2018 13:49:02	Maria Inês Gandolfo Conhecimento	Aceito
Outros	lattesoida.pdf	22/10/2018 13:47:50	Maria Inês Gandolfo Conhecimento	Aceito
Outros	lattesleyland.pdf	22/10/2018 13:45:41	Maria Inês Gandolfo Conhecimento	Aceito
Outros	lattesflavia.pdf	22/10/2018 13:44:36	Maria Inês Gandolfo Conhecimento	Aceito
Outros	lattesbeatriz.pdf	22/10/2018 13:43:08	Maria Inês Gandolfo Conhecimento	Aceito
Outros	Lattesanaoelho.pdf	22/10/2018 13:41:54	Maria Inês Gandolfo Conhecimento	Aceito
Outros	lattesanaoavaloanti.pdf	22/10/2018 13:40:25	Maria Inês Gandolfo Conhecimento	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 08/1 (Ao lado da Direção)
 Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3107-1502 E-mail: cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.994.812

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projdetal.pdf	19/10/2018 18:14:11	Maria Inês Gandolfo Conoeição	Aoeito
Declarção de Instituição e Infraestrutura	aoitemap.pdf	19/10/2018 18:09:23	Maria Inês Gandolfo Conoeição	Aoeito
Outros	enoaminhamento.pdf	08/10/2018 22:18:28	Maria Inês Gandolfo Conoeição	Aoeito
Outros	instrumento.pdf	08/10/2018 21:37:15	Maria Inês Gandolfo Conoeição	Aoeito
Outros	CARTA.pdf	08/10/2018 21:34:49	Maria Inês Gandolfo Conoeição	Aoeito
Cronograma	Cronogramapa.pdf	08/10/2018 21:32:57	Maria Inês Gandolfo Conoeição	Aoeito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMAPA.pdf	08/10/2018 21:30:31	Maria Inês Gandolfo Conoeição	Aoeito
Folha de Rosto	folharos.pdf	08/10/2018 21:25:43	Maria Inês Gandolfo Conoeição	Aoeito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 01 de Novembro de 2018

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 08/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASILIA
Telefone: (61)8107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

APÊNDICE A

Roteiro das Entrevistas

Modalidade de Transcrição: Literal (Ipsis Litteris)

Execução

Mapa Corporal

1. Explicar a pesquisa e o que consiste no objeto de estudo: no caso o mapa corporal é recurso para compreender melhor a história de vida, por meio de representações visuais (imagens), além do próprio relato.
2. Trabalharemos com os seguintes materiais: canetas, gravuras, giz para confeccionar o mapa. Não precisa se preocupar com questões artísticas, porque o importante é a representação e os significados dos desenhos.
3. Para participar da pesquisa é essencial que concorde, já que o estudo é de livre consentimento. Lembro que por trabalhar com a história de vida é comum que haja reflexões no decorrer do processo, que envolve as emoções e dependendo do desconforto é permitido em qualquer etapa o desligamento da pesquisa.

Primeira etapa

1. Pedir ao participante deitar-se em uma folha e se posicionar em uma postura que o melhor represente, suas características, personalidade (tirar os acessórios para o contorno do corpo na posição escolhida).
2. Perguntar como se representam diante do processo de drogadição???
Como se representariam antes das drogas e depois?
3. Represente com desenhos ou cole imagens que conte sobre sua origem, identidade, família, vivências com as drogas.

Escolha símbolos que representem sua trajetória de vida, por exemplo, símbolos que demonstrem sua origem, estilo de vida atual, como vive hoje, o que pensa e sente atualmente.

4. Após refletir e escolher o símbolo, gostaria que pensasse sobre um slogan, na qual você escreverá ou colará uma frase que te representa, podendo ser até mesmo uma imagem, e qual o significado.

Considerações nesta primeira etapa

O porquê da escolha do símbolo e do slogan? O que a frase ou imagem significam? Qual sua filosofia de vida? O que você sente ao colocar estas representações nestas partes específicas do seu corpo? O que você também sente e o que elas representam pra você?

Segunda etapa

Marcas/ cicatrizes

Quais são os impactos das drogas no seu corpo (pontuar questões físicas e emocionais)? Como você se vê com o uso? Suas relações familiares, pessoais e de trabalho antes e após as drogas. Diante dessas perguntas, tente representar quais seriam as marcas dessas experiências no seu corpo, sentimentos. Pense como se fosse uma cicatriz, o que essa experiência te marcou e onde no seu corpo que ela tá presente? Como você pode também descrever seu dia a dia, seus vínculos afetivos, riscos de saúde ao ser dependente? Se a dependência química o incomoda ou incapacita, porque? Como começou/gatilhos/contexto de vida?

Auto-retrato

Tente representar, pensar como você se mostraria, descreveria para o mundo? O que falaria de si próprio? O que pensam sobre essa seguinte frase: vocês são o que o rosto te diz? Como representaria seu rosto (olhos, nariz, boca)? Qual seria a maneira simbólica que mostraria para as pessoas o que seu rosto representa? Qual mensagem, e o que você quer passar com a unicidade da sua face? O que te caracteriza?

Terceira Etapa

Resiliência e Enfrentamento

O que você gostaria de deixar como mensagem para o público diante da sua experiência (drogas)? Onde no mapa corporal colocaria essa mensagem?

Escaneamento Corporal

Relate seu sentimento diante da sociedade? Como se sente diante do olhar do outro? Sente algum tipo de preconceito/exclusão? Quais símbolos usaria para representar estes sentimentos? Viver diante dessa sociedade é um desafio? Da onde vem sua força diante destes problemas relatados? Onde as representaria no mapa corporal? Quais seriam seus maiores problemas? Quais são os recursos para conviver com essas dificuldades? Quais seriam suas lutas?

Estruturas de suporte

Você identifica pessoas que dão suporte? O que te fortalece diante deste contexto? Escolha um símbolo que demonstre o significado deste suporte? Pode ser no sentido espiritual, emocional, físico, pessoas e até instituições.

Desenho do Futuro

O que você imagina seu futuro sobre o seu futuro? Você tem sonhos? Como você representaria no seu mapa?

Narrativa dos Participantes

Nesse momento olhe para seu mapa, veja a história contado por você e realize um resumo sobre sua vida.

Exercício Final

No final da sua criação identifique se todos os elementos estão presentes, ou gostaria de acrescentar algo.